



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

**Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara – SP**

**ARIANE CROCIARI**

**INFÂNCIA, GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL:** percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo



**ARARAQUARA – S.P.**

**2020**

ARIANE CROCIARI

**INFÂNCIA, GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL:** percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo

Trabalho de Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcia Cristina Argenti Perez.

ARARAQUARA – S.P.  
2020

Crociari, Ariane  
Infância, Gênero e Educação Infantil: percepções e  
ações na e para a formação inicial do pedagogo /  
Ariane Crociari – 2020  
190 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação  
Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de  
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras  
(Campus Araraquara)

Orientador: Marcia Cristina Argenti Perez

1. Educação Infantil. 2. Educação Sexual. 3. Formação  
Inicial. 4. Gênero. 5. Infância. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ARIANE CROCIARI

**INFÂNCIA, GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL:** percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo

Trabalho de Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcia Cristina Argenti Perez.

Data da qualificação: 24/01/2020

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcia Cristina Argenti Perez**  
Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

---

**Membro Titular: Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Maria Margonari Favaro**  
Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

---

**Membro Titular: Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline Juliana Oja Persicheto**  
Faculdade Orígenes Lessa

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

*Aos meus queridos pais, Rosângela e João.  
À minha irmã, Aline, minha inspiração.  
Ao meu sobrinho, Gustavo, pela força diária.  
Ao meu amado noivo, Caio.*

## AQUARELA

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo.  
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo.  
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva.  
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva.

Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel  
num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu.  
Vai voando, contornando a imensa curva Norte e Sul.

Vou com ela viajando Havaí, Pequim ou Istambul.  
Pinto um barco a vela branco navegando,  
é tanto céu e mar num beijo azul.

Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená.  
Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar.  
Basta imaginar e ele está partindo, sereno e lindo  
e se a gente quiser ele vai pousar.

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida  
com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida.  
De uma América a outra consigo passar num segundo.  
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo.

Um menino caminha e caminhando chega no muro  
e ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está.  
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar

Não tem tempo nem piedade nem tem hora de chegar.  
Sem pedir licença muda nossa vida,  
depois convida a rir ou chorar.

Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá.  
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar.  
Vamos todos numa linda passarela  
de uma aquarela que um dia enfim  
Descolorirá.

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo (que descolorirá).  
e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo (que descolorirá).  
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo (e descolorirá).

## AGRADECIMENTOS

Talvez essa seja uma das partes mais difíceis de todo o processo. Transformar em palavras todo o sentimento de gratidão, todo o apoio oferecido e todo o acalento sentido, torna-se uma tarefa complexa visto o tamanho do amor envolvido e a necessidade de agradecimento a tantas pessoas que participaram de cada detalhe, desde o princípio. Difícil? Sim, mas não existe nada mais prazeroso do que falar, mencionar e prestar os mais sinceros agradecimentos a quem não mediu esforços para que toda essa pesquisa fosse realizada e da maneira mais tranquila possível.

A emoção transborda logo no primeiro parágrafo e me dedico aqui a falar com a voz do coração.

Inicio agradecendo imensamente a Deus, por me proporcionar o dom da vida, iluminando meus caminhos, minhas escolhas e meus pensamentos.

Agradeço aos meus pais, por sempre acreditarem e apoiarem as minhas decisões. Pela educação ofertada a mim fazendo todo esse processo ser possível e acarretando sempre em novos conhecimentos. Obrigada por caminharem ao meu lado, por me educarem no caminho da bondade oferecendo reflexões que me permitissem buscar o melhor como pessoa.

Agradeço a minha querida irmã, Aline minha inspiração pessoal e profissional. Mulher, mãe, professora, que arca lindamente com todas as funções que a vida lhe ofereceu. Obrigada por todo o apoio, pela presença constante, pelo cuidado, pelo carinho e por sempre confiar em meu potencial, até mesmo quando eu já não mais acreditava. Juntas somos mais fortes e juntas voamos mais longe. Obrigada por ser quem é e por tudo o que significa em minha vida.

Gratidão ao meu amado sobrinho, Gustavo que dentre as adversidades da vida reflete como uma luz de esperança, abrindo caminhos, trazendo leveza e diversão aos dias difíceis, transbordando de amor e carinho independente da situação. A minha luta sempre será por você.

Agradeço ao meu noivo, Caio por caminhar ao meu lado, me impulsionando, me fortalecendo e me admirando. Obrigada por todo o auxílio, pelas leituras, pelos elogios, pela compreensão e principalmente pelos cuidados. Gratidão por estar sempre por perto quando aquela lágrima insistia em cair, só você conseguia transformá-la em força para prosseguir. Seu

abraço cura tudo. Você me inspira a ser melhor e a buscar o melhor sempre sorrindo. É uma alegria imensa compartilhar a vida com você.

Agradeço a minha sogra, Fernanda, minha cunhada, Bruna e minha vó, Tereza. Que felicidade receber esse presente como família. Obrigada pela torcida e pelas boas energias emanadas desde a primeira etapa. Nosso companheirismo, amizade e cumplicidade me tornaram mais forte.

Como havia dito no início, quero cumprir transcrevendo os sentimentos advindos do coração. Meu avô, Marinho! Que esteve presente em todo o processo, todos os dias, como forma de luz, força, garra e inspiração. Cumpriu seu papel lindamente nesse trajeto o qual chamamos de vida. Como foi difícil vê-lo partir e conseguir continuar com as obrigações, sei que a força veio do senhor, querido vô e sei que está feliz e orgulhoso. Que honra ter tido a oportunidade de conviver com uma pessoa incrível e ser acolhida como neta. Neta de alma e de coração. Deixou seu legado e estará para sempre em meu coração!

Quero deixar registrado meu mais sincero e profundo agradecimento a banca de professores da qualificação e da defesa: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aline e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Denise. Com tamanha sensibilidade e cuidado, ofereceram contribuições enriquecedoras a pesquisa. Obrigada por disponibilizarem parte de seus tempos para focarem na leitura, nas sugestões e nos elogios.

Agradeço a minha querida e amada orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marcia. Tudo o que poderia escrever sobre essa linda relação é pouco perto do tamanho da minha gratidão. Um exemplo a ser seguido. Uma profissional íntegra, competente e acima de tudo, amiga. Trabalhar ao seu lado foi um grande presente. Quantos ensinamentos, quanto conhecimento, quanta bondade em compartilhar e me apresentar ao mundo da pesquisa. Obrigada por colocar brilho em meus olhos e por me fazer acreditar e lutar pela educação.

Ao Grupo GEPIFE. Quantos momentos especiais, quantas trocas, encontros, desabafos. Obrigada Andréa, Camila, Guilherme e Vanessa, com certeza esse trajeto foi mais rico, leve e divertido ao lado de amigos tão queridos.

As amigas de profissão, Daniela e Carina, por contribuírem com o andamento da pesquisa, sendo solícitas em auxiliar nas fotografias durante a aplicação da intervenção pedagógica.

Aos profissionais da Pós-Graduação pela competência e gentileza em todos os atendimentos e serviços prestados.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual pelas aulas incríveis, pelo acolhimento desde o processo seletivo, pela disponibilidade em ajudar, sempre e por tanto conhecimento transmitido.

Aos funcionários da UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara pelo comprometimento em tudo que lhes foram propostos. Obrigada pelas trocas de sorrisos diárias.

Agradeço as minhas colegas de trabalho da Escola Girassol, sempre solícitas quando precisei me ausentar por motivos específicos no decorrer do mestrado. Em especial, agradeço a Paula, diretora da escola, por permitir que eu caminhasse e cumprisse com todas as obrigações necessárias: disciplinas, congressos, qualificação, cursos, quanta empatia e sensibilidade de sua parte. Gratidão pelas felicitações em cada conquista. Você é especial.

Companheira de trabalho e amiga, Elaine, obrigada por compartilhar dos mesmos pensamentos, pelo entusiasmo de todos os dias e pelo interesse em todas as fases desse lindo trajeto. Como esquecer os pratinhos de comida feitos e guardados com amor quando alguns compromissos do mestrado me fizeram atrasar? Que delícia ter sua amizade.

E por fim, minha eterna gratidão aos alunos do quarto ano do ano de 2018, das turmas do diurno e do noturno, por aceitarem embarcar nessa aventura comigo. Vocês foram incríveis e fizeram um papel fundamental em meus estudos. Nada seria possível sem vocês. Quantos elogios e carinhos recebi e quantos ensinamentos obtive com cada um. Obrigada, queridos!

“Cada um que passa em nossa vida, leva um pouco de nós mesmos, e deixa um pouco de si mesmo. Há os que levam muito, e há os que deixam muito, mas não há os que não deixam nada.”

Antoine de Saint-Exupéry

Espero ter deixado um pouco em cada um que cruzou meu caminho, assim como deixaram muito em minha vida!

## RESUMO

A presente pesquisa apresenta como objetivo geral, compreender a formação inicial do pedagogo acerca da percepção dos conceitos de gênero no âmbito da Educação Infantil, assim como contribuir para sua melhor prática docente por meio de uma proposta interventiva. O trabalho com a formação inicial focada nas relações de gênero na infância foi motivado por compreender a existência da necessidade de um contato sistematizado com as temáticas. Caracterizada por um estudo empírico com uma abordagem quantitativa e qualitativa, a pesquisa enquadra-se em uma pesquisa-ação, trazendo o uso de um questionário como forma de coleta de dados. A demanda sinalizada foi contemplada em um curso ofertado aos estudantes, abrangendo questões teóricas e práticas divididas em dois dias de aplicação. O universo da pesquisa compreendeu duas turmas de 50 alunos cada, distribuídas no período diurno e noturno do curso de Pedagogia de uma Universidade Estadual Pública. Os resultados obtidos demonstraram uma defasagem no conhecimento da temática exposta, visto que as lacunas existentes no que diz respeito ao trabalho da Educação Sexual e Gênero tornam-se ainda mais escassas se atrelado à Educação Infantil, sem desconsiderar a complexidade existente no trabalho docente. Deparamo-nos também com o distanciamento dos pedagogos com o tema em questão, uma vez que a graduação fornece mínimo conhecimento e acaba por contribuir com a falta de preparo sinalizada pelos mesmos. Considera-se, assim, a importância do investimento na formação inicial como embasamento para melhor sistematização e aplicação dos conteúdos.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Educação Sexual, Formação Inicial, Gênero, Infância.

## **ABSTRACT**

This research presents as general objective, to understand the initial formation of the pedagogue about the perception of the concepts of gender in the scope of the Early Childhood Education, as well as to contribute to its best teaching practice through an intervention proposal. The work with initial formation focused on gender relations in childhood was motivated by understanding the existence of the need for a systematic contact with the themes. Characterized by an empirical study with a quantitative and qualitative approach, the research fits into an action research, bringing the use of a questionnaire as a form of data collection. The signaled demand was contemplated in a course offered to students, covering theoretical and practical questions divided into two days of application. The research universe comprised two classes of 50 students each, distributed during the day and night of the Pedagogy course of a Public State University. The results showed a gap in the knowledge of the exposed subject, since the gaps regarding the work of Sexual and Gender Education become even scarcer if linked to Early Childhood Education, without disregarding the complexity of teaching work. We are also faced with the distance of educators with the subject in question, since the undergraduate degree provides minimal knowledge and ends up contributing to the lack of preparation signaled by them. Thus, the importance of investing in initial training is considered as the basis for better systematization and application of content.

**Keywords:** Early Childhood Education, Sex Education, Initial Education, Gender, Childhood.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro "Jogos Infantis" de Flamengo Pieter Brueghel, 1560.....	33
Figura 2 – Slogan do Projeto .....	54
Figura 3 - Cronograma Teórico .....	87
Figura 4 - Projeto Aquarela .....	87
Figura 5 – Infância .....	88
Figura 6 - Conceito de infância.....	89
Figura 7 - História da Infância .....	89
Figura 8 - História da Infância .....	90
Figura 9 - Adulto em miniatura .....	91
Figura 10 - Trajes das crianças .....	91
Figura 11 - Início do sentimento .....	92
Figura 12 – Sexualidade .....	93
Figura 13 - Infância no Brasil .....	93
Figura 14 - Hierarquias de gênero no Brasil.....	94
Figura 15 - Hierarquias de gênero no Brasil.....	95
Figura 16 - Mudanças tecnológicas.....	96
Figura 17 – Tecnologia.....	97
Figura 18 - Propaganda Couro Fino.....	98
Figura 19 - Propaganda Courofino.....	99
Figura 20 - Propaganda Courofino.....	100
Figura 21 - Propaganda Lilica Ripilica .....	101
Figura 22 - Representatividade dos meninos.....	102
Figura 23 - Conceito moderno de infância .....	103
Figura 24 - Conceito de infância.....	103
Figura 25 - Referências Infância .....	104
Figura 26 - Indicação de leitura complementar. ....	105
Figura 27 - Sexo X Sexualidade .....	105
Figura 28 - Vídeo: As diferenças entre sexo e sexualidade.....	106
Figura 29 - Conceituando sexualidade .....	107
Figura 30 - Designando Sexualidade .....	108
Figura 31 - Educação Sexual. ....	108

<i>Figura 32 - Educação Sexual Escolar</i> .....	109
<i>Figura 33 - Verdade ou mentira?</i> .....	110
<i>Figura 34 – PCN</i> .....	111
<i>Figura 35 - Temas transversais</i> .....	111
<i>Figura 36 - Referências Sexualidade</i> .....	112
<i>Figura 37 - Primeira onda de feminismo</i> .....	112
<i>Figura 38 - Segunda onda do feminismo</i> .....	113
<i>Figura 39 – Mudança</i> .....	114
<i>Figura 40 - A mulher começa a ocupar o seu espaço</i> .....	114
<i>Figura 41 - Desigualdade de gênero</i> .....	115
<i>Figura 42- Construção social</i> .....	116
<i>Figura 43 - Gênero como construção social</i> .....	116
<i>Figura 44 - Vídeo: Minha vida de João</i> .....	117
<i>Figura 45 - Referências Gênero</i> .....	118
<i>Figura 46 - Hierarquias de Gênero</i> .....	119
<i>Figura 47 - Tirinha Turma da Mônica</i> .....	120
<i>Figura 48 - Gênero na escola</i> .....	123
<i>Figura 49 - Público X Privado</i> .....	124
<i>Figura 50 - Desigualdade de gênero</i> .....	125
<i>Figura 51 – Estereótipos</i> .....	126
<i>Figura 52 - Livro: Piadas sobre meninas</i> .....	127
<i>Figura 53 - Piada 1</i> .....	128
<i>Figura 54 - Piada 2</i> .....	128
<i>Figura 55 - Piada 3</i> .....	129
<i>Figura 56 - Piada 4</i> .....	129
<i>Figura 57 - Piada 5</i> .....	130
<i>Figura 58 - Piada 6</i> .....	130
<i>Figura 59 - Vídeo Estereótipos de gênero</i> .....	131
<i>Figura 60 - Retomando a pergunta</i> .....	132
<i>Figura 61 - Gênero e Sexualidade: Práticas pedagógicas</i> .....	133
<i>Figura 62 - Práticas pedagógicas</i> .....	133
<i>Figura 63 - Vídeo: O que é trabalhar gênero nas escolas?</i> .....	134
<i>Figura 64 - Atividade 1: O que carrega na mochila de um menino e de uma menina?</i> .....	134
<i>Figura 65– Objetivos</i> .....	135

<i>Figura 66</i> - Materiais utilizados .....	135
<i>Figura 67</i> - Realizando a atividade.....	136
<i>Figura 68</i> - Possibilidades de abordagem.....	136
<i>Figura 69</i> - Possibilidades de abordagem.....	137
<i>Figura 70</i> - Atividade 2: Caixa surpresa.....	139
<i>Figura 71</i> – Objetivo.....	139
<i>Figura 72</i> - Materiais utilizados .....	140
<i>Figura 73</i> - Realizando a atividade.....	140
<i>Figura 74</i> - Realizando a atividade.....	141
<i>Figura 75</i> - Possibilidades de abordagem.....	142
<i>Figura 76</i> - Atividade 3: Bombeira e professor! Posso ser o que eu quiser?.....	143
<i>Figura 77</i> – Objetivo.....	144
<i>Figura 78</i> - Materiais utilizados .....	144
<i>Figura 79</i> - Realizando a atividade.....	145
<i>Figura 80</i> - Possibilidades de abordagens.....	145
<i>Figura 81</i> - Atividade 4: Adotando um bebê .....	146
<i>Figura 82</i> – Objetivo .....	146
<i>Figura 83</i> - Materiais utilizados .....	147
<i>Figura 84</i> - Realizando a atividade.....	147
<i>Figura 85</i> - Realizando a atividade.....	149
<i>Figura 86</i> - Possibilidades de abordagem.....	149
<i>Figura 87</i> - Exemplo: Carteira de identidade.....	150
<i>Figura 88</i> - Atividade em grupo.....	150
<i>Figura 89</i> – Referências.....	151

## LISTA DE FOTOS

<i>Foto 1</i> - Material didático.....	138
<i>Foto 2</i> - Demonstração do material didático. ....	138
<i>Foto 3</i> - Material didático.....	142
<i>Foto 4</i> - Interação com o material.....	143
<i>Foto 5</i> - Marcador de página. ....	151
<i>Foto 6</i> - Dinâmica da árvore: diurno.....	152
<i>Foto 7</i> - Dinâmica da árvore: noturno.....	158
<i>Foto 8</i> - Material pedagógico.. ....	162
<i>Foto 9</i> - Material didático.....	163
<i>Foto 10</i> - Material didático.....	163
<i>Foto 11</i> - Material didático.....	164
<i>Foto 12</i> - Desenho explicativo da atividade: Isso é de quem? .....	168
<i>Foto 13</i> - Desenho explicativo da atividade: Isso é de quem?. ....	168
<i>Foto 14</i> - Material didático.....	170
<i>Foto 15</i> - Material didático.....	170
<i>Foto 16</i> - Desenho explicativo da atividade: Roleta de profissões.....	175

## LISTA DE GRÁFICOS

<i>Gráfico 1</i> - Participante da pesquisa. ....	55
<i>Gráfico 2</i> - Idade dos participantes. ....	56
<i>Gráfico 3</i> - Outra formação acadêmica. ....	57
<i>Gráfico 4</i> - Experiência profissional. ....	58
<i>Gráfico 5</i> - Contato com Educação Sexual. ....	59
<i>Gráfico 6</i> - Diferenças entre as infâncias. ....	59
<i>Gráfico 7</i> - Semelhanças entre as infâncias. ....	62
<i>Gráfico 8</i> - Educação Sexual e Gênero como parte da Educação Básica. ....	64
<i>Gráfico 9</i> - Início da Educação Sexual. ....	65
<i>Gráfico 10</i> - Formação específica no curso sobre Educação Sexual e Gênero. ....	65
<i>Gráfico 11</i> - Intervenção Fantasias. ....	66
<i>Gráfico 12</i> - Intervenção Brincadeiras. ....	67
<i>Gráfico 13</i> - Intervenção mediante a posição contrária dos pais. ....	68
<i>Gráfico 14</i> - Intervenção mediante a posição contrária da equipe gestora. ....	69
<i>Gráfico 15</i> - Dúvidas ou comentários. ....	70
<i>Gráfico 16</i> - Participantes da pesquisa. ....	71
<i>Gráfico 17</i> - Idade dos participantes. ....	72
<i>Gráfico 18</i> - Possui outra formação acadêmica. ....	72
<i>Gráfico 19</i> - Experiência profissional educacional. ....	73
<i>Gráfico 20</i> - Contato com Educação Sexual. ....	74
<i>Gráfico 21</i> - Diferenças entre as infâncias. ....	76
<i>Gráfico 22</i> - Semelhanças entre as infâncias. ....	76
<i>Gráfico 23</i> - Educação Sexual e Gênero como parte da Educação Básica. ....	78
<i>Gráfico 24</i> - Início da Educação Sexual. ....	78
<i>Gráfico 25</i> - Formação específica no curso sobre Educação Sexual e Gênero. ....	79
<i>Gráfico 26</i> - Intervenção Fantasias. ....	79
<i>Gráfico 27</i> - Intervenção Brincadeiras. ....	81
<i>Gráfico 28</i> - Intervenção mediante a posição contrária dos pais. ....	82
<i>Gráfico 29</i> - Intervenção mediante a posição contrária da equipe gestora. ....	83
<i>Gráfico 30</i> - Dúvidas ou comentários. ....	84
<i>Gráfico 31</i> - Melhor preparo após a intervenção?. ....	154
<i>Gráfico 32</i> - Melhor preparo após a intervenção?. ....	159

<i>Gráfico 33</i> - Responderam a questão solicitada. ....	165
<i>Gráfico 34</i> - Responderam a questão solicitada. ....	171

## LISTA DE QUADROS

<i>Quadro 1</i> - Elementos considerados pertinentes para análise .....	43
---	----

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

BNCC Base Nacional Comum Curricular

GEPIFE Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

RCN Referencial Curricular Nacional

UNESP Universidade Estadual Paulista

USP Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	20
1.2	Metodologia .....	25
2	INFÂNCIA: DA HISTÓRIA À CONTEMPORANEIDADE .....	28
3	GÊNERO: DA HISTÓRIA À CONTEMPORANEIDADE.....	37
4	O QUE ESTAMOS ESTUDANDO SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS LACUNAS NA FORMAÇÃO DOCENTE .....	41
4.1	Caracterização dos estudos .....	42
4.2	Atuação e Formação Docente.....	48
5	PROJETO AQUARELA: COLORINDO A EDUCAÇÃO.....	54
5.1	Projeto Aquarela e Pesquisa - Ação: a escrita dos participantes .....	55
5.1.1	Diurno .....	55
5.1.2	Noturno .....	71
5.2	Projeto Aquarela e Pesquisa – Ação: a formação a partir das demandas.....	85
5.2.1	Tecendo saberes.....	86
5.2.2	Compartilhando Práticas .....	132
6	A ESCUTA DOS PARTICIPANTES.....	152
6.1	Diurno – Tecendo saberes.....	152
6.2	Noturno – Tecendo saberes.....	157
6.3	Diurno – Compartilhando práticas.....	161
6.4	Noturno – Compartilhando práticas.....	169
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	176
8	APÊNDICE .....	179
8.1	Questionário .....	179
8.2	Termo de consentimento e autorização.....	183
9	REFERÊNCIAS.....	184

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse em estudar as relações de Gênero juntamente com a formação inicial de professores, ocorreu ainda na graduação, ao decorrer do curso de Pedagogia e se intensificou por meio das experiências adquiridas profissionalmente, por assim entender que os profissionais educacionais necessitam de um melhor preparo para lidar com questões consideradas complexas e de forte cunho pessoal.

As vivências profissionais tiveram início em 2013, no primeiro ano de graduação. A participação em um Projeto de Extensão trouxe experiências significativas para compreender a importância da ludicidade como instrumento para formação do cidadão. Logo após, em 2014, um estágio com ênfase em educação especial aumentou a sensibilidade e a importância do preparo profissional para atuar no âmbito escolar, promovendo assim, possibilidades para ofertar um ensino de qualidade. E por fim, em 2015, experiências adquiridas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, PIBID, contribuíram para a construção da formação docente e enfatizaram o interesse em estudar e se especializar para auxiliar nas formações futuras.

Os três anos citados foram complementados pela participação no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Infância Família e Escolarização, GEPIFE. As reuniões ocorrem na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, no Campus de Araraquara e contam com a participação de diversos pesquisadores contribuindo para a formação pessoal e profissional de todos. A atuação e os intensos estudos e experiências compartilhadas no grupo perduram até o presente momento, enriquecendo todo o conhecimento adquirido.

O impasse, sempre existente, da constante separação e incessante diferenciação entre meninos e meninas, acaba por reforçar preconceitos, subordinações, relações de poder e pré-julgamentos. Diante inúmeros acontecimentos presenciados no âmbito escolar, tais como: a separação de gêneros em filas; os brinquedos pertencentes e utilizados somente por meninos ou meninas; a cor azul sempre representada para meninos e a cor rosa para as meninas, fizeram com que ocorresse a reflexão sobre o tema e resolvesse pesquisar a fim de promover possibilidades para amenizar tais segregações.

Não só as experiências negativas refletiram o interesse pelo tema, algumas inteiramente positivas aumentaram as expectativas em relação ao estudo proposto. Experiências profissionais atuais demonstraram a proposta de uma escola totalmente imersa em um contexto livre de preconceitos e segregações, desde a escolha de seus profissionais até o tratamento e a educação fornecida aos seus alunos. A liberdade para se trabalhar assuntos de extrema importância, como a Sexualidade, desde a tenra idade, era incrível e as relações de Gênero eram tratadas de maneira excepcional durante as brincadeiras, de forma lúdica e inteiramente leve.

Diante as experiências citadas, em ambos os ambientes profissionais, torna-se claro a influência do professor, seja ela carregada de estereótipos ou livre de preconceitos e pré-julgamentos, destacando com isto a importância de se debruçar na formação inicial para que ocorra a formação íntegra de seus alunos.

A oportunidade de vivenciar experiências completamente distintas e de ponderar e analisar os resultados apresentados pelas próprias crianças expostas em ambos os ambientes, enfatizaram o interesse e a busca por novos conhecimentos sobre o tema, além de repensar em um melhor preparo profissional com o intuito de transmitir valores fundamentais para a construção de cidadãos respeitosos e críticos.

Segundo Maia e Ribeiro (2011), a Sexualidade compreende um conceito histórico e amplo, sendo representado de maneiras diversas, indo ao encontro da cultura e do momento histórico estabelecido. Por possuir componentes sociais, biológicos e psicológicos ela está presente em todo e qualquer ser humano, porém, sua manifestação em cada um ocorre de modo subjetivo e particular.

Ainda, na visão dos autores supracitados, a Sexualidade ocorre de maneira coletiva em padrões sociais que são apreendidos e aprendidos durante a socialização. Dessa forma, todas as atitudes, comportamentos, valores e manifestações ligados à Sexualidade estão presentes em cada indivíduo desde o seu nascimento, originando aquilo que se denomina Educação Sexual.

Inteiramente atrelado ao conceito de Sexualidade, nos deparamos com as questões das relações de Gênero.

Louro (1997) sinaliza que:

[...] é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. [...] As concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem. (p.22 – 23).

Segundo Ruis (2015) estamos inseridos em um contexto no qual diariamente aprendemos a ser menino e menina através da cultura ofertada nos discursos provenientes da sociedade. Os diferentes meios de comunicação existentes reforçam as idealizações de feminino e de masculino apresentando padrões que são facilmente e inteiramente incorporados pelas crianças, e diante disto, acabam por reforçar as desigualdades mediante a diversidade das identidades de Gênero.

A desigualdade encontra-se no centro da pesquisa e motiva a escolha de se trabalhar com professores em processo final de formação e com a Educação Infantil, a fim de acumular conhecimentos para, então, promover possibilidades para desconstruir, desde a tenra idade, os estereótipos que as reforçam. A Educação Infantil pode e deve ser vista como um ambiente extremamente importante com o intuito de enfatizar e enraizar o respeito ao próximo.

Assim como as crianças, o conceito de Gênero também representa todo um processo construído historicamente e reflete a cultura que se encontra designado. É passível de diferentes representações de acordo com o contexto analisado e exposto constantemente à alterações.

Como comprovação, Scott (1995), enfatiza que:

[...] a identificação de gênero, mesmo quando ela aparece sendo coerente e fixa, é de fato extremamente instável. [...] as ideias conscientes do masculino e do feminino não são fixas, já que elas variam segundo os usos do contexto. Esse tipo de interpretação torna problemáticas as categorias “homem” e “mulher” sugerindo que o masculino e o feminino não são características inerentes e sim construções subjetivas (ou fictícias). Essa interpretação implica também que o sujeito se encontra num processo constante de construção. (p.16).

Pensando nessas definições como fundamentação teórica da pesquisa, o objetivo geral é compreender a formação inicial do pedagogo acerca da percepção dos conceitos de gênero no âmbito da Educação Infantil, assim como contribuir para sua melhor prática docente, favorecendo reflexões por meio de uma proposta interventiva.

Os objetivos específicos apresentam-se como: analisar as concepções/percepções referentes às relações de gênero na infância; sistematizar um conjunto de atividades lúdicas para subsidiar ações pedagógicas na Educação Infantil e verificar a pertinência da proposta interventiva na construção de novos olhares para o trabalho com as questões de gênero na Educação Infantil.

A pesquisa será apresentada da seguinte forma:

O referencial teórico abrangeu a definição dos conceitos de Infância, Gênero e Formação Docente, fornecendo elementos para compreender os processos históricos e seus desdobramentos até a chegada da contemporaneidade.

Logo após, os itens que abrangem a apresentação da pesquisa, as análises dos materiais e as discussões dos resultados encontram-se divididas em: exibição da pesquisa por meio do Projeto Aquarela trazendo as respostas da aplicação do questionário. E, em seguida, a proposta da formação a partir das demandas sinalizadas, sendo divididas em duas partes: a primeira, tecendo saberes, ilustrando a parte teórica e, a segunda, compartilhando práticas apresentando as atividades lúdicas e os materiais didáticos.

E, por fim, a escuta dos participantes elencando as observações, os comentários e as participações ocasionadas durante a aplicação da intervenção.

Inicialmente, a pesquisa irá apresentar os resultados obtidos por meio da aplicação do questionário, sendo que todas as perguntas foram ilustradas por gráficos, criando assim uma melhor visualização e formando um quadro geral do panorama das turmas em relação aos assuntos propostos. A análise ocorrerá primeiramente na turma do diurno e, após, na turma do noturno.

Em seguida, ocorrerá a transcrição da proposta interventiva, trazendo na íntegra o curso ofertado aos estudantes. As imagens apresentadas ao decorrer do texto são reais e foram igualmente utilizadas na aplicação. Tal decisão é norteada pela escolha da pesquisa-ação, acentuando a relevância dos fundamentos teóricos conduzirem os dados empíricos. Vale

ressaltar que a construção do texto ocorreu mediante a apresentação dos conhecimentos metodológicos articulando o que/como foi feito com as questões teóricas. A importância de sistematizar no corpo do trabalho todo o conteúdo apresentado na formação vem ao encontro, principalmente, das propostas de um mestrado profissional, fornecendo ferramentas de estudo, além de elementos práticos e palpáveis para os leitores/pesquisadores/professores, uma vez que a lacuna dentro desta temática foi sinalizada por meio da aplicação do questionário.

A apresentação começará com o primeiro dia, trazendo os conceitos teóricos e seus complementos e posteriormente a explanação do segundo dia, enfatizando as práticas relacionadas ao trabalho de Educação Sexual e Gênero na Educação Infantil.

Após a apresentação da base teórica, o texto transcorrerá por meio da participação ativa dos estudantes e trará as falas, escritas e registros de tais. Esta seção será segregada entre a turma diurna e noturna, do primeiro dia de curso, trazendo a atuação juntamente com as respostas individuais da atividade proposta e as turmas diurna e noturna, do segundo dia de curso, evidenciando a laboração prática e a atividade lúdica proposta em grupo. Finalizando assim, a proposta interventiva.

A necessidade de investimento na Formação Inicial surgiu por meio da demanda sinalizada pelos alunos, enfatizando a falta de preparo para lidar com questões temáticas referentes à Educação Sexual e Gênero. A pesquisa-ação foi selecionada como metodologia, por assim entender que a proposta de tal ferramenta vem ao encontro dos objetivos estabelecidos fornecendo argumentos para a sistematização do conhecimento teórico.

Com isto, torna-se necessário aprofundar os estudos nas relações de gênero, a qual trará contribuições sólidas para que se possa atuar com maior efetividade na prática, trazendo um maior conhecimento teórico por intermédio da formação inicial docente, para que o futuro profissional no tocante ao desenvolvimento de práticas pedagógicas abarque a problemática da Educação Sexual.

## 1.2 Metodologia

A presente pesquisa é caracterizada por um estudo empírico com abordagem quantitativa e qualitativa focada no método de investigação da pesquisa-ação, tal estratégia de aprendizagem foi adotada por assimilar que esta metodologia acaba por considerar “a descrição de situações concretas por meio de observações e ações em meios sociais” (Corrêa, Campos & Almagro, 2018, p. 63).

A concepção metodológica da pesquisa-ação encontra-se intimamente ligada à prática, buscando melhorias significativas por meio de ações estipuladas e informadas por técnicas específicas.

Segundo Tanajura e Bezerra (2015), a pesquisa caracterizada como pesquisa-ação equivale a uma metodologia baseada na transformação da realidade e na produção de conhecimento. Os problemas são detectados por meio da investigação dos sujeitos da pesquisa e de acordo com os resultados obtidos as soluções são pensadas para culminar em transformações, assim “o papel metodológico da pesquisa-ação consiste em tentar elucidar, de forma eficiente e eficaz, problemáticas as quais os métodos tradicionais efetivamente não conseguem contemplar” (Tanajura & Bezerra, 2015, p.16).

A pesquisa-ação apresenta-se como um:

[...] processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. (Tripp, 2005, p.445-446)

A escolha da ferramenta de coleta e medição de dados foi um questionário, o qual foi aplicado à graduandos do último ano/último semestre do curso de Pedagogia de uma Instituição Pública de Ensino Superior, por assim compreender que esta metodologia vem ao encontro do objetivo que é compreender a formação do pedagogo quanto a percepção dos

conceitos de gênero no âmbito da Educação Infantil, assim como contribuir para sua melhor prática docente através de uma proposta interventiva.

O universo do presente estudo englobou uma população compreendida por duas turmas de 50 alunos cada, uma no período diurno e outra no período noturno do curso de Pedagogia. O questionário<sup>1</sup> foi aplicado no segundo semestre do ano de 2018, na primeira aula da disciplina Jogos, Brinquedos e Brincadeiras na Educação da Infância, uma vez que a pesquisadora em questão encontrou-se em tal turma realizando estágio de docência. Por meio dos dados obtidos pelo questionário, uma intervenção foi formulada e aplicada, no mês de outubro, a fim de promover possibilidades para construir/desconstruir conceitos e pré-conceitos, além de apresentar propostas lúdicas para caracterizar a prática docente do pedagogo.

A pesquisa também abrangeu a inclusão de um termo de consentimento<sup>2</sup>, o qual foi apresentado junto ao questionário, abarcando assim as questões éticas do estudo, conferindo confiabilidade, segurança e anonimato.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), uma pesquisa qualitativa pode ser elencada de acordo com as seguintes características: o pesquisador corresponde ao objeto principal e a fonte direta dos dados representa o ambiente natural; tais dados podem ser descritos e apresentados através de imagens e de palavras; ocorre necessariamente uma maior valorização do processo em relação aos resultados; a análise dos dados acontece de forma indutiva, sempre considerando as opiniões dos sujeitos participantes quanto ao tema em questão.

De acordo com Falcão e Régnier (2000), o processo dito como quantificação de dados, implica na mobilização de um sistema de medidas utilizado para mensurar dados abstratos de acordo com um determinado fenômeno. Falcão e Régnier (2000) propõem ainda que a pesquisa quantitativa “[...] abrange um conjunto de procedimentos, técnicas e algoritmos destinados a auxiliar o pesquisador a extrair de seus dados subsídios para responder à(s) pergunta(s) que o mesmo estabeleceu como objetivo(s) de trabalho”. (p.232).

Conforme destaca Gatti (2004):

---

<sup>1</sup> Apêndice 8.1

<sup>2</sup> Apêndice 8.2

Os métodos de análise de dados que se traduzem por números podem ser muito úteis na compreensão de diversos problemas educacionais. Mais ainda, a combinação deste tipo de dados com dados oriundos de metodologias qualitativas, podem vir a enriquecer a compreensão de eventos, fatos, processos. (Gatti, 2004, p.13).

A junção desses dois métodos implica em um rico processo de análise e por consequência, de resultados obtidos, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa educacional.

## 2 INFÂNCIA: DA HISTÓRIA À CONTEMPORANEIDADE

Infância e criança são termos simples utilizados desde a Antiguidade, para designar uma etapa da vida e a pessoa que desfruta de tal etapa. Simples aparentemente, estes termos representam todo um processo construído historicamente. O termo infância é caracterizado por “período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento à puberdade; puerícia; meninice” (Ferreira, 1993, p. 304). Atendendo-se ao significado oferecido, nos deparamos com uma simples e singela frase que acaba por ofuscar a essência da infância na vida de uma criança. A complexidade desta palavra reflete na sociedade desde a Antiguidade, onde este período de vida era caracterizado de acordo com as necessidades dos adultos.

Segundo vários estudos na área da História da Infância, recorrendo a autores clássicos e contemporâneos, como Ariès (1973), Chartier (2009), Heywood (2004) e Crociari e Perez (2018), o conceito de infância foi historicamente construído com a modernidade. Sendo assim, por meio dos estudos que analisam registros históricos, podemos compreender que a infância passou por diversas caracterizações e o estudo destas mudanças se faz relevante para o conhecimento e o entendimento do papel da infância, de suas necessidades e do papel social da criança.

Devemos pensar em infância não como uma palavra singular, individualizada, mas sim como um conceito plural que abrange a criança, sua família e todas as pessoas que de alguma forma contribuem para sua formação e crescimento. Plural no sentido da palavra, demonstrando assim a complexidade de tal conceito, acatando e respeitando a heterogeneidade das crianças.

Ariès (1973) em sua obra *História Social da Infância e da Família* evidencia um panorama, projetando perfis de particularidades da Infância a partir do século XII, correlatando o sentimento sobre a infância, o comportamento das crianças no meio social de acordo com a época em questão e a relação com as famílias no âmbito familiar. Algo relevante a se destacar é a (não) existência de um sentimento relacionado à infância e às crianças. Mudanças de valores, de práticas sociais e de costumes marcaram a ruptura da cultura medieval em relação à moderna.

Os estudos de Ariès (1973) referentes à Idade Média estavam pautados no contexto da nobreza europeia e incutiam a ideia de que a primeira idade era correspondida pela infância, a

qual circunscrevia o nascimento até os sete anos de idade. *Enfant* era assim chamada, atentando-se ao seu significado, não falante, pois nessa idade as crianças ainda não pronunciavam as palavras com clareza.

A ausência de uma afeição ligada à infância, bem como a ausência de um sentimento geral em relação às fases perpassadas pelo homem, pode ser observada desde os primeiros relatos da obra de Ariès (1973), uma vez que, referindo-se as idades da vida, estas não condiziam apenas as etapas biológicas, mas sim as funções sociais do indivíduo.

Segundo Ariès (1973):

[...] a ideia de uma vida dividida em etapas bem delimitadas, correspondendo a modos de atividades, a tipos físicos, a funções e a modas de vestir. A periodização da vida tinha a mesma fixidez que o ciclo da natureza ou a organização da sociedade. (p.10).

Nos estudos de Ariès (1973), Chartier (2009) e Heywood (2004), até o fim do século XIII as crianças não eram representadas por suas características próprias, mas sim adultos representados em tamanhos reduzidos. A infância, na época do contexto, era desconhecida e desinteressante, pois equivalia somente a um período de transição, sendo logo sobrepujado e conseqüentemente desmemoriado.

Constatamos nas obras de Ariès (1973) e Chartier (2009) que até o século XVIII a adolescência e a infância constituíam etapas bem próximas e semelhantes, sendo confundidas, uma vez que não existia delimitações entre uma fase e outra. A partir desta desorientação causada entre as etapas, as conseqüências acarretavam em uma longa duração da infância, demonstrando com isto uma enorme indiferença sentida pelos fenômenos biológicos. A infância apresentava-se intimamente adjunta à dependência, uma vez que só se desvinculava deste período ao sair da dependência. Em sua obra, Ariès (1973) destaca a fragilidade da criança assim como sua desvalorização.

Aos poucos, a iconografia começa a apresentar as primeiras representações de crianças equiparadas com o sentimento moderno. De acordo com os relatos na obra de Ariès (1973), surge a figura do anjo, representado por artistas que transpareciam em suas pinturas traços

redondos e graciosos, evidenciando afeição e importância em representar com leveza as peculiaridades das crianças. O segundo tipo de criança foi o Menino Jesus, sua representação, em contrapartida, era mais realista e mais sentimental. O terceiro tipo foi a criança nua, representando a entrada da alma no mundo, fato este miraculoso e sagrado. Um fato de importante destaque consistia nas crianças reproduzidas, quase que em sua maioria, na presença de seus familiares e companheiros.

De acordo com Ariès (1973):

Isso nos sugere duas ideias: primeiro, a de que na vida quotidiana as crianças estavam misturadas com os adultos, e toda reunião para o trabalho, o passeio ou o jogo reunia crianças e adultos; segundo, a ideia de que os pintores gostavam especialmente de representar a criança por sua graça ou por seu pitoresco. (p. 21).

Surge, então, o sentimento da infância “engraçadinha”, ocasionando nos primeiros relatos de Ariès (1973) ao anúncio do sentimento moderno da infância.

Ainda de acordo com o autor supracitado, a iconografia foi também um marco da existência de outro sentimento em seus quadros. Os altos índices de mortalidade infantil eram relevados por uma falta de sensibilidade e indiferença diante os fatos e a perda das crianças. Elas não eram reconhecidas e suas mortes eram tampouco sentidas. A morte era observada por fatores normais nas condições demográficas da época. No século XVI, sucede a eclosão das efígies de crianças mortas, alegando que o perecimento desta criança não era mais considerado inexorável e que os adultos começavam a nutrir o desejo de perpetuar a reminiscência de uma alma infindável.

Atentamo-nos aqui para o surgimento de um novo sentimento, segundo Ariès (1973), entre os séculos XVII e o fim do século XIX:

A cerimônia da primeira comunhão tornou-se a manifestação mais visível do sentimento da infância entre os séculos XVII e o fim do século XIX: ela celebrava ao

mesmo tempo seus dois aspectos contraditórios, a inocência da infância e sua apreciação racional dos mistérios sagrados. (p.98).

O propósito aqui era de resgatar o sentido da inocência infantil, preservando a criança da sujeira da vida, da sexualidade imposta pelos adultos, com o intuito de fortalecê-la, desenvolvendo o caráter e a razão.

A criança por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, mas sim como um adulto em miniatura. A comprovação deste fato ocorre mediante diversos fatores, como relata Ariès (1973), dentre eles: a vestimenta das crianças; a precocidade em relação ao aprendizado e aos ofícios e a vida social.

O traje infantil da época demonstra o quanto a infância era pouco particularizada. O cueiro era logo precedido por roupas adultas, as quais se assemelhavam as roupas utilizadas por homens e mulheres, aproximando as crianças dos adultos. Somente no século XVII, segundo Ariès (1973), que os trajes das crianças passam a ter suas características diferenciadas das vestimentas adultas, tendo um traje reservado e apropriado à sua idade. Esta época é marcada pela utilização de vestidos, tanto em meninas quanto em meninos. Os meninos mais novos usavam saias, vestidos e aventais. As roupas passam a ser apropriadas para o corpo, beneficiando o desenvolvimento das crianças somente ao final do século XVIII, tornando-se mais leves e folgadas, favorecendo a liberdade infantil. Surge aqui um novo sentimento: a constituição das crianças numa sociedade separada dos adultos.

Ariès (1973) destaca em sua obra a tela<sup>3</sup> *The Habert de Montmort Children*, de Philippe de Champaigne que representa os sete filhos da família Harbert datado de 1649,

---

<sup>3</sup> Tela de Philippe de Champaigne: *The Habert de Montmort Children*, de 1649.



Disponível em: [www.philippedechampaigne.org](http://www.philippedechampaigne.org)

caracterizando as crianças mais novas e suas vestimentas mais apropriadas, demonstrando o afastamento do mundo adulto.

Os dois gêmeos que estão afetuosamente de mãos dadas e ombros colados, não estão mais vestidos como adultos. Usam um vestido comprido, diferente daqueles das mulheres, pois é aberto na frente e fechado ora com botões, ora com agulhetes [...] (Ariès, 1973, p. 32-33).

Em conformidade com os relatos de Ariès (1973), deparamo-nos com minuciosos detalhes sobre a vida de uma criança no início do século XVII. As crianças eram precocemente incorporadas às aulas de músicas, canto, danças, as quais favoreciam para que dentre três e quatro anos estas já começavam a ler e a escrever. Aos sete anos abandonavam os trajes da infância, os brinquedos, participavam de jogos de azar e passavam a ser entregues aos cuidados dos homens, adentrando oficialmente na vida adulta. Esta idade foi marcada e fixada, no século XVII, como a idade em que a criança inicia sua trajetória escolar e é introduzida no âmbito trabalhista.

Em relação aos jogos de azar, Ariès (1973) enfatiza uma atitude que demonstra o surgimento de mais um sentimento da infância:

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, porém, estabeleceu-se um compromisso que anunciava a atitude moderna com relação aos jogos, fundamentalmente diferente da atitude antiga. Esse compromisso nos interessa aqui porque é também um testemunho de um novo sentimento da infância: uma preocupação, antes desconhecida, de preservar sua moralidade e também de educá-la, proibindo-lhe os jogos então classificados como maus, e recomendando-lhe os jogos então reconhecidos como bons. (p. 59).

O que antes demonstrava a insensibilidade em aproximar as crianças dos adultos por meio dos jogos de azar, com o conceito moderno de infância surge uma preocupação com tal contato, zelando pela moralidade infantil.

A Figura abaixo consiste no quadro intitulado “Jogos Infantis”, do pintor Flamengo Pieter Brueghel e retrata inúmeras brincadeiras culturais que perduram e resistem por gerações, demonstrando a importância da infância na vida das crianças. Datado no século XVI, podemos traçar comparações relacionando os comportamentos infantis de acordo com o contexto histórico, porém a relevância do destaque encontra-se na (sempre) existência das brincadeiras no ambiente infantil, revelando seu importante papel no desenvolvimento, socialização e aprendizado das crianças.



Figura 1 - Quadro "Jogos Infantis" de Flamengo Pieter Brueghel, 1560. Disponível em: <http://www.bonslivrosparaler.com.br/bons-livrinhos/resenhas/pieter-bruegel/5125>

Outro fator que demonstra a existência da multiplicidade em relação à infância e à criança caracteriza-se pela sexualidade.

A ausência do sentimento da infância e a presença da criança adultizada, também se encontra clara nos relatos de Ariès (1973), no que diz respeito a liberdade de brincadeiras sexuais com as crianças, no despudor em relação à seus corpos e na naturalidade do tratamento dos adultos com as crianças era demonstrada por meio de grosserias e indecência.

A ingenuidade e a inexperiência das crianças ganhavam liberdade por meio das brincadeiras outorgadas pelos adultos. As partes sexuais das crianças poderiam ser tocadas, sem desaprovação alguma de ambas as partes.

O incômodo diante das brincadeiras profanas de adultos para com as crianças, o toque, assim como as palavras ditas sem pudor, sustentaram o conceito moderno de infância, enfatizando um processo de moralização de condutas infantis com o intuito de extinguir da vida das crianças qualquer manifestação que remeta à sexualidade. A preocupação, fiscalização e a aplicação de condutas próprias enalteceram a convivência de adultos e crianças, refletindo em regras e linguagens indispensáveis para a educação infantil. (Ariès, 1973).

A partir do século XVII, segundo Foucault (1985), a sexualidade apresenta-se como algo dualista, inaugura-se no campo do discurso, porém ainda mantida sob segredo. O intuito aqui é que as crianças tomem conhecimento da existência para então conter-se, disciplinar-se e controlar-se em relação ao assunto.

Inteiramente ligado ao conceito de Sexualidade, encontramos as relações de Gênero, as quais referenciadas aos papéis sexuais passam a reforçar desigualdades e hierarquias. Deparamo-nos com mais um importante fator que destaca e enfatiza as multiplicidades da infância e da criança: as hierarquias de Gênero.

Segundo Del Priore (2013), a História da Infância brasileira no período colonial é marcada pelo forte cunho religioso com a participação dos jesuítas, os quais introduziram os primeiros projetos pedagógicos voltados para a infância. Aqui, o aprendizado da doutrina contava com um rígido sistema disciplinar e os escolhidos para receber os preceitos de uma nova fé eram somente os meninos.

As desigualdades poderiam ser vistas também nas tribos indígenas. Os meninos das tribos cresciam livres de castigos e disciplinas. Nesta fase, ocorria a educação moral e técnica dos meninos, incluindo o seu preparo para as responsabilidades e privilégios de homem. Essa segregação assegurava ao sexo masculino o poder sobre o sexo feminino.

Ainda sobre as hierarquias de Gênero, “[...] devido à falta de mulheres brancas nas colônias portuguesas, meninas pobres eram sequestradas dos orfanatos de Lisboa e Porto para servir de companhia para os homens solteiros da baixa nobreza portuguesa”. (Minella, 2016, p.17).

Finalizando, Minella (2016) destaca que entre os séculos XVIII e XIX foram criadas instituições asilares, algumas mistas, outras, porém exclusivamente para meninos com ênfase no ensino profissionalizante e nos preceitos morais ou exclusivamente para meninas com ênfase na educação doméstica e religiosa. Os meninos eram treinados para serem bons trabalhadores ao passo que as meninas eram educadas e preparadas para serem boas mães.

Em meados do século XX, ocorreram grandes mudanças tecnológicas e culturais. A televisão vem então como a derrubada da linha divisória entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças, o que era antes preparado especificamente para o entendimento das crianças, passa a ser visto por meio da mídia televisiva sem qualquer tipo de preparação para possíveis interpretações de seu público, incluindo o público infantil. (Postman, 1999).

A sexualidade, por meio da mídia televisiva, passa então a estar disponível para todos, sem distinções de idade, dessa forma, “com a televisão, os segredos, antes preservados, agora se diluem na corrente de informações que esse meio de comunicação abre para todos/as, sem distinção etária. Dentre esses segredos, estão assuntos e experiências que remetem à sexualidade”. (Salgado, Mariano & Oliveira, 2015, p.7).

Segundo Salgado Mariano e Oliveira (2015), a linha divisória entre o mundo adulto e o mundo infantil, nos denota a insistência de famílias e escolas para afastar as crianças da violência e sexualidade. Por outro lado, a tecnologia apresenta-se como algo libertador, que aproxima seu público, principalmente, de assuntos polêmicos e proibidos. Tal aproximação destes territórios reflete imagens diferentes da infância, onde esta passa a estar em processo permanente de mudanças, refletindo sempre o contexto histórico em que a criança está inserida.

De fato, Salgado, Mariano e Oliveira (2015) destacam que:

[...] a cultura da mídia e do consumo deflagra o alargamento das experiências das crianças com a sexualidade e, com isto, a perda da inocência. Nesse encadeamento, o conhecimento e as experiências sexuais das crianças, potencializadas pelos discursos midiáticos, enfraquecem as fronteiras entre a infância e a vida adulta, erigidas historicamente para protegê-las. (Salgado, Mariano & Oliveira, 2015, p.8).

A tecnologia passa a compor outros valores e sentidos para as experiências de infância, atribuindo-lhe uma multiplicidade de representações.

### 3 GÊNERO: DA HISTÓRIA À CONTEMPORANEIDADE

Para entendermos melhor o conceito de gênero, devemos voltar nossos olhares à história do movimento feminista contemporâneo. Ele permeou e constituiu todo um movimento marcado por lutas e conquistas.

De acordo com Louro (1997), no século XIX, o feminismo foi fortemente definido por demonstrar um movimento social organizado. De acordo com tal planejamento o feminismo conquistou seu primeiro marco devido a incômodos ocasionados pela discriminação das mulheres, ocasionando diversas manifestações. O sufragismo – movimento que estendeu o direito ao voto às mulheres, uma vez que tal feito era direcionado e exclusivo aos homens, foi denominado como a primeira onda do feminismo, impulsionando para uma maior visibilidade e expressividade feminina.

Já no final da década de 1960, Louro (1997) destaca a então segunda onda do feminismo, manifestada por um direcionamento teórico, além das questões sociais e políticas. Ocorrendo com isso, por intermédio de tais desdobramentos, a problematização do conceito de gênero. É dentro deste contexto, fortemente marcado por transformações, que o ano de 1968 ressurgiu com o movimento feminista por meio de livros, jornais e revistas. Com a entrada das mulheres na universidade, nos deparamos com um novo cenário intelectual, uma vez que pesquisadoras, estudiosas e docentes acabam por trazer ao contexto em questão um estudo sobre as mulheres, modificando os olhares e alterando a posição feminina dentro da sociedade.

O embate incessante ocasionado pela “inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao silenciamento” (Louro, 1997, p.16), uniu grupos diversificados, expressos por meio de uma heterogeneidade imensa, todos manifestando por um mesmo ideal.

Segundo Louro (1997), “Tornar visível aquela que fora ocultada [...]” (Louro, 1997, p.17), a mulher, que até então era caracterizada no ambiente doméstico, agora encontrava-se reinserida na sociedade e buscava por meio de seus estudos trazer a visibilidade para quem sempre esteve historicamente segregada.

Progressivamente as mulheres saíram de seus lares e passaram a ocupar os espaços públicos, porém as atividades exercidas eram ligadas ao cuidado ou educação, além de serem controladas severamente por homens.

As estudiosas demonstravam um interesse em comum movido pela motivação da mudança. Em contrapartida, nos deparamos com aqueles que acabam por enfatizar que são as características biológicas que desencadeiam as desigualdades, uma vez que homens e mulheres são distintos biologicamente e por consequência desempenham papéis determinados na sociedade.

De acordo com Louro (1997):

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. (p.21).

A biologia não deve ser negada, mas faz-se importante ressaltar as construções sociais e históricas que são produzidas a partir das características biológicas. Como consequência, as relações de desigualdade presentes entre homens e mulheres devem ser recolocadas no âmbito social, buscando respostas “nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação” (Louro, 1997, p.22).

De acordo com Louro (1997), os gêneros são construídos por meio das relações sociais, dentro deste contexto, os estudos passam a não somente priorizar as mulheres como também abranger os homens. O feminino e o masculino passam, então, a constituir as esferas sociais tornando-se necessário a consideração do momento histórico e da sociedade em que eles estão inseridos, além de considerar que no interior de cada sociedade ocorrem também as diferentes concepções de gênero, considerando os diversos grupos que a compõem.

Mesmo utilizado por muitos, o conceito não deve ser visto tendo como embasamento os papéis sociais, uma vez que a construção dos papéis masculinos e femininos ditam padrões estabelecidos pela cultura em que se encontram inseridos, refletindo, assim, no comportamento esperado socialmente por homens e mulheres. Tal engessamento cria padrões de comparação, estabelecendo normalidade e anormalidade para qual em função de seu sexo, contribuindo para a afirmação da existência das hierarquias de gênero, desmerecendo as

inúmeras formas assumidas mediante a masculinidade e a feminilidade e apontando a fragilidade mediante as relações de poder. (Louro, 1997).

Como podemos,, então estabelecer o conceito de gênero atenuando características discriminatórias e preconceituosas e contribuindo para a desconstrução das hierarquias entre os gêneros? Considerando-o e compreendendo-o como parte “constituente da identidade dos sujeitos” (Louro, 1997, p.24).

Por isso, Louro (1997) afirma que:

[...] o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. (LOURO, 1997, p.25).

Ainda de acordo com a autora, devemos considerar que a identidade de gênero não compartilha de um início fixo, de uma relação pronta, acabada, ela encontra-se em constante construção, instabilidade e possíveis transformações, uma vez que “os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo”. (Louro, 1997, p.28).

Ao aceitarmos que a construção do gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança. Isso supõe que as identidades de gênero estão continuamente se transformando. (Louro, 1997, p. 35).

Louro (1997) enfatiza que o termo gênero passa a ser utilizado no Brasil somente no final dos anos 80, sendo que, “os estudos que abordam as relações de gênero no Brasil acompanham os diferentes momentos dos movimentos sociais feministas”. (Silva, 2000, p.2).

Diversos momentos históricos marcaram a forte presença feminina na história brasileira, fazendo com que o termo gênero fosse minuciosamente construído.

A década de 70 foi notada pela ditadura militar, que segundo Silva (2000) marcou questionamentos por meio de greves trabalhistas e estudantis, refletindo nas quedas salariais e ascensão ao custo de vida. Tal situação política culminou nos “primeiros movimentos de mulheres” (Silva, 2000, p.4). A união feminina surgiu com o intuito de pleitear melhores condições assistenciais. Já com o final da década de 70 nos deparamos com o prelúdio das pesquisas acadêmicas, desencadeadas por mulheres que acabam por findar a esfera privada para adentrar ao espaço público, buscando melhorias e por consequência a desconstrução da desigualdade.

A mulher ao emergir da esfera privada para reivindicar na esfera pública também torna-se visível na esfera social, onde os limites entre o público e o privado tornam-se confusos. Em um primeiro momento as pesquisadoras feministas preocupam-se em estudar estas mulheres, que tornam-se visíveis na sociedade e na academia, trabalhos que desvendam a mulher como ser atuante e pensante, resgates históricos, biografias, etc. (Silva, 2000, p.4-5).

Os anos 80 foram marcados pela reorganização da sociedade. Segundo Silva (2000), grupos feministas dispostos ao redor do país rearticulam relações de poder, tornando-as figuras visivelmente públicas. As décadas sinalizadas foram, então, determinadas pela presença feminina “lutando pelos seus direitos e necessidades através de manifestações, denunciando as desigualdades sociais imputadas às relações de gênero” (Silva, 2000, p.6).

Ainda de acordo com a autora, os anos 90 demonstraram a ocorrência da institucionalização dos movimentos sociais, atingindo, assim, o movimento feminista e criando uma intensa desmobilização por meio da crise econômica e do desemprego.

Diante as movimentações sinalizadas podemos destacar que o conceito de gênero e o conhecimento que detemos hoje sobre tal, perpassaram por diversos contextos, épocas e histórias, contribuindo para a sua construção constante, sendo sempre reflexo da cultura em que os indivíduos participantes encontram-se inseridos.

#### **4 O QUE ESTAMOS ESTUDANDO SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS LACUNAS NA FORMAÇÃO DOCENTE**

Para entendermos melhor o conceito de gênero, devemos voltar nossos olhares à história do movimento feminista contemporâneo. Ele permeou e constituiu todo um movimento marcado por lutas e conquistas.

De acordo com Louro (1997), os Gêneros são construídos por meio das relações sociais, dentro deste contexto torna-se necessário a consideração do momento histórico e da sociedade em que eles estão inseridos, além de ponderar que no interior de cada sociedade ocorrem também as diferentes concepções de gênero, considerando os diversos grupos que a compõem.

Assim como a concepção de Gênero, as compreensões de criança e Infância, também são estruturadas historicamente e acabam por refletir a cultura referente ao contexto social no qual a criança encontra-se inserida. Tais conceitos não compreendem estudos recentes, pelo contrário, são alvos de pesquisas desde a Idade Média. Ariès (1973) traça um panorama da Infância a partir do século XII, salientando as diferentes posições que as crianças perpassaram no interior das sociedades.

Agrupando os conceitos, nos deparamos com a importância de trabalhar gênero na Educação Infantil. Este trabalho compete à Educação Sexual aplicada nas escolas pelos docentes. Por meio de pesquisas (Crociani & Perez, 2018), relatamos a defasagem da formação docente frente à temática imposta.

Ainda de acordo com as autoras:

A ausência de estudos sobre Gênero e Educação Infantil mostra os desafios de consolidação da ideia de uma educação sexual escolar e de gênero visando o estudo e formação docente baseados nas atribuições sociais que são refletidas na escola e no questionamento de forma que possamos refletir acerca de ideologias culturais, buscando amenizar o silêncio, repressão e preconceito evidenciados já no contexto da Educação Infantil. (Crociani & Perez, 2018, p. 160 -161).

A Educação Sexual no âmbito escolar, encontra obstáculos que dificultam a sua implementação, consistindo em valores culturais impostos pela sociedade, porém, esse quadro pode refletir mudanças por meio do investimento em formação docente, uma vez que

tal preparo influenciará positivamente na constituição escolar como meio concreto para realizar um trabalho eficaz que abarque temas como sexualidade e gênero. (Maia & Ribeiro, 2011).

Com base nos conceitos citados e indo ao encontro do objetivo proposto que consiste na investigação sobre o estudo do Gênero na Educação Infantil e a formação docente nesta temática, foi inicialmente realizada uma busca para a averiguação por meio de artigos publicados na Base de Dados Scielo. Tomando-se por base um primeiro levantamento, os quais incluíram os temas “gênero e educação infantil”, acrescentando posteriormente os filtros “Brasil; português; Ciências Humanas; 2000 – 2017” nos defrontamos com trinta e sete artigos. Por intermédio de um estudo mais aprofundado dos resumos, fez-se necessário a utilização de uma nova seleção por acreditar que alguns artigos encontravam-se em discordância com as palavras chave sugeridas. O critério destacado para essa nova busca, compreendeu estudos específicos sobre gênero na Educação Infantil incluindo elementos que ressaltam a formação e atuação docente na área, sendo ela qualificada ou defasada. Doze artigos foram, então, selecionados correspondendo fielmente ao tema proposto de estudo.

Para disponibilizar uma melhor visualização dos dados, os artigos avistados foram sistematizados no Quadro 1, sendo sobrelevados elementos considerados pertinentes para as futuras análises.

#### **4.1 Caracterização dos estudos**

Por intermédio das pesquisas efetivadas acerca dos artigos antepostos, faz-se necessário a realização de um enquadramento a fim de facilitar a visualização. Com isto, o Quadro 1 apresenta os estudos selecionados e expõe os seguintes elementos: título, objetivo e ano.

Quadro 1 - Elementos considerados pertinentes para análise

<b>Título</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Ano</b>
1. <b>Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil.</b>	Investigar entre as crianças as formas, significações e as vias de transmissão de elementos culturais e sociais que envolvem a dimensão corporal, assim como a emergência de novos elementos que reforçam, modificam, multiplicam, transformam, transgridem e transcendem ou simplesmente ocultam aqueles já estabelecidos.	2013
2. <b>Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche.</b>	Identificar entre crianças pequenas, em um contexto de Educação Infantil, formas, significações e vias de transmissão de elementos culturais e sociais envolvendo a dimensão corporal.	2013
3. <b>Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte.</b>	Iniciar a descrição de um estado da arte.	2006
4. <b>Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: o que aprendemos observando as atividades das crianças.</b>	Investigar a utilização das diferentes áreas do pátio de uma escola para Educação Infantil e analisar os comportamentos de interação entre as crianças nesses locais.	2008
5. <b>Masculinidades e docência na educação infantil.</b>	Analisar as relações de gênero e a construção da docência masculina na Educação Infantil, compreendendo como se dá a escolha e a inserção de homens nesta etapa da educação.	2017
6. <b>Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas?</b>	Analisar como situações de aula e intervenções docentes contribuem na construção das relações de gênero, e, em muitos momentos, classificam e hierarquizam os corpos e as práticas de meninos e meninas de modo distinto.	2016
7. <b>Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação.</b>	Analisar a trajetória profissional de sujeitos que compõem um grupo minoritário na educação: os homens que atuam como professores de educação infantil.	2014
8. <b>Educação infantil: análise da manifestação social do preconceito na atividade principal de jogos.</b>	Levantar indicativos de manifestações preconceituosas em crianças pré-escolares de 5 e 6 anos, na prática de sua atividade principal.	2011
9. <b>Da menina meiga à heroína superpoderosa: infância, gênero e poder nas cenas da ficção e da vida.</b>	Compreender, nas experiências lúdicas das crianças, os valores que elas constroem ao interagirem com os personagens e as histórias extraídas dos desenhos animados contemporâneos, e como esses valores participam de suas constituições identitárias.	2012
10. <b>Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero.</b>	Analisar a questão do compartilhamento entre família e escola, dos cuidados e da educação das crianças de 0 a 3 anos.	2010
11. <b>Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância.</b>	Fazer um balanço dos estudos realizados, buscando entender essa produção como artefato cultural e como dispositivo pedagógico de educação da infância, afora salientar algumas características que expressam como eles podem ser instrumentos educativos para as crianças.	2014
12. <b>Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder</b>	Não especificado.	2009

*Nota:* Crociari &Perez (2018).

Iniciando as análises e indo ao encontro do Quadro 1 exposto, nos deparamos com o artigo de Marcia Bus-Simão, intitulado “Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil”. A pesquisa conta com a cooperação de quinze crianças entre dois e três anos.

Bus-Simão (2013a) viabiliza em seus estudos, contribuições a respeito das organizações de relações sociais, do procedimento de estruturação de gêneros. Outro conteúdo relevante de destaque encontra-se nos estereótipos de gênero, os quais são altamente discutidos com o perpassar do texto.

Como considerações finais do trabalho, Bus-Simão (2013a) salienta que os gêneros não são resultantes de fatores biológicos, mas sim representações de uma construção social de acordo com o momento histórico estabelecido. Como complemento, os estereótipos estão fortemente impregnados na sociedade e as crianças, por sua vez, refutam e/ou reproduzem tais comportamentos.

Prosseguindo com a explanação dos assuntos e trazendo o artigo 2 para discussão, continuamos com as contribuições de Marcia Bus-Simão e seu artigo “Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche”. Os constituintes da pesquisa abarcavam crianças com idades entre dois e três anos.

Bus-Simão (2013b) concede contribuições clássicas sobre o conceito de gênero interpondo com exemplos práticos vivenciados no âmbito escolar. Outra colaboração importante de se destacar encontra-se nos estereótipos como: força, virilidade e racionalidade competindo ao menino e sensibilidade, afetividade, insegurança representando características próprias das meninas. Bus-Simão (2013b) ressalta que a imposição de tais características reforça segregações e desigualdades.

Como considerações, Bus-Simão (2013b) acentua a existência de outra visão de herói, dando visibilidade a outras masculinidades e atentando-se, assim, para a capacidade de estar tanto no mundo das meninas como no mundo dos meninos. Com isto acabam por ampliar as possibilidades de amizades e de relações, pois suas interações não se encontram restritas ao seu próprio gênero.

O próximo artigo designado consiste no 3 com autoria de Ana Lúcia Goulart de Faria e intitulado “Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte”. O estudo aponta pesquisas da área da Educação Infantil, as quais trazem análises pertinentes sobre as relações de poder entre meninas e meninos de zero a seis anos de idade.

Faria (2006) remete brevemente a atenção para o ingresso em massa das mulheres no mercado de trabalho, culminando na predominância de profissionais do sexo feminino em instituições de Educação Infantil. E finaliza destacando que crianças pequenas, dispostas em âmbitos coletivos de educação, trazem consigo uma bagagem farta de histórias e culturas já internalizadas, advindas de experiências familiares.

Transpondo para o artigo 4, composto por estudos de Odara de Sá Fernandes e Gleice Azambuja Elali, nos deparamos com o artigo “Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: o que aprendemos observando as atividades das crianças”. Os partícipes são compostos por dezesseis crianças com idades entre três e sete anos.

Fernandes e Elali (2008) destacam a escola como um ambiente primordial para o desenvolvimento, trazendo a importância e significância para o pátio escolar, o qual se encontra caracterizado como um meio para a interação social. Este por sua vez, necessita de equilíbrio, pois um número demasiadamente grande de alunos pode ocasionar hostilidade e um número muito ínfimo pode gerar pouca socialização. Os estudos também explicitam que o recreio sendo composto por crianças discernidas pela faixa etária, provoca um impedimento da troca de experiências e aprendizado em grupo.

Mediante os artigos selecionados anteriormente, ocorreu a publicação da pesquisa das autoras Angelita Alice Jaeger e Karine Jacques, “Masculinidades e docência na educação infantil”. A amostra da pesquisa incorpora três professores da Educação Infantil.

Jaeger e Jacques (2017) denotam os percalços vivenciados pelos professores de instituições infantis, assim como suas superações para o possível aceite da comunidade escolar. Quebrando os paradigmas impostos, tais professores contestam o padronizado para o seu sexo e enunciam diferentes formas de masculinidade, incluindo sentimentos como afeto, cuidado e delicadeza.

Continuando a explanação, transcorremos para o artigo 6. As autoras Marina Mariano e Helena Altmann publicaram o artigo “Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas?”.

Mariano e Altmann (2016) por meio de observações ocorridas no interior da escola destacaram as diferenças de duas turmas de escolas distintas: uma de um professor e outra de uma professora. O professor propunha atividades mistas, sem distinção de gênero e a inexistência de discursos discriminatórios. A professora, por sua vez, fazia uso de elocuições estereotipadas que acabavam por reforçar as desigualdades de gênero. Ambas as atitudes refletiam negativamente e positivamente nas crianças, de acordo com os resultados da

pesquisa, os quais ressaltavam que a atuação docente influenciava no comportamento, nas ações e na organização das crianças.

Caminhando para o artigo 7, “Homens e Educação Infantil: olhares sob suspeita e tentativas de segregação” escrito por Mariana Kubilius Monteiro e Helena Altmann, as autoras contaram com a colaboração de sete professores.

Considerando dados relatados no artigo, a Educação Infantil envolve um ambiente constituinte, em sua maioria, pela presença de mulheres, sendo que, os homens por sua vez, possuem um espaço restrito. A comprovação e possível explicação dão-se por meio da caracterização do trabalho das mulheres como esfera reprodutiva e o trabalho dos homens como esfera produtiva, uma vez que os papéis sociais são considerados sexuados limitando o gênero ao sexo biológico.

Por intermédio de entrevistas semiestruturadas, Monteiro e Altmann (2014) puderam assimilar as dificuldades de aceitação e os percalços pelos quais passam os profissionais homens no âmbito de uma instituição de Educação Infantil. Olhares de segregação e suspeita são constantemente lançados para tais profissionais, tornando-se emergente então, a possibilidade de outras noções de masculinidade, que incluam o cuidar e o educar, a fim de eliminar tais discriminações.

Seguindo o Quadro 1, nos deparamos com o artigo 8, intitulado “Educação Infantil: análise da manifestação social do preconceito na atividade principal de jogos” por Gustavo Martins Piccolo.

A partir dos resultados explanados por Piccolo (2011), constatou-se que por meio de atividades ocasionadas no âmbito escolar, as crianças refletiam manifestações preconceituosas. Assume-se então, a importância da intervenção docente, para que ocorra o direcionamento das brincadeiras a fim de promover possibilidades para amenizar as desigualdades presentes, uma vez que as atitudes das crianças, sendo elas discriminatórias ou não, são reflexos da sociedade e da cultura em que ela está inserida.

De acordo com as considerações finais, encontra-se em um patamar relevante de importância a necessidade de intervenção, a importância de atividades lúdicas com auxílio de um mediador a fim de identificar ferramentas com o propósito de contestar as contradições e estereótipos e a existência de práticas pedagógicas voltadas para a transformação da sociedade.

Prosseguindo com o mapeamento, Raquel Gonçalves Salgado, publicou seu artigo “Da menina meiga à heroína superpoderosa: infância, gênero e poder nas cenas da ficção e da vida”. O objeto de estudo englobou vinte e uma crianças, de cinco a seis anos de idade.

Salgado (2012) constata que a mídia televisiva apresenta-se como uma adulteração dos limites entre o mundo adulto e o infantil, a qual acaba por contribuir para a precocidade e por consequência, para o desaparecimento da Infância. A cultura do consumo, exposta pela televisão e constantemente incorporada e internalizada pelas crianças, consagram-na como herói e protagonista, libertando-as das práticas adultas que a denominavam como um ser frágil e indefeso.

Continuando as explanações, nos deparamos com o artigo 10, “Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero”, de Isabel de Oliveira e Silva e Iza Rodrigues da Luz. Tal pesquisa apresentou como objeto de estudo, professoras e crianças de zero a três anos de idade.

Silva e Luz (2010) apresentam contribuições pertinentes quanto às relações de gênero observadas no âmbito escolar e no reflexo das professoras da instituição. Elas enfatizam que durante as observações, constataram que as educadoras eram orientadas por concepções de masculino e feminino que remetiam a papéis estereotipados de homem e de mulher.

Encaminhando para o final da caracterização dos estudos, destaca-se o artigo 11, “Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância”, publicado pela Constantina Xavier Filha. A pesquisa identificou e coletou um total de trezentos e sessenta e um livros, os quais apresentavam temáticas de sexualidade e gênero.

De acordo com a linha cronológica exposta por Xavier (2014), os livros infantis de 1930 a 1970 destacavam-se pela linguagem arbitrária e padronizada a respeito da sexualidade da criança. A partir da década de 70, observou-se uma maior conformidade do texto e das ilustrações com o leitor. E nas publicações recentes, apresentam-se por intermédio de uma linguagem lúdica, trazendo conteúdos que remetam à reflexões e discussões de temas infantis.

Terminando a investigação proposta, nos deparamos com o artigo 12 de Claudia Vianna e Daniela Finco, “Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder”.

Vianna e Finco (2009) destacam no início do texto que as preferências e as características de meninos e meninas representam construções sociais e históricas, não compreendendo fatores biológicos. O artigo apresenta como considerações finais a importância da atuação docente, as quais reforçam ou podem extinguir as desigualdades

impostas pela sociedade. As professoras participantes da pesquisa em questão acabavam por reforçar estereótipos de gênero entre seus alunos.

## **4.2 Atuação e Formação Docente**

Um tema considerado de extrema relevância encontra-se no patamar da formação e atuação docente. Por ser apresentado e enfatizado nos artigos selecionados, faz-se necessário o levantamento de algumas questões a respeito da formação do profissional na área da sexualidade, do papel do professor no âmbito escolar de uma instituição infantil atrelado as suas contribuições para a desconstrução ou afirmação dos estereótipos de gênero. As lacunas sinalizadas recorrentes da formação deficitária encontram-se presentes não só na Educação Sexual e são reflexos de toda a complexidade do trabalho docente.

Dentre os 12 artigos selecionados, poucos fazem menção à importância da formação e da atuação docente. Porém, quase que em sua totalidade, apresentam exemplos enriquecedores das transformações positivas e negativas que este profissional proporciona na formação acadêmica de seus alunos e, principalmente, na contribuição que estes trazem para a construção das relações de gênero.

Segundo Mariano e Altmann (2016), autoras do artigo 6 exposto no Quadro 1, a diferença entre as atuações docentes pode ser notada com facilidade em sua pesquisa, por possuir como sujeitos um professor e uma professora. A atuação de ambos os profissionais demonstrava atitudes e reflexos opostos. Na escola em que o atuante era o professor, o qual apresentava atividades mistas, não separando as crianças por gêneros, estas se mostravam livres, bem resolvidas e eram capazes de formar diversos grupos ao decorrer das atividades sem demarcar as diferenças. Contrariamente, a escola que possuía a contribuição da professora, tal qual trazia em seus discursos falas discriminatórias e a separação das crianças em gêneros era recorrente, os alunos incorporaram as atitudes demonstradas cotidianamente pelo profissional docente e refletiam instantaneamente essa divisão de mundo em suas organizações sociais.

O estudo demonstra que intervenções menos diretivas, isto é, intervenções em que o professor tentava superar a sua visão pessoal para aflorar o conhecimento, acabavam por amenizar as influências negativas, produzindo relações de Gênero menos hierarquizadas e, por consequência, menos desiguais, uma vez que “as desigualdades entre homens e mulheres

são construídas pela sociedade e não determinadas pela diferença biológica entre os sexos. Elas são uma construção social, não determinada pelo sexo.” (Faria & Nobre, 2003, p. 2).

Faz-se necessário destaque para o trabalho da Educação Sexual no combate à discriminação, atos e atitudes preconceituosas, além de desconstruir hierarquias de gênero refletidas pela sociedade e possivelmente reforçadas no âmbito escolar. Tal educação deve fornecer elementos essenciais para a criação de um espaço onde as crianças consigam problematizar e contextualizar os conceitos por meio de práticas eficazes. (Leão, 2012).

Silva e Luz (2010), artigo 10 do Quadro 1, demonstram que as educadoras participantes da pesquisa traziam consigo concepções prontas, estereotipadas e culturais do que era ser menino e menina. Tais comportamentos eram reproduzidos e representados nas práticas das crianças, refletindo formas estereotipadas.

O Referencial Curricular Nacional (RCN), publicado na década de 90, apresenta-se como um guia baseado em orientações para favorecer a construção de práticas, projetos e planejamentos educacionais, considerando e, acima de tudo, respeitando a pluralidade existente no âmbito escolar. (RCN).

De acordo como RCN para a Educação Infantil:

[...] mesmo quando o ambiente é flexível quanto às possibilidades de exploração dos papéis sociais, os estereótipos podem surgir entre as próprias crianças, fruto do meio em que vivem, ou reflexo da fase em que a divisão entre meninos e meninas se torna uma forma de se apropriar da identidade sexual. (BNCC, 1998, p. 42).

Como referência atual, um dos documentos essenciais norteador do processo educacional, refere-se à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tem caráter normativo e apresenta definições de aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver em todo o andamento da Educação Básica. Ela abrange o desenvolvimento de dez competências gerais, assegurando ao estudante os direitos de aprendizagem. (BNCC, 2017).

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (Brasil, 2017, p. 8).

Estabelecendo uma relação entre os documentos que sinalizam competências e currículos, de acordo com BNCC as competências são referências comuns e os currículos são diversos, isto é, “os conteúdos curriculares estão a serviço do desenvolvimento de competências” (Brasil, 2017, p. 10), as quais orientam e definem aprendizagens essenciais e não somente conteúdos específicos.

A BNCC, além das competências, pontua seis temas contemporâneos transversais, os quais refletem a existência de uma “ligação entre os diferentes componentes curriculares de forma integrada, bem como de fazer sua conexão com situações vivenciadas pelos estudantes em suas realidades, contribuindo para trazer contexto e contemporaneidade aos objetos do conhecimento”. (Brasil, 2019, p. 6). Os temas a serem trabalhados transversalmente incluem: meio ambiente, economia, saúde, cidadania e civismo, multiculturalismo e ciência e tecnologia.

Em comparação com os temas transversais sinalizados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), notamos a omissão da vertente da orientação sexual, que, apesar de sua não obrigatoriedade deixava rastros de um possível conhecimento a ser transmitido no âmbito escolar. Porém, os temas transversais contemporâneos estipulados pela BNCC “passaram a ser uma referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação dos currículos e propostas pedagógicas”, (Brasil, 2019, p. 11), sinalizando, assim, uma defasagem no interior da temática da Educação Sexual.

Voltando ao enfoque no professor, para garantir uma prática docente de qualidade, torna-se necessário o investimento em “uma base bem solidificada de maneira que o profissional tenha acesso ao conhecimento teórico e didático que necessita para uma prática pedagógica eficaz e diferenciada”. (Leão & Ribeiro, 2013, p.613).

Ainda de acordo com os autores citados, as disciplinas que abarcam o tema Educação Sexual, encontram-se escassas nas graduações que oferecem cursos de licenciatura, exatamente os cursos que precisam se responsabilizar perante a formação de seus profissionais no tocante ao trabalho do tema em questão.

O enfoque não consiste em naturalizar os comportamentos de meninos e meninas e nem em desconsiderar que tais condutas sejam frutos de construções históricas, sociais e culturais, mas, sim, apontar como importante o papel do professor no tocante as possibilidades de desconstrução ou reprodução de tais costumes.

E por fim, Vianna e Finco (2009), apresentam distintas formas de contribuir para as desigualdades de gênero. O estudo demonstra que, de acordo com o contexto histórico inserido, instituições acabam por orientar e reforçar habilidades específicas e distintas para

meninos e meninas. As professoras participantes da pesquisa controlavam a agressividade nas meninas e a sensibilidade nos meninos, excluindo ambos de situações das quais poderiam ocorrer tais demonstrações.

Por meio dos relatos expostos, devemos destacar que:

[...] compete à escola criar condições de ensino e aprendizagem, e de formação e reflexão para questões de sexualidade, gênero e educação sexual, que paulatinamente contribuiriam para esclarecer, diminuir e, até erradicar estes mitos, tabus e preconceitos de natureza sexual. (Leão & Ribeiro, 2013, p. 615).

Para tal feito, faz-se necessário a formação do profissional educacional na área a fim de identificar em suas práticas, elementos eficazes para amenizar, desde a tenra idade, relações discriminatórias, contribuindo para o amparo e desenvolvimento pleno de seus alunos.

O processo de formação docente encontra-se defasado no tocante às questões relacionadas à sexualidade, o que ocasiona uma série de lacunas prejudiciais ao trabalho pedagógico. Há especificidades de valor elogiável que precisam ser consideradas no processo de formação inicial dos professores, uma vez que tais profissionais precisam estar capacitados para refletir conhecimentos pertinentes.

De acordo com um levantamento realizado em torno dos cursos de licenciatura (Takahashi, 2013), os estudos demonstram contradições em torno do despreparo docente. Por um lado, acredita-se que os cursos de licenciatura necessitam de formatação quanto a sua grade curricular. Segundo o secretário estadual de Educação do Estado de São Paulo, Herman Voorwald, o investimento em cargas horárias mais voltadas em metodologias, técnicas e abordagens seria uma possível solução para o problema apontado. Porém, por outro lado, considera-se que a defasagem encontrada na Educação Básica seja fruto dos baixos salários e difíceis condições de trabalho, distanciando-se da necessidade de formulação dos cursos de Pedagogia, como sinaliza o presidente da comissão de graduação da Faculdade de Educação da USP, Manuel Oriosvaldo.

Segundo Parizzi e Margonari (2018) em conformidade com as oposições existentes relacionadas as profissões docentes, acredita-se que “pesquisar a formação inicial e acompanhar o movimento que a envolve torna-se importante para ampliar as reflexões sobre os cursos de formação e as demandas da sociedade”. (Parizzi & Margonari, 2018, p. 113).

A necessidade de investimento na formação inicial aflora quando os futuros profissionais se dão conta de suas reais responsabilidades educacionais. Com isto, Parizzi e

Margonari (2018) destacam que mesmo com o preparo curricular oferecido pelo curso de licenciatura em Pedagogia, abrangendo disciplinas e matérias pedagógicas, os alunos passam a repensar as suas incumbências e acabam por questionar suas capacidades refletindo em insegurança.

A atuação docente, como observado, relata exemplos claros da total influência das práticas pedagógicas para o processo de conhecimento dos alunos. Portanto, o professor deve considerar que está diante de uma sala heterogênea e que cada criança carrega consigo uma imensa bagagem cultural advinda de conhecimentos espontâneos, sendo fruto de experiências vividas no âmbito familiar. Atentar aos elementos acima resulta para o professor em ferramentas valiosas para discorrer cotidianamente sobre atividades, brincadeiras e conversas desprendidas de preconceitos e desigualdades.

A intervenção docente acaba por acarretar em atitudes internalizadas pelas crianças, cabendo ao professor fornecer mecanismos que busquem o progresso de seus alunos, defendendo a heterogeneidade e contribuindo para a probabilidade de possíveis desconstruções da desigualdade de Gêneros.

Porém, precisamos salientar que o trabalho docente carrega uma carga pesada em torno de suas especificidades, uma vez que escola e os alunos permanecem em constante mudança e, com isto, “os professores precisam [...] ampliar e diversificar seus conhecimentos para o ensino, transformando suas práticas em função dessa realidade e dos contextos de atuação.” (Tancredi, 2009, p.14).

Por sua vez, a formação do professor também perpassa por diversas etapas refletindo necessidades, conhecimentos e experiências distintas, cada uma refletindo o contexto em que encontra-se inserido. O processo de formação do professor inicia-se antes de sua preparação formal e permanece em continuidade ao longo da vida. (Tancredi, 2009). Sendo assim, o início de sua carreira pode sofrer interferências de seus conhecimentos prévios, influenciando concepções e valores em seu desenvolvimento profissional.

Essa realidade contemporânea faz com que os professores busquem cada vez mais conhecimentos “dada a dinâmica das salas de aula, das escolas e da sociedade, esses conhecimentos precisam ser sempre reconstruídos, ampliados e aprofundados num ir e vir contínuo entre a experiência e a teoria, o individual e o coletivo” (Tancredi, 2009, p.25).

Ruis (2015) corrobora com Tancredi (2009) ao salientar que o “modo de ensinar e cuidar [...] pode ser compreendido como atividades socialmente construídas, ou seja, não depende de habilidades inatas, mas sim de fatores vinculados à cultura e às práticas sociais”. (Ruis, 2015, p.52).

Desta forma, compreendemos a inexistência de um conhecimento pronto e disponível para ser utilizado em todos os momentos no âmbito educacional, reconhecendo o ensino como em progressiva estruturação, respeitando a heterogeneidade dos alunos e, com isto, os professores necessitam de renovação constante com o intuito de acompanhar os processos e progressos histórico-sociais, refletindo, assim, a complexidade do trabalho docente. (Tancredi, 2009).

## 5 PROJETO AQUARELA: COLORINDO A EDUCAÇÃO



Figura 2 – Slogan do Projeto. Fonte: criado pela pesquisadora

A imprescindibilidade em compreender como os temas Educação Sexual e Gênero são tratados e expostos no âmbito universitário e a necessidade em investimento na formação inicial com o intuito de oferecer um melhor preparo teórico e prático para o recém-profissional, acarretou no início da pesquisa vigente.

O Projeto Aquarela surgiu por meio da necessidade em promover oportunidades para a desconstrução das hierarquias de gênero. Os meninos precisam conhecer outras cores além do azul, as meninas precisam conhecer outras cores além do rosa. Os profissionais detêm o poder de apresentar uma gama de possibilidades, conhecimentos e cores aos seus alunos.

Inicialmente, um panorama foi traçado a fim de tomar conhecimento, antecipadamente, de como os termos Educação e Gênero são conceituados e impostos pelos pedagogos. Em seguida, por meio das respostas obtidas e por consequência, das lacunas encontradas, foi elaborada e aplicada uma intervenção teórica e prática com o intuito de complementar a formação dos participantes.

Um questionário previamente elaborado contou com a formulação de 15 perguntas agrupadas em 4 categorias, sendo elas: identificação do participante, formação acadêmica, questões pessoais e formativas e por fim posicionamento e prática profissional. Ao final de cada questionário impresso foi disponibilizado um Termo de Consentimento e Autorização, expondo informações da pesquisa, pesquisadora e sua orientadora, assim como a garantia de anonimato dos participantes, respeitando com isso o posicionamento ético da pesquisa.

Antes da aplicação real do questionário, foi realizado um teste piloto com 3 mestrandos do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização. A partir de tal

feito, foram propostas algumas modificações no corpo do produto, a fim de diminuir a extensão e por consequência o tempo total doado para responder as perguntas em questão, sendo essa a única crítica assinalada pelo grupo.

A aplicação do questionário ocorreu no primeiro dia letivo do segundo semestre do ano de 2018 e foi dividida entre as turmas do período diurno e noturno da disciplina Jogos, brinquedos e brincadeiras da educação na infância. Uma breve apresentação foi utilizada como meio introdutório, fornecendo informações acerca da vida pessoal e profissional da pesquisadora.

As respostas foram analisadas, além de qualitativamente, também quantitativamente, por meio de gráficos para uma melhor visualização e comparação das respostas obtidas.

## 5.1 Projeto Aquarela e Pesquisa - Ação: a escrita dos participantes

### 5.1.1 Diurno

A primeira categoria imposta no questionário contava com a identificação dos participantes. Duas perguntas compreendiam tal grupo: sexo e idade. Ambas foram dispostas no formato aberto, a fim de fornecer uma maior liberdade para as respostas além de um maior respeito para com os participantes.

A turma do período diurno contou com a participação de 27 estudantes.

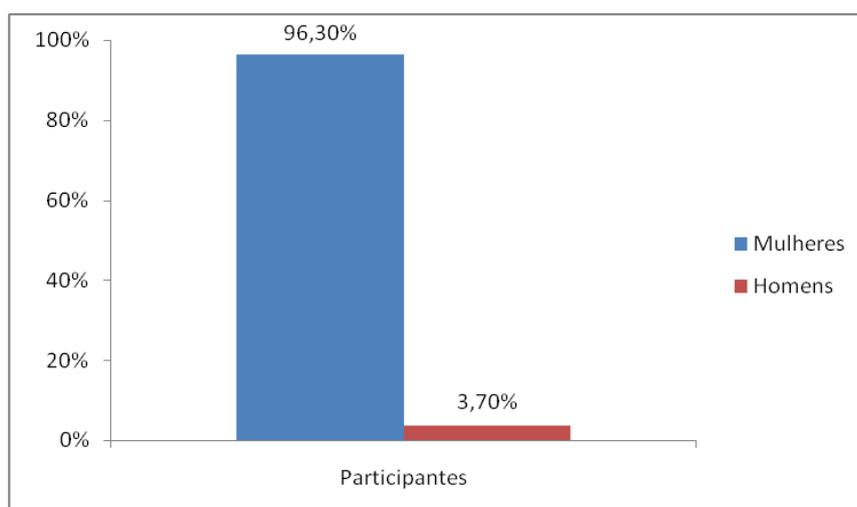


Gráfico 1 - Participante da pesquisa. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Observando os dados expostos no Gráfico 1, a turma do diurno é composta majoritariamente pela presença de mulheres. Especificamente 96% constitui a população feminina, enquanto que 4% são graduandos masculinos.

Tal discrepância pode ser explicada pela imposta feminização do magistério, considerando que as características femininas fossem mais ao encontro do trabalho docente no âmbito das escolas primárias, ocasionando, assim, na substituição progressiva de homens por mulheres no magistério. Uma vez que:

Tarefas que exigem virilidade, força e racionalidade no posto de trabalho tendem a se associar a um posto que deveria ser ocupado por um trabalhador do sexo masculino, enquanto, em direção contrária, aqueles postos de trabalho que requerem delicadeza, amor e subjetividade, por exemplo, tendem a ser considerados mais apropriados às mulheres. (Durães, 2011, para. 70).

Dentre os participantes, podemos notar uma heterogeneidade em relação às idades.

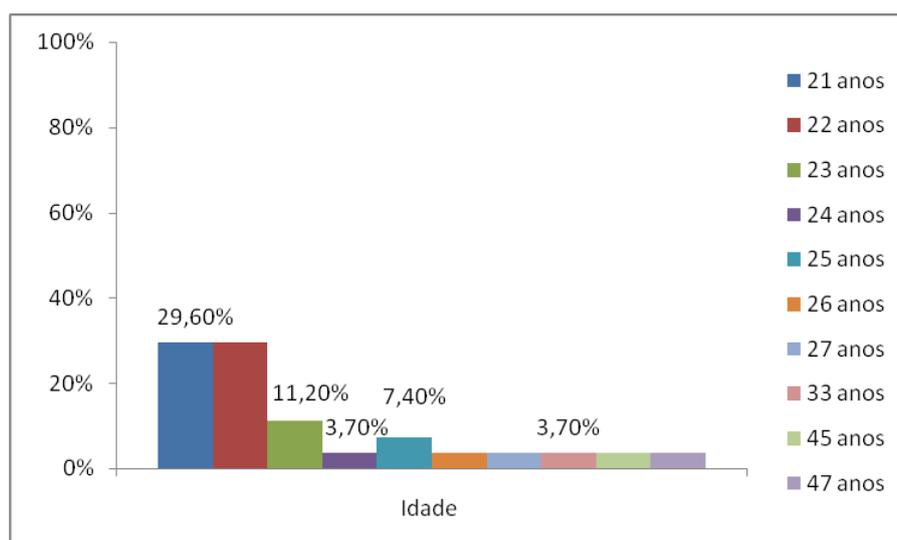


Gráfico 2 - Idade dos participantes. Fonte: Criado pela pesquisadora.

De acordo com o Gráfico 2, as idades variam de 21 a 47 anos. Dos participantes, 29,6% possuem 21 e a mesma porcentagem compreende os entrevistados com 22 anos; 11,2% possuem 23 anos; 3,7% possuem 24 anos; 7,4% contam com 25 anos de idade, enquanto que 26, 27, 33, 45 e 47 anos contam cada um com 3,7% da população total.

A segunda categoria determinada nos fornece informações sobre a formação acadêmica dos estudantes, os quais foram questionados se possuíam outra formação acadêmica além da Pedagogia. O Gráfico 3 ilustra a situação.

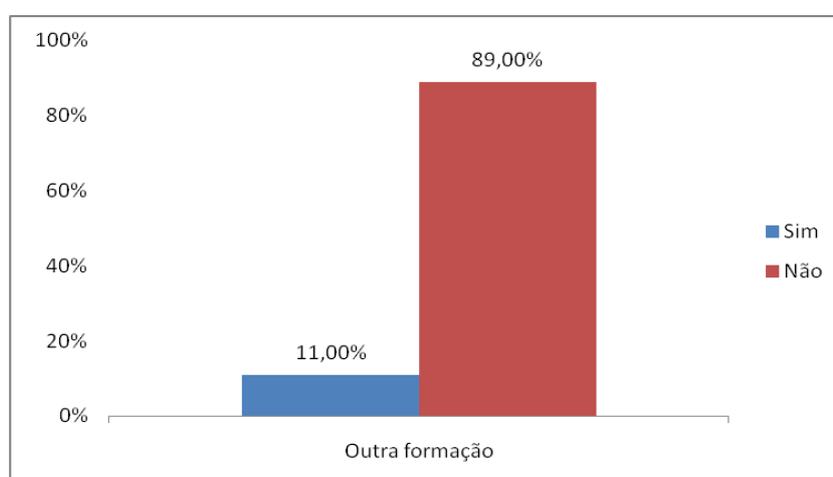


Gráfico 3 - Outra formação acadêmica. Fonte: Criado pela pesquisadora

Dentre a turma do diurno, 11% confirmaram que além do curso atual, ainda contavam com formações anteriores, dentre elas: Propaganda e Marketing; Letras; Ciências Exatas (mestrado); Design Gráfico; Administração Empresarial; Técnico em Informática; Técnico em Administração e Técnico em Mecânica. Tal gama de formações complementares contribuiu para o aumento significativo na escala da idade dos entrevistados. Ao passo que 89% assinalaram não possuírem outra formação acadêmica.

Ainda com o intuito de compreender o processo de formação acadêmica, a seguinte pergunta, interpretada pelo Gráfico 4, visava assimilar o quadro de experiência profissional da turma em questão.

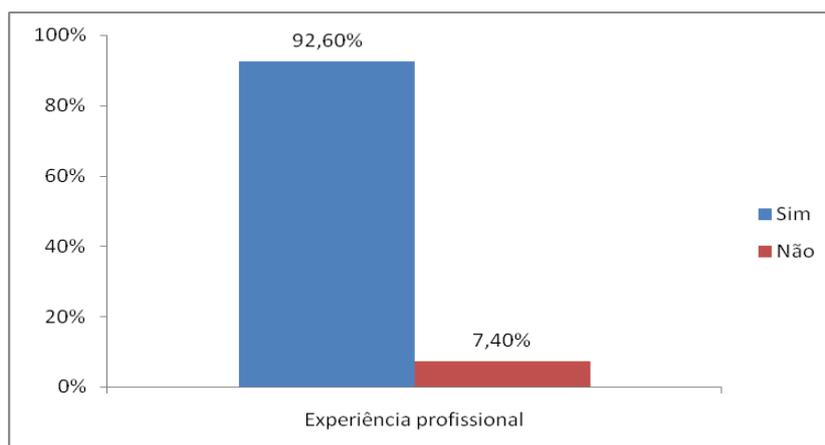


Gráfico 4 - Experiência profissional. Fonte: Criado pela pesquisadora

Ao serem questionados sobre possuírem experiência profissional na área educacional, 93% assinalaram positivamente e 7% assinalaram negativamente. Dentre os casos afirmativos, 2 alunos citaram que tal experiência abrangeu os estágios obrigatórios durante a própria graduação; 3 alunos já trabalham como professores; 7 são estagiários na área educacional; 1 atua como auxiliar de coordenação; 2 são agentes educacionais, 1 aluno faz parte do Programa “Mais Alfabetização”<sup>4</sup> do Governo Federal e 7 participantes não especificaram suas funções.

Entramos agora na terceira categoria: Questões pessoais e formativas. Esse grupo indagatório compreendeu a premência em apontar questões específicas sobre Educação Sexual e Gênero, além de questões relacionadas à infância vivida em contrapartida com a Infância contemporânea.

---

<sup>4</sup> O Programa Mais Alfabetização consiste no fortalecimento e apoio técnico e financeiro das unidades escolares, especificamente no processo de alfabetização de crianças matriculadas no 1º e 2º ano do Ensino Fundamental.

Disponível em: <https://maisalfabetizacao.caeddigital.net/#!/conheca-o-programa>

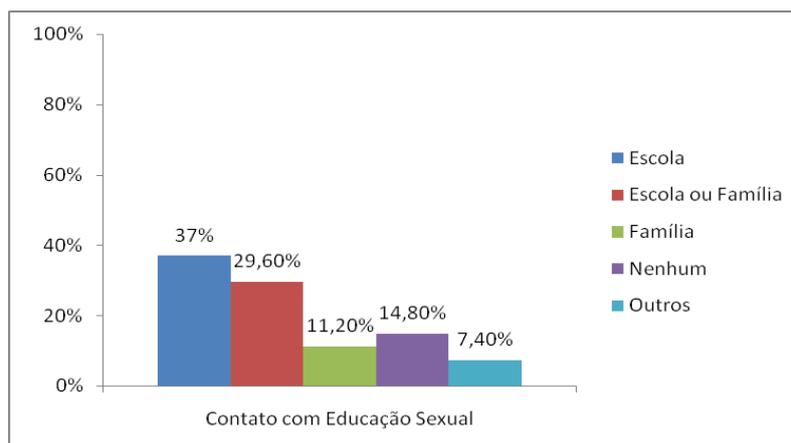


Gráfico 5 - Contato com Educação Sexual. Fonte: Criado pela pesquisadora

Ao serem indagados sobre o contato que tiveram com a Educação Sexual durante sua vida pessoal ou escolar, de acordo com o Gráfico 5, 37% sinalizaram que o primeiro contato foi obtido na escola; 30% assinalaram que tais conhecimentos foram transmitidos em concomitância com a escola e a família; 11% apontaram que esse contato ocorreu no âmbito familiar; 7% assinalou que esse contato ocorreu em outros ambientes, especificando que somente teve conhecimento por meio de panfletos na área da saúde e por fim, 15% dos entrevistados demonstraram não terem contato nenhum com o assunto abordado.

O próximo questionamento compreendeu assimilar as principais diferenças e semelhanças observadas entre as infâncias vividas pelos entrevistados e as infâncias contemporâneas.

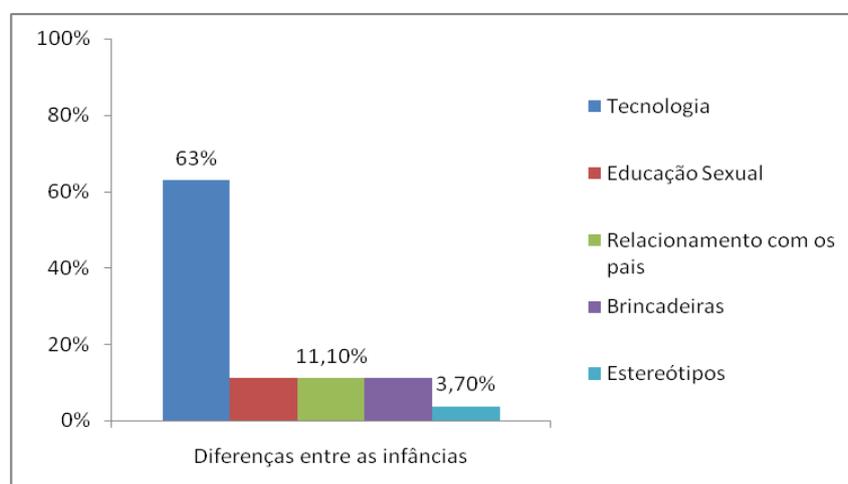


Gráfico 6 - Diferenças entre as infâncias. Fonte: Criado pela pesquisadora

De acordo com as diferenças citadas, ilustradas no Gráfico 6, a maioria, 63%, destacou em suas respostas a presença da tecnologia como uma das maiores diferenças encontradas entre as infâncias.

Creio que mesmo com um período curto de tempo entre a minha infância e a atual, nos dias de hoje as informações são muito mais alcançadas e de fácil acesso. As crianças já crescem com celular/eletrônicos nas mãos, o que faz com que “aprendam”/vejam todo tipo de conteúdo que consigam acessar. (citação de aluno, 2018).

Os alunos destacaram, criticamente, que atualmente as crianças estão mais expostas às informações digitais e, por consequência, imersos nos recursos tecnológicos de informação e comunicação, possuindo, assim, mais estímulos e tornando-as mais questionadoras.

A Infância atual está mais exposta a elementos que mostram a sexualidade em seu aspecto social. Ou seja, internet, televisão e celular, estes meios de comunicação são facilmente acessíveis às crianças de hoje e eles possuem uma gama de conteúdos bons e ruins que podem ser facilmente acessados. Sendo assim, é de grande facilidade a criança se deparar com conteúdos inapropriados a ela, sem o conhecimento do que seja, e não compartilhar/contar ao seu responsável o que vê, talvez por medo ou vergonha. (citação de aluno, 2018).

Em contrapartida, a infância dos entrevistados, segundo eles, era regada à brincadeiras, pois a mídia estava distante da realidade.

Pelo que acompanho nos estágios vejo que as crianças estão cada vez mais próximas da tecnologia em casa e isso causa nelas uma dependência. Ao observá-las

vejo que muitas crianças não sabem brincar, ou não gostam e estão cada vez mais dependentes das tecnologias o que na minha infância não tinha, então brincávamos mais. (citação de aluno, 2018).

Do total de sujeitos que responderam a pesquisa, 11 % enfatizaram que a principal delas eram relacionadas aos temas explanados no questionário. Complementaram expondo que atualmente, os temas ligados à sexualidade são discutidos mais livremente e com um maior preparo, uma maior disponibilidade e preocupação, ao passo que antigamente, mais especificamente na infância dos entrevistados, este assunto era considerado tabu.

Penso que questões relativas à sexualidade, gênero e suas relações ou implicações na infância tem sido abordadas com maior frequência na atualidade. Ainda que muitos preconceitos e moralismos se mantenham, creio que os tempos atuais têm possibilitado maior discussão e estudos. (citação de aluno, 2018).

Outro estudante destacou: “Na minha infância não se falava a respeito da sexualidade, as coisas aconteciam naturalmente, hoje percebo que este assunto é bem mais discutido”. (citação de aluno, 2018).

Ainda compreendendo as diferenças, 11% compararam as infâncias por meio do relacionamento com os pais. De acordo com os alunos, os pais eram mais conservadores e detinham maior autonomia e, atualmente, estes estão mais abertos, carinhosos, preocupados, oferecendo, assim, um maior conhecimento e, por consequência, uma gama maior de oportunidade para a formação do cidadão.

Um aluno sinalizou: “minha infância se difere da atual principalmente pelo fator da educação fora do ambiente escolar, meus pais pareciam ter uma disciplina mais rígida comigo do que posso observar do atual cenário da educação pelas crianças dentro de casa”. (citação de aluno, 2018).

Outro complementa: “penso que na infância atual os pais são um pouco mais compreensíveis com os erros de seus filhos do que na minha infância”. (citação de aluno, 2018).

Um total de 11% citaram as brincadeiras, as quais encontram-se atreladas à segurança como elemento central da resposta, uma vez que para a garantia de sua proteção, a criança contemporânea necessita ficar “dentro de casa, condomínio, apartamento” (citação de aluno, 2018), distanciando-se da infância liberta vivida nas ruas e regada das brincadeiras tradicionais compartilhadas em grupos.

De acordo com os entrevistados, por consequência, as crianças também mudaram seus comportamentos, atitudes, “as crianças eram mais inocentes” (citação de aluno, 2018) a ponto de “ter perdido sua essência pueril” (citação de aluno, 2018), ao passo que atualmente “a criança, muitas vezes, é tratada como um pequeno adulto” (citação de aluno, 2018).

E por fim, 4% destacaram os estereótipos como um fator de diferenciação das infâncias. Os entrevistados ressaltaram que na infância vivida antigamente, as crianças eram mais expostas aos estereótipos de gênero. Atualmente, segundo os alunos, esse assunto é tratado com mais cautela e liberdade.

Dando continuidade, o Gráfico 7, ilustra as semelhanças encontradas e apontadas entre a Infância vivida pelos entrevistados e a Infância atual.

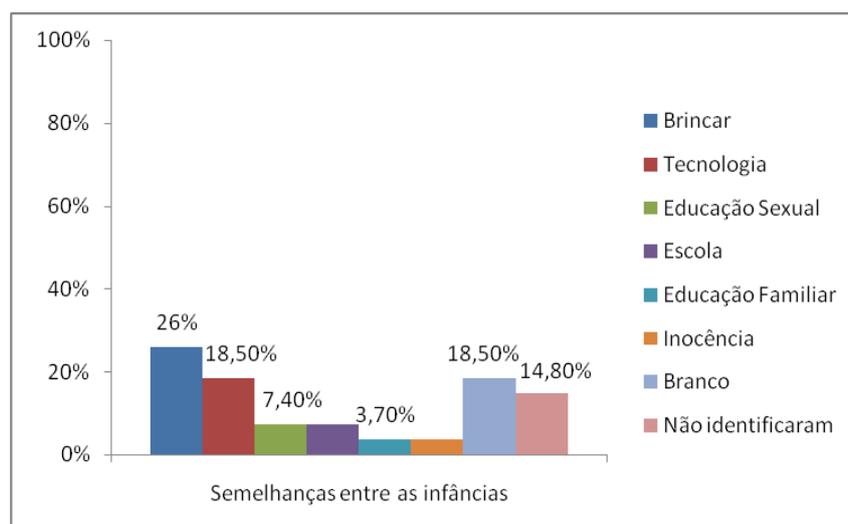


Gráfico 7 - Semelhanças entre as infâncias. Fonte: Criado pela pesquisadora.

O brincar aparece nas respostas da maioria dos entrevistados, 26% justificaram que as brincadeiras aparecem como um fator de aproximação entre as infâncias, perdurando até os dias atuais. Os alunos acreditam que “muitas brincadeiras clássicas ainda estão presentes” (citação de aluno, 2018), persistindo nas infâncias contemporâneas.

A tecnologia também aparece, apesar de ser um ponto máximo das diferenças, na resolução da indagação referente às semelhanças entre as infâncias. Dos entrevistados, 18,5% apontam a presença da mídia, da modernização das brincadeiras e da rotina das crianças por meio da tecnologia como um fator semelhante.

A Educação Sexual foi citada por 7% dos alunos, os quais destacaram que a existência das dúvidas, “o tabu ao se falar de sexualidade, bem como educação sexual” (citação de aluno, 2018) e da segregação de gênero existia e ainda perdura na infância atual. A mesma porcentagem apresenta a escola como um meio de aproximação entre as infâncias. Segundo os alunos participantes da pesquisa, os conteúdos e métodos de ensino, principalmente relacionados à Educação Sexual ou falta dela e a inexistência de uma preocupação da instituição escolar em formar cidadãos críticos ainda perseveram na atualidade.

Com uma porcentagem baixa, porém não menos relevante, 4% dos entrevistados registraram a Educação Familiar como um dos pontos da indagação. Tal parcela enfatiza que a educação proveniente do âmbito familiar continua rígida e severa, principalmente quando tal educação encontra-se atrelada aos temas relacionados à Educação Sexual.

A mesma porcentagem de alunos destaca que a inocência infantil está amplamente referenciada às infâncias, uma vez que, de acordo com os alunos participantes, a figura central da criança abrangendo suas características como: curiosidade, fragilidade, indefesa e inocência continuam perdurando na existência e vivência pueril.

Em uma das respostas, nos deparamos com um aluno sinalizando: “acredito que tanto as crianças de antes, como as de hoje nunca deixaram de ver a vida com “inocência” e tranquilidade. “Inocência” no sentido de perceberem as coisas de forma natural, sem deixarem de ser espertas e curiosas”. (citação de aluno, 2018).

Uma porcentagem relativamente alta, 15%, não conseguiu identificar fatores semelhantes entre as infâncias e um número maior ainda, 18,5% foi a porcentagem representante das questões em branco.

A próxima pergunta foi redigida por meio de alternativas, indagando sobre a opinião dos estudantes de pedagogia em relação aos temas Educação Sexual e Gênero serem trabalhados a partir da Educação Básica.

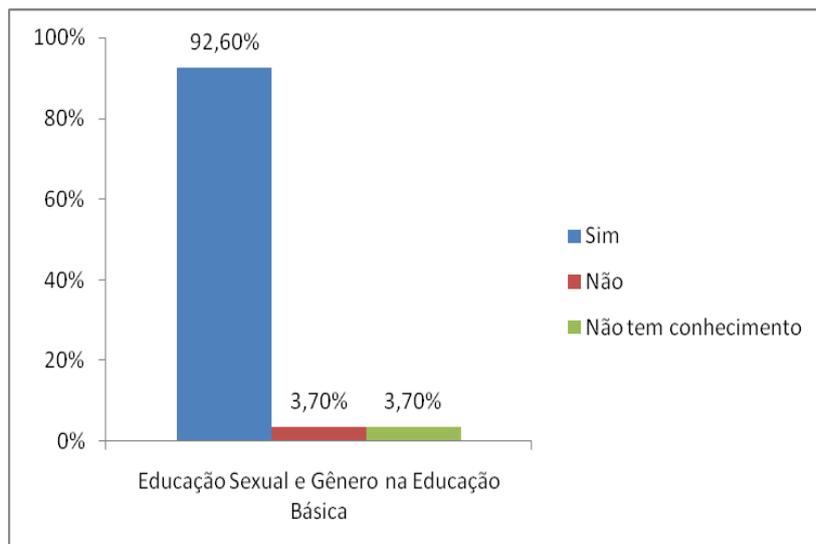


Gráfico 8 - Educação Sexual e Gênero como parte da Educação Básica. Fonte: Criado pela pesquisadora

De acordo com o Gráfico 8, a grande e esmagadora maioria, sinalizou que os temas em questão devem, sim, fazer parte da Educação Básica, totalizando 92% das respostas adquiridas. Já para 4% dos alunos, tal assunto foi encarado como um fator negativo, os quais desaprovaram o pertencimento dos temas explanados no interior da Educação Básica. A mesma porcentagem sinalizou não ter conhecimento sobre a indagação em questão.

Dando continuidade, a próxima indagação consistia em deter conhecimento em relação à quando os entrevistados consideravam a relevância de iniciar a Educação Sexual no âmbito escolar. Dentre as alternativas, os alunos deveriam sinalizar entre: Educação Infantil; Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano; Ensino Médio ou nenhum nível escolar.

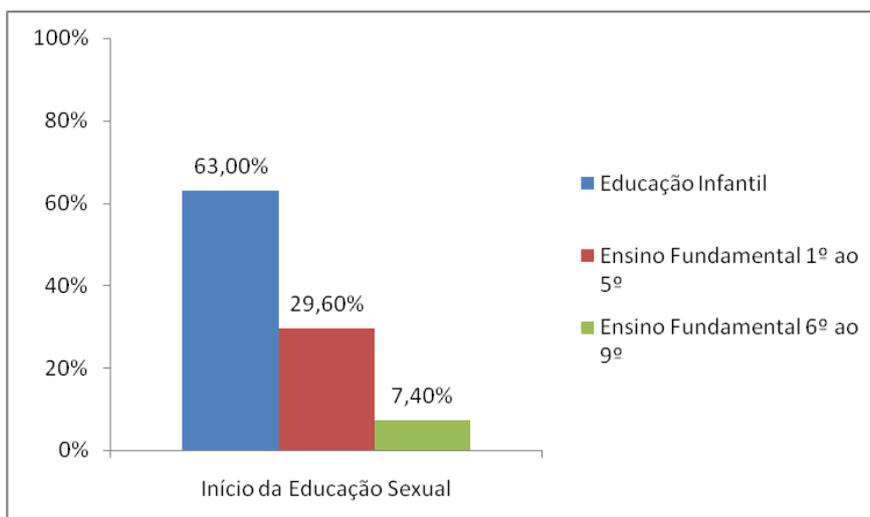


Gráfico 9 - Início da Educação Sexual. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A predominância das respostas, 63%, de acordo com o Gráfico 9, consistia na importância da Educação Sexual ser iniciada logo na Educação Infantil. Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano abrangeu um total de 30% das respostas, ao passo que o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano deteve um valor de 7% dos resultados. Ensino Médio e nenhum nível escolar permaneceram no 0% demonstrando a importância que os entrevistados determinaram para com o início de a Educação Sexual ser debatido/discutido cada vez mais cedo no âmbito escolar.

A última pergunta da categoria em questão, indagava sobre a formação específica dos pedagogos nas disciplinas da graduação sobre os temas Educação Sexual e Gênero.

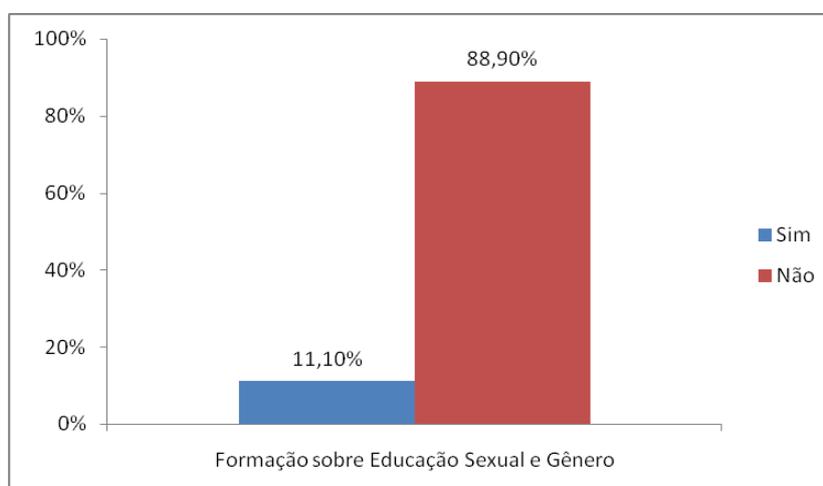


Gráfico 10 - Formação específica no curso sobre Educação Sexual e Gênero. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Analisando o Gráfico 10 acima, podemos perceber que a maior porcentagem, aproximadamente 89% dos alunos, destacou a ausência dos temas nas disciplinas compostas do curso no âmbito da Universidade. Os entrevistados que assinalaram a resposta afirmativa, mais precisamente 11%, fizeram diante uma breve explicação que consistia na não abordagem durante quase todo o quadro curricular, porém tinham conhecimento que uma disciplina do último ano e último semestre do curso abordaria tais assuntos.

Iniciando uma nova categoria de perguntas, entramos em um conceito mais prático com o intuito de colocar o aluno no papel de um futuro profissional, no âmbito escolar e presenciando diversas situações expostas a seguir. A categoria em questão, diz respeito ao Posicionamento e Prática Profissional.

O primeiro caso exposto para os alunos baseava-se na ideia de colocá-los como professor de Educação infantil para, então, saber qual seria o seu posicionamento diante o seguinte caso: “Sua turma possui alunos entre três e quatro anos, sendo sete meninos e seis meninas. Todos estão entretidos e felizes brincando com fantasias. Um de seus alunos, um menino, escolhe vestir a fantasia da Cinderela, enquanto que uma menina resolve ser o Homem Aranha”.

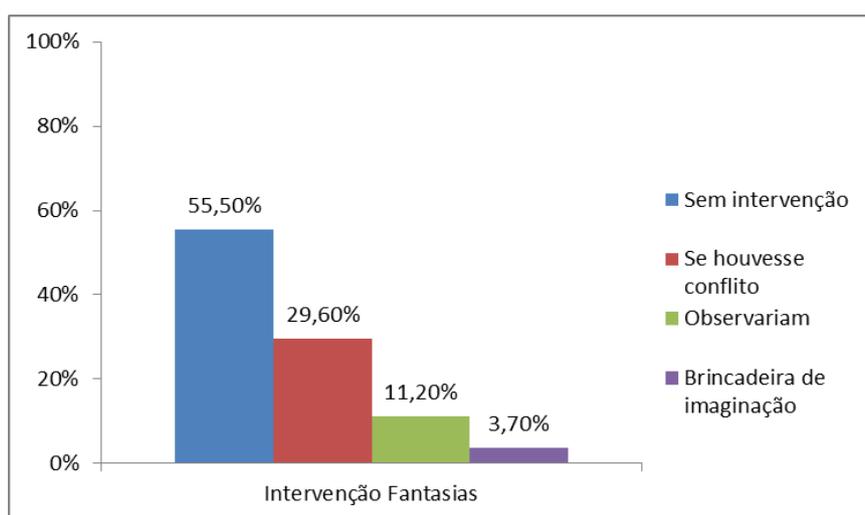


Gráfico 11 - Intervenção Fantasias. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Ao serem indagados qual seria a intervenção utilizada no momento citado, diante o Gráfico 11, 55% dos alunos sinalizaram que não iriam intervir e deixariam claro que as

crianças possuem liberdade de escolha, 30% dos entrevistados destacaram que somente ocorreria uma intervenção se houvesse algum conflito, tais como: questionamentos, estranhamento, preconceito ou desrespeito entre os alunos. A intervenção, neste caso, seria pautada na conversa/diálogo. Prosseguindo, 11% dos alunos disseram que somente observariam a situação para buscar indícios do motivo da escolha das crianças. Por fim, 4% dos entrevistados especificaram que a intervenção seria guiada por intermédio de uma brincadeira de imaginação para que cada criança interpretasse o personagem da fantasia escolhida, a fim de tentar sanar os preconceitos impostos pelos estereótipos de gênero impostos.

O segundo posicionamento consistiu no seguinte caso: “No pátio da escola, as crianças se dividem em dois grupos: meninas brincam de boneca e meninos jogam futebol. Uma menina aproxima-se do jogo e pede para participar, enquanto que um menino demonstra interesse pelas bonecas. Ambos são rejeitados pelos grupos em questão”.

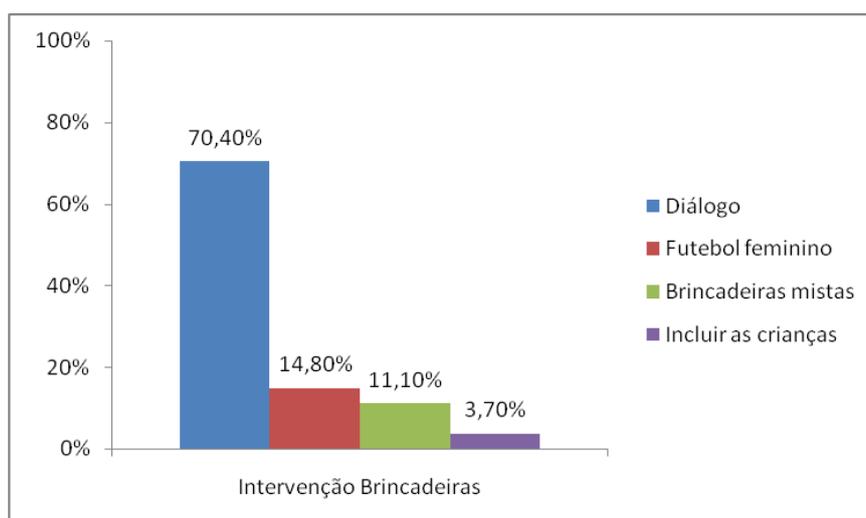


Gráfico 12 - Intervenção Brincadeiras. Fonte: Criado pela pesquisadora.

De acordo com o Gráfico 12, 70% dos alunos destacaram que a intervenção seria pautada no diálogo com os alunos, demonstrando a não existência de brincadeiras de meninos e meninas, amenizando, assim, paradigmas sexistas. A próxima intervenção sinalizada abrangeu 15% dos entrevistados, os quais destacaram que apresentariam para as crianças a existência, tal como a importância, do futebol feminino brasileiro, enfatizando a presença notória de Marta, considerada a melhor jogadora, além também, de lembrar os meninos que

eles poderiam ser pais no futuro, desmistificando o estranhamento ocasionado mediante a possível inversão de papéis (aos olhos da construção historicamente enraizada pela sociedade). Ainda de acordo com a Figura 12, 11% destacaram intervenções específicas como brincadeiras mistas, uma vez que todos poderiam brincar juntos e planejar atividades em que as crianças poderiam interpretar figuras ditas como masculinas e, separadamente, femininas, um exemplo citado pelos alunos seria brincadeiras baseadas em profissões, a fim de que todos pudessem interpretar o profissional escolhido. Finalizando, 4% dos entrevistados solicitariam ao grupo que incluíssem as crianças em questão, sem maiores explicações.

Ainda de acordo com as situações expostas acima, a próxima indagação consistia em conhecer qual seria a intervenção ocasionada pelos alunos mediante a posição contrária dos pais em relação à posição tomada pelo profissional de acordo com os casos explanados acima.

O Gráfico 13 ilustra as situações encontradas.

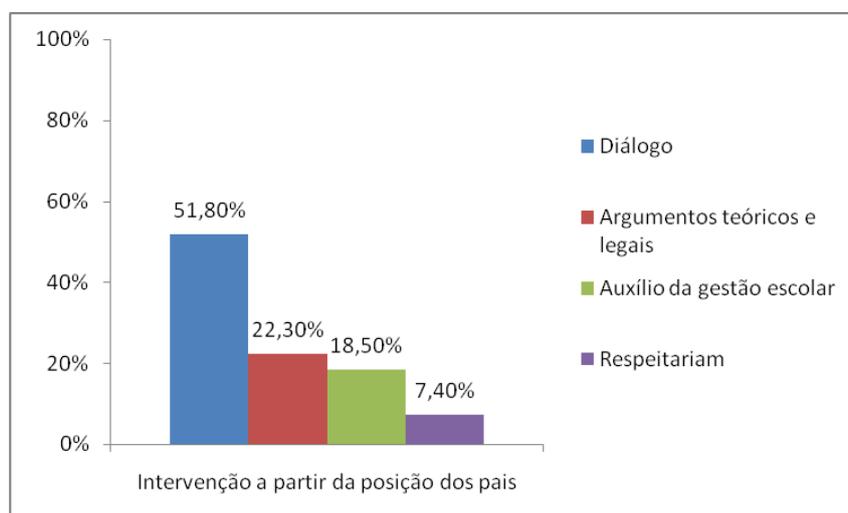


Gráfico 13 - Intervenção mediante a posição contrária dos pais. Fonte: Criado pela pesquisadora.

De acordo com o Gráfico 13, 52% dos alunos destacaram que a intervenção ocorreria por meio de um diálogo, apontando os argumentos pertinentes a fim de explicar tal atitude. Ao passo que 22% dos entrevistados buscariam complementar seus argumentos com textos, artigos e leis, subsidiando legalmente uma abordagem teórica. Buscariam auxílio e apoio da

equipe gestora da escola compreendeu 19% das respostas e 7% justificaram que tentariam um diálogo, mas respeitariam e acatariam a decisão tomada pela família, enfatizando não poder interferir na criação de seus filhos.

Para finalizar as questões práticas impostas, aumentando consideravelmente a complexidade da situação e colocando para agir criticamente, a última pergunta da categoria consistia em: A partir de seu posicionamento diante as situações anteriores, qual seria a sua atitude ao se deparar com a posição contrária da coordenação/direção da escola?

Ao passo em que as respostas eram analisadas, podemos notar uma semelhança com as respostas da questão anterior.

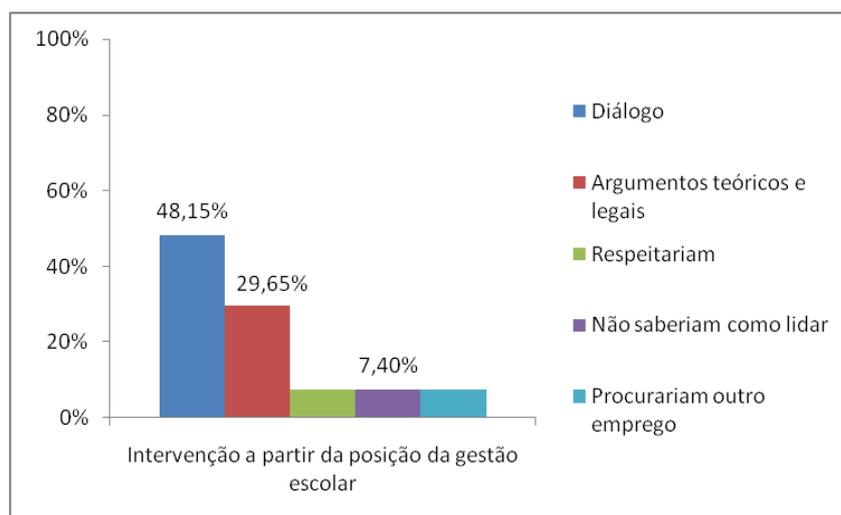


Gráfico 14 - Intervenção mediante a posição contrária da equipe gestora. Fonte: Criado pela pesquisadora.

De acordo com o Gráfico 14, a maioria dos entrevistados, mais precisamente 48,15% dos alunos enfatizaram que insistiriam no diálogo, tentando explicar a importância e relevância de trabalhar esse tema com as crianças. As fundamentações teóricas e legais foram encontradas em 29,65% das respostas, uma vez que a intenção aqui demonstrada era o respaldo acima de pesquisas e leis, além de criar uma base sólida para possíveis questionamentos e represálias. O posicionamento contrário da direção amedrontou uma porcentagem baixa de alunos, 7,4% disseram que tentariam um diálogo, mas caso a posição persistisse, eles seguiriam e respeitariam as orientações impostas pela direção escolar. Ainda 7,4% enfatizaram não saber como lidar com a situação exposta e também 7,4% dos alunos

iniciariam um diálogo esclarecedor, porém caso a posição inicial imposta continuasse, cogitaram a procura de um novo emprego, pois não estariam satisfeitos com as ideias da equipe gestora escolar.

Para finalizar o questionário, a fim de procurar sanar os possíveis questionamentos existentes sobre Educação Sexual e Gênero, a última pergunta realizada compreendeu uma visão geral de dúvidas existentes ou comentários sobre o tema, questionário e importância do assunto tratado.

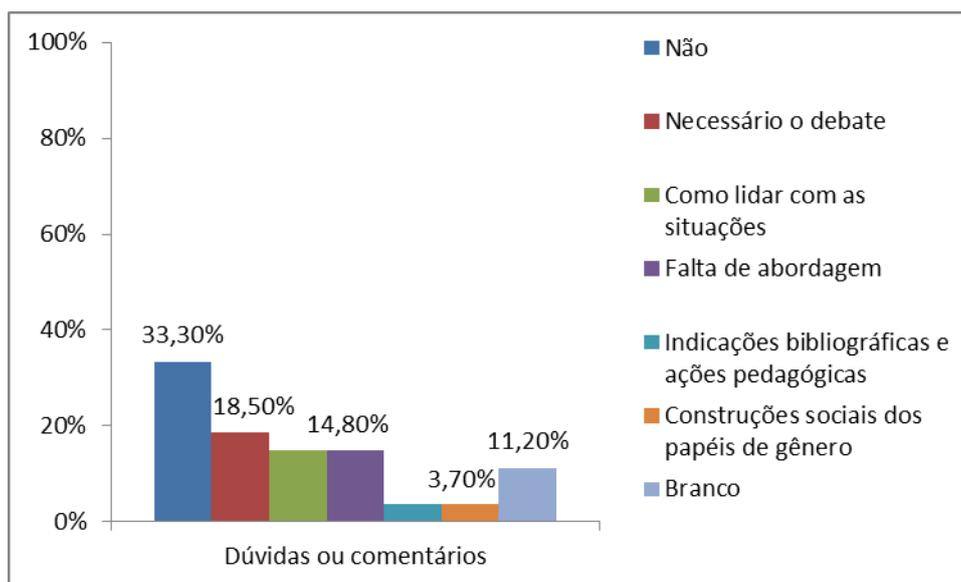


Gráfico 15 - Dúvidas ou comentários. Fonte: Criado pela pesquisadora.

O Gráfico 15 retrata um quadro amplo referente às dúvidas dos alunos entrevistados do período diurno. Inúmeros questionamentos foram realizados, demonstrando a falta de informação, diálogo e a quase que ausência do tema no curso de graduação. A maioria, 33% sinalizou não ter dúvidas sobre o assunto em questão. A importância de abordar o tema foi citada por 18% dos alunos, demonstrando ser necessário um debate sobre os conteúdos explanados no questionário. No quesito dúvida, 15% gostariam de saber quais as melhores maneiras de lidar com as situações expostas no questionário, confirmando a dificuldade em se posicionar diante o decorrer das perguntas realizadas. Ainda 15% dos alunos, destacaram a importância do assunto juntamente com a falta de abordagem durante a graduação. Poucos alunos, 4% demonstraram interesse por indicações bibliográficas e ações pedagógicas didáticas, a fim de um melhor preparo profissional. Também foram registrados por 4% dos

entrevistados o interesse em assuntos que englobem construções sociais dos papéis de gênero. E por fim, 11% deixaram a pergunta em branco.

Os gráficos e as descrições das respostas montaram um panorama geral da turma diurna.

### 5.1.2 Noturno

Voltando agora nossos olhares para a turma do noturno. De acordo com a primeira categoria, duas questões englobaram a identificação do participante.

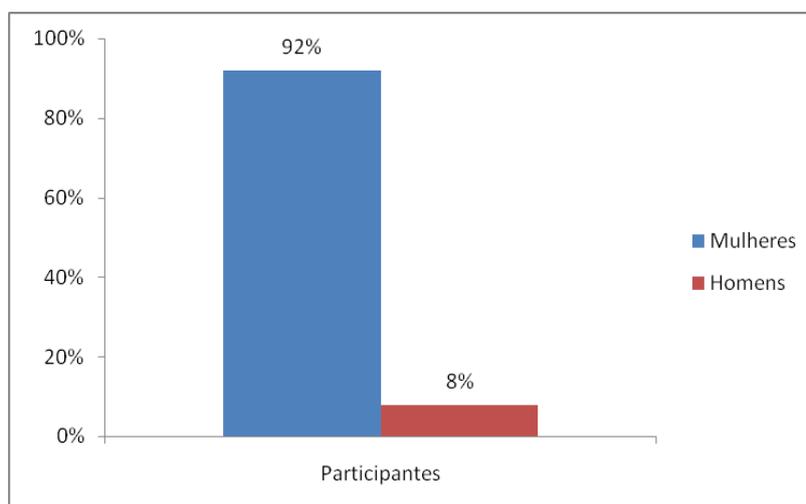


Gráfico 16 - Participantes da pesquisa. Fonte: Criado pela pesquisadora.

O Gráfico 16 relata que a grande maioria dos participantes era composta pelo público feminino, 92%. Vale ressaltar que esse questionamento foi pensado e projetado como pergunta aberta a fim de fornecer uma maior liberdade de posicionamento dos alunos.

A idade dos participantes compreende uma escala entre 20 e 35 anos. Grande parte da turma era composta por idades entre 21 e 22 anos, compreendendo 20% e 24% respectivamente. A minoria englobava as idades entre 28, 29, 30 e 35 sinalizados no Gráfico 17 abaixo compondo porcentagens de 4% cada um.

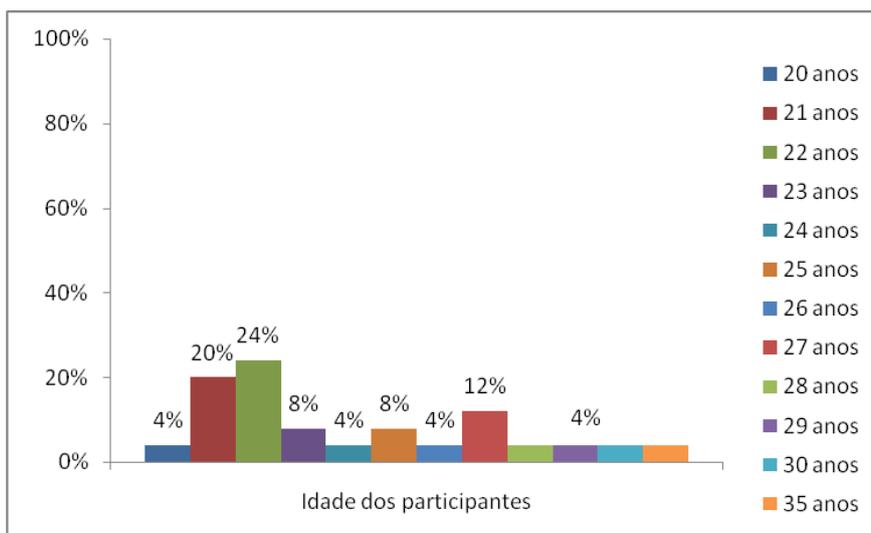


Gráfico 17 - Idade dos participantes. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A segunda categoria contou também com a junção de duas questões, formalizando a etapa da Formação Acadêmica, estas compreenderam áreas heterogêneas. Mesmo com a maioria como observado no Gráfico 18, 72%, sinalizaram somente o curso de Pedagogia, o restante veio de diversos cursos que culminaram na escolha do curso em questão, sendo assim, 28% relataram outras formações como: propaganda e marketing, letras, ciências exatas e mestrado, design gráfico, administração empresarial, técnico em informática, técnico em administração e mecânica.

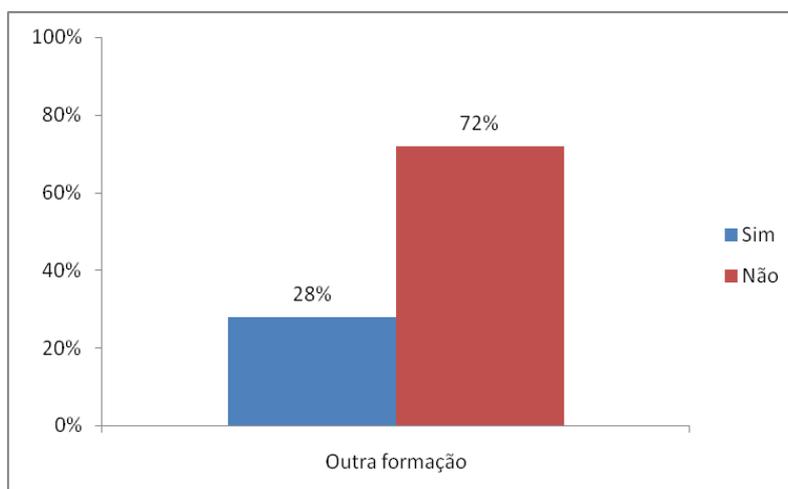


Gráfico 18 - Possui outra formação acadêmica. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Em seguida os entrevistados foram questionados sobre as suas experiências profissionais no âmbito educacional. O Gráfico 19 ilustra as respostas obtidas.

Tais experiências foram elencadas pelos entrevistados que, em sua maioria, 92%, sinalizaram que já possuíam vivências práticas, dentre elas: professores, estagiários na área educacional, auxiliar de coordenação, agentes educacionais, Programa “Mais Alfabetização” do Governo Federal, além de citarem os estágios obrigatórios realizados durante a graduação.

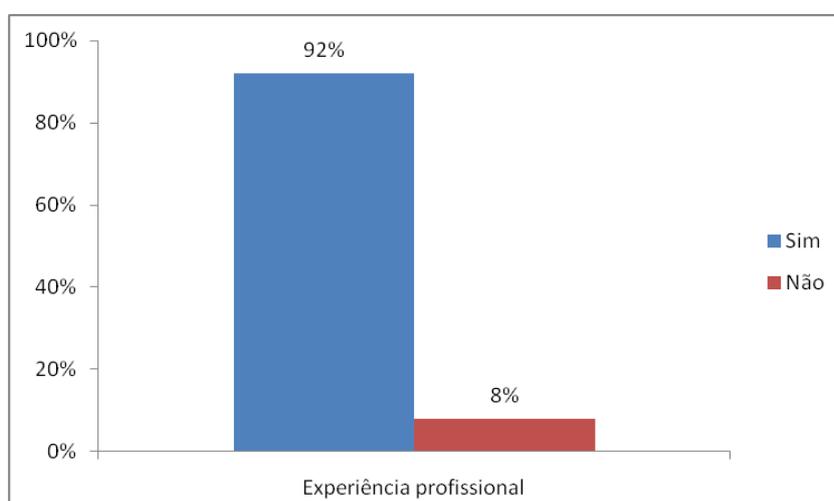


Gráfico 19 - Experiência profissional educacional. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Iniciando a categoria de questões pessoais e formativas, os alunos foram questionados sobre o contato se/como tiveram com a Educação Sexual. O Gráfico 20 ilustra as respostas obtidas. A maioria dos alunos, 32%, sinalizou que o contato com a Educação Sexual ocorreu na escola, porém a mesma porcentagem também assinalou que não tiveram nenhum contato com o assunto em questão. 24% dos entrevistados responderam que esse contato ocorreu na escola ou na família. Os contatos que ocorreram somente dentro do âmbito familiar, contaram com uma porcentagem baixa, compreendendo 8% dos alunos. E 4% assinalaram que essa comunicação ocorreu em outros espaços, tais como: panfletos, propagandas na área da saúde.

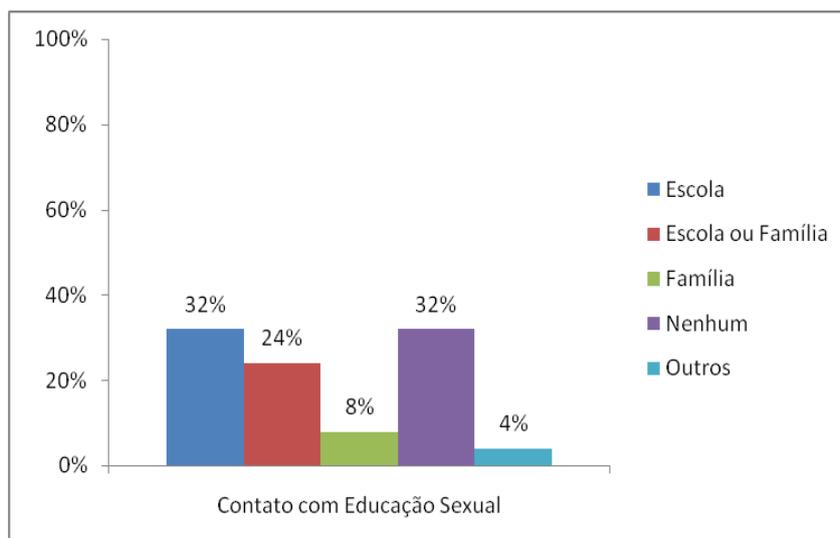


Gráfico 20 - Contato com Educação Sexual. Fonte: Criado pela pesquisadora.

As duas perguntas subsequentes devolveram uma riqueza de detalhes nas respostas oferecidas pelos entrevistados. Quando perguntados sobre quais eram as diferenças observadas por eles entre a infância vivida e a infância das crianças contemporâneas, a maioria dos alunos, 44% citaram a tecnologia como a maior diferença notada e comprovada entre as infâncias.

Há uma grande diferença entre a minha infância e a infância atual, antigamente não se tinha uma tecnologia tão avançada como atualmente. Hoje informações, conteúdos de diversos interesses estão apenas em um toque. O famoso celular hoje em dia é muito desejado pelas crianças como formas de distrações, coisa que antigamente a única distração que tínhamos e desejada por todos era assistir filmes em vídeo cassete. (citação de aluno, 2018).

De acordo com o complemento das respostas, os alunos disseram que, atualmente, as crianças estão mais expostas às informações digitais e imersas nos recursos tecnológicos de informação e comunicação, refletindo em mais estímulos e, por consequência, tornam-se mais questionadoras. Em contrapartida, a infância dos entrevistados era regada a brincadeiras, uma vez que a mídia estava distante da realidade.

Acredito que as crianças possuem muito mais estímulos, informações e possibilidade e aprendizagem e desenvolvimento, devido ao fato das tecnologias e o aumento da interação social da criança. São crianças mais ativas, questionadoras, espertas e etc. Crianças “evoluídas” em todos os aspectos, sendo bons ou ruins. (citação de aluno, 2018).

De acordo com o Gráfico 21, 24% dos entrevistados enfatizaram que as diferenças entre as infâncias eram permeadas pelos temas explanados no questionário. Na infância atual os temas ligados à sexualidade são discutidos mais livremente e com um maior preparo, uma maior disponibilidade e preocupação, ao passo que na infância dos entrevistados este assunto era considerado tabu.

Seguindo a análise, 12% dos alunos diferenciaram as infâncias por meio dos ensinamentos ofertados pela escola. A escola era mais conservadora e detinha maior autonomia, atualmente estão mais abertas, oferecendo, assim, um maior conhecimento e por consequência uma gama maior de oportunidades para a formação do cidadão. A mesma porcentagem destacou que a diferença entre as infâncias são encontradas nas atitudes, comportamentos e desenvolvimento das crianças, colocando estas como elemento central da resposta.

A segurança também apareceu como um fator de diferenciação na resposta de 4% dos entrevistados. E, por fim, a mesma porcentagem deixou a pergunta em branco.

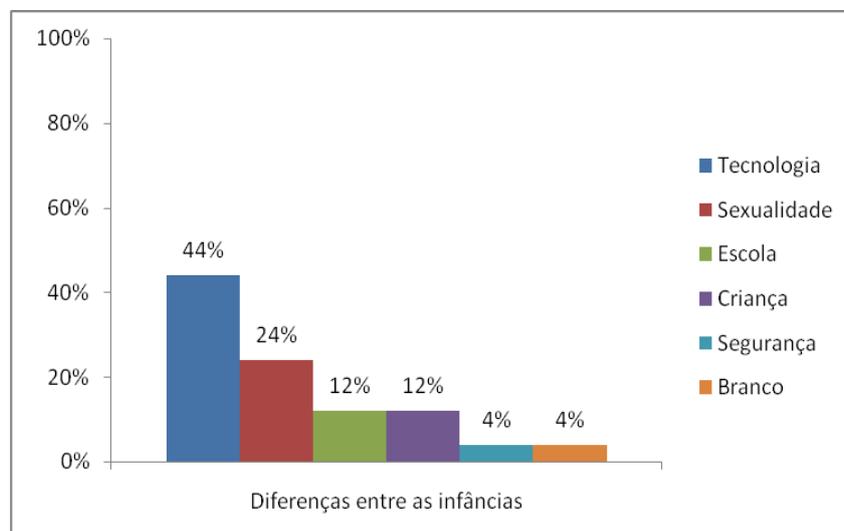


Gráfico 21 - Diferenças entre as infâncias. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A pergunta seguinte visava então, conhecer dos entrevistados, quais seriam as semelhanças entre a infância vivida por eles da infância contemporânea. O Gráfico 22 ilustra as respostas obtidas.

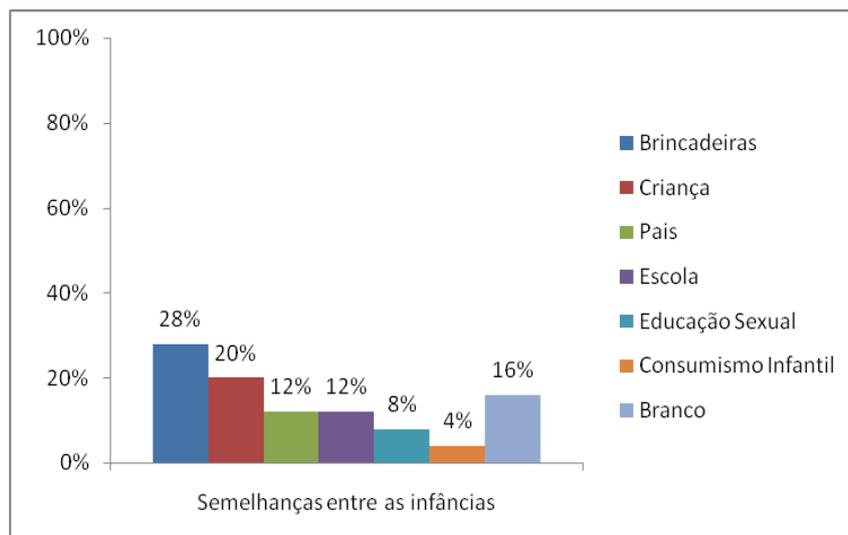


Gráfico 22 - Semelhanças entre as infâncias. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Em sua maioria, totalizando 28% das respostas, as brincadeiras foram enfatizadas como fator de aproximação entre as infâncias, perdurando até os dias atuais. “As crianças ainda são crianças, por mais que os tempos tenham mudado, elas ainda brincam, têm comportamentos parecidos com os das crianças da minha época” (citação de aluno, 2018).

Em seguida, com 20%, novamente encontramos a criança relacionada como a figura central das semelhanças entre a infância vivida pelos entrevistados da infância contemporânea. Os alunos, como forma de justificativa, apontaram (alguns criticamente) características que persistem nas crianças, como: curiosidade, inocência, fragilidade, indefesa.

Os pais, ou melhor, a ausência deles, apareceu em 12% das respostas. A escola apareceu na mesma porcentagem, apontada como semelhança, abrangendo os métodos de

ensino e a falta de preocupação para com os assuntos voltados à Sexualidade/Educação Sexual.

A Educação Sexual por sua vez, foi citada em 8% das respostas, os quais enfatizaram a existência (ainda) de dúvidas e da segregação de gênero, pois “anos depois ainda há a divisão de coisas de menino e coisas de menina” (citação de aluno, 2018). Tais comportamentos são encontrados exaustivamente nos padrões culturais expostos pela sociedade, tanto na infância do entrevistado quanto na contemporaneidade.

Com uma porcentagem baixa, porém lembrado, 4% citaram o consumismo infantil como um ato de aproximação entre as infâncias, destacando o “culto aos bens materiais” de forma exacerbada.

Ainda vivemos sob um mesmo paradigma da sociedade e consumo, em que o valor, culto aos bens materiais é bem exacerbado. Na infância, a questão do consumismo infantil, do “fetiche” em torno disso está presente na infância atual e na minha. A cultura individualista, de relações cada vez mais fechadas em “bolhas” também me parece uma constante. (citação de aluno, 2018).

Para finalizar, 16% dos sujeitos que responderam a pesquisa, deixaram a pergunta em branco.

Dando continuidade, as três últimas perguntas desta categoria foram fechadas, delimitando e padronizando as respostas obtidas. Os alunos foram, então, questionados sobre a Educação Sexual ser elemento constituinte da Educação Básica.

A maioria, 96%, como observado no Gráfico 23, sinalizaram que a Educação Sexual e o Gênero devem fazer parte da Educação Básica, ao passo que 4% não acreditam que a Educação Básica não deve conter tais assuntos.

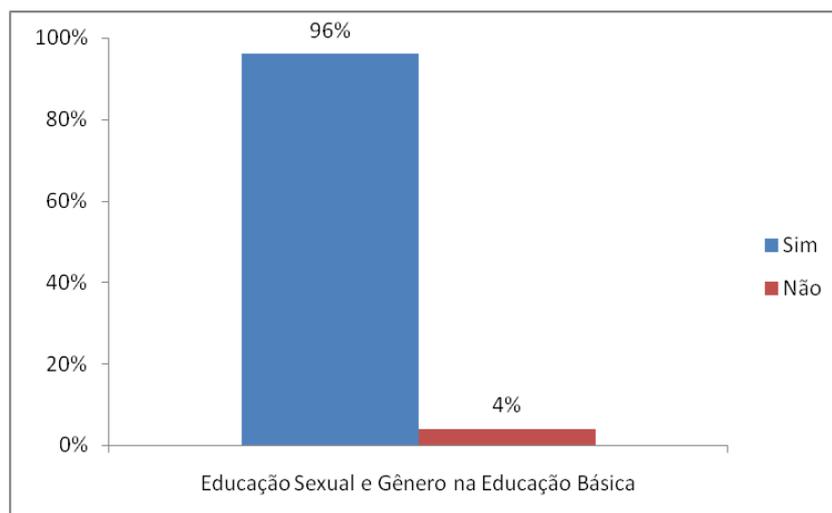


Gráfico 23 - Educação Sexual e Gênero como parte da Educação Básica. *Fonte:* Criado pela pesquisadora.

Em seguida, os alunos deram o seu posicionamento sobre em qual nível escolar deveria ocorrer o início da Educação Sexual. De acordo com o Gráfico 24 abaixo, observamos uma heterogeneidade nas respostas, mostrando a inconstância permeada pelo assunto. A maioria, 56% acredita que o início deve ocorrer ainda na Educação Infantil; o início no Ensino Fundamental dos Anos Iniciais contou com 20% das respostas e 24% enfatizaram que tal assunto deve ser tratado inicialmente somente na 2ª fase de Ensino Fundamental. Ensino Médio e nenhum nível escolar não obtiveram nenhuma das respostas.

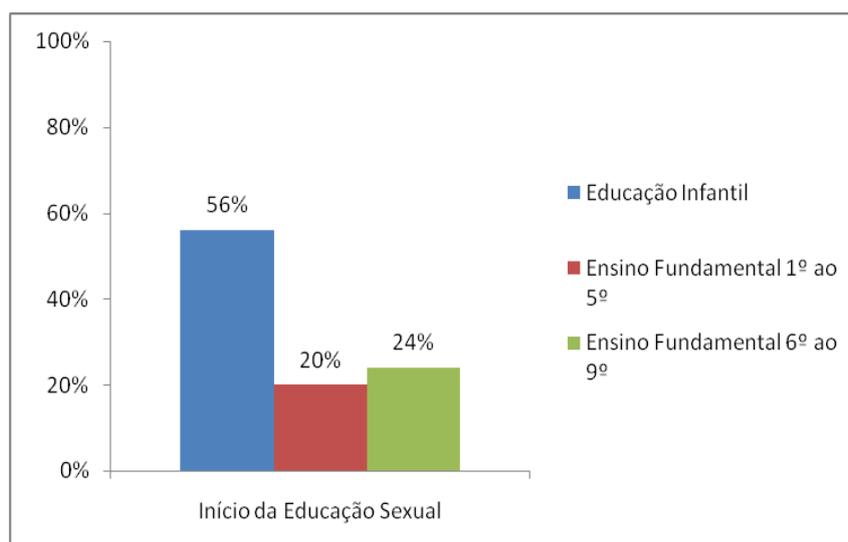


Gráfico 24 - Início da Educação Sexual. *Fonte:* Criado pela pesquisadora.

Para fechar a categoria, os alunos responderam se o curso de graduação ofereceu formação específica sobre Educação Sexual e Gênero. Notamos no Gráfico 25 que somente 16% assinalaram que sim, contra 84% responderam que não. As respostas afirmativas, assim fizeram por terem conhecimento que este assunto seria trabalhado na disciplina do último semestre.

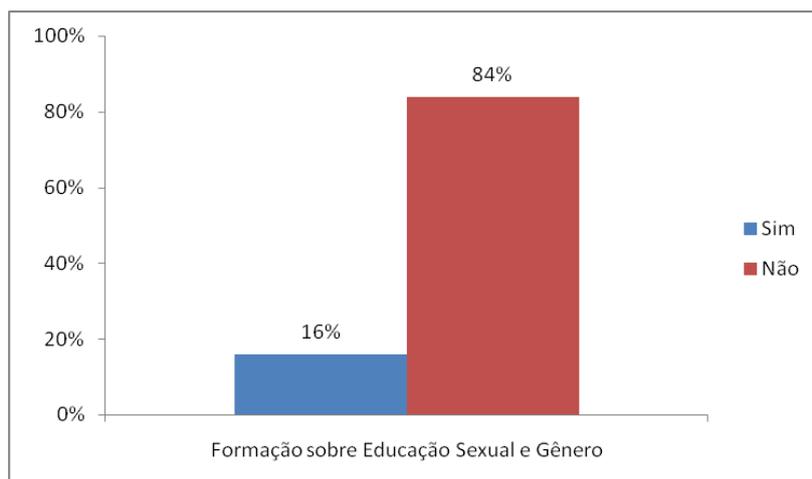


Gráfico 25 - Formação específica no curso sobre Educação Sexual e Gênero. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Iniciando a última categoria imposta sobre posicionamento e prática profissional, damos início às perguntas referentes ao posicionamento e prática profissional. O Gráfico 26 ilustra as respostas obtidas pelos entrevistados.

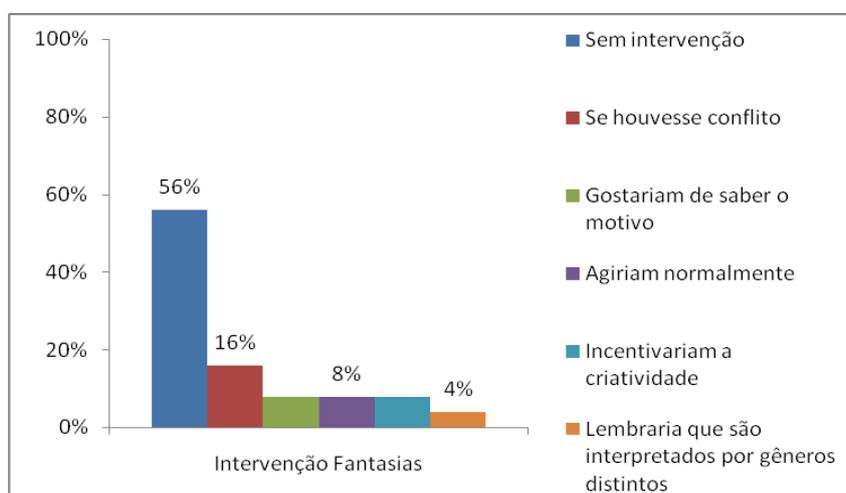


Gráfico 26 - Intervenção Fantasias. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A indagação em questão visava conhecer qual seria a intervenção dos futuros docentes diante o seguinte caso: “Sua turma possui alunos entre três e quatro anos, sendo sete meninos e seis meninas. Todos estão entretidos e felizes brincando com fantasias. Um de seus alunos, um menino, escolhe vestir a fantasia da Cinderela, enquanto que uma menina resolve ser o Homem Aranha”.

Do total de alunos, mais da metade, 56% sinalizaram que não iriam intervir por considerarem atitudes naturais, deixariam que cada um se vestisse do jeito que quisesse, acatando suas escolhas. Uma porcentagem considerável, 16% somente iriam intervir caso houvesse algum conflito, “estranhamento/desrespeito entre os alunos da turma” (citação de aluno, 2018), a fim de explicar que as escolhas são livres e devem ser respeitadas diante as nossas diferenças.

Alguns entrevistados, 8% fariam uma intervenção com o intuito de conhecer o motivo de tais escolhas. A mesma porcentagem agiria normalmente, destacando que as escolhas tomadas não afetariam ou influenciariam na sexualidade e na identidade de gênero de cada criança. Ainda 8% incentivariam a criatividade e a brincadeira proposta pelos alunos, a fim de criar um ambiente saudável e natural.

Por fim, 4% destacaram que “deixariam claro ou lembrariam que os papéis são interpretados por um homem e uma mulher, porém, não teria problema em trocar os papéis” (citação de aluno, 2018). Diante esse posicionamento podemos destacar que a “troca”, a inversão do que é considerado normativo, ainda causa estranhamento.

A próxima questão coloca o profissional no centro de uma situação em que os alunos brincam livremente e formam entre si grupos distintos, os quais meninos brincam de futebol e meninas brincam de boneca. O questionamento ocorre mediante a negação dos meninos em aceitar uma menina no futebol e a negação das meninas em aceitar um menino brincando com bonecas.

O Gráfico 27 demonstra as intervenções sinalizadas por entrevistados de acordo com o caso proposto.

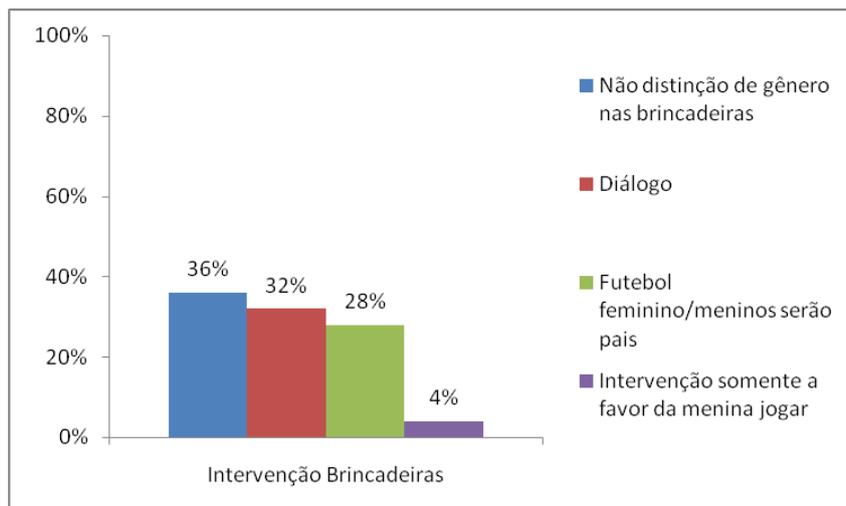


Gráfico 27 - Intervenção Brincadeiras. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Diante as repostas obtidas e analisando a figura em questão, notamos uma divisão quase que igualitária entre as medidas tomadas. A maioria, 36% enfatizou a não existência de brincadeiras de meninos e meninas e de que não há distinção entre os brinquedos, sinalizando que “brinquedo e brincadeira não dizem respeito ao gênero” (citação de aluno, 2018). O diálogo também apareceu como uma intervenção, 32% dos entrevistados disseram que ela seria pautada na conversa, a fim de orientar que todos devem brincar de acordo com aquilo que desejam e que tais escolhas não deveriam “ser motivos de julgamento entre eles” (citação de aluno, 2018). Em algumas respostas, 28% dos entrevistados citaram a presença do futebol brasileiro feminino como forma de intervir a favor das crianças excluídas, citando a Marta como a melhor jogadora da seleção brasileira e também destacaram que os meninos devem brincar de boneca, pois poderão ser pais no futuro. Encontramos aqui exemplos reais, uma vez que o profissional apresenta a realidade para seus alunos, aproximando-os de experiências futuramente vivenciadas, com exemplos palpáveis. Percebemos aqui uma proximidade com as respostas da turma do diurno.

Uma porcentagem muito baixa se comparada com as anteriores, 4% respondeu somente que iria intervir a favor da menina jogar futebol, mas não do menino brincar de boneca. Destacamos aqui um exemplo claro de pensamento estereotipado. O incômodo, no caso, ocorreu somente em relação ao menino brincar com um brinquedo considerado feminino pela sociedade.

Logo após, os sujeitos da pesquisa foram indagados em como seria a intervenção caso a posição dos pais fosse contrária às atitudes tomadas na questão anterior.

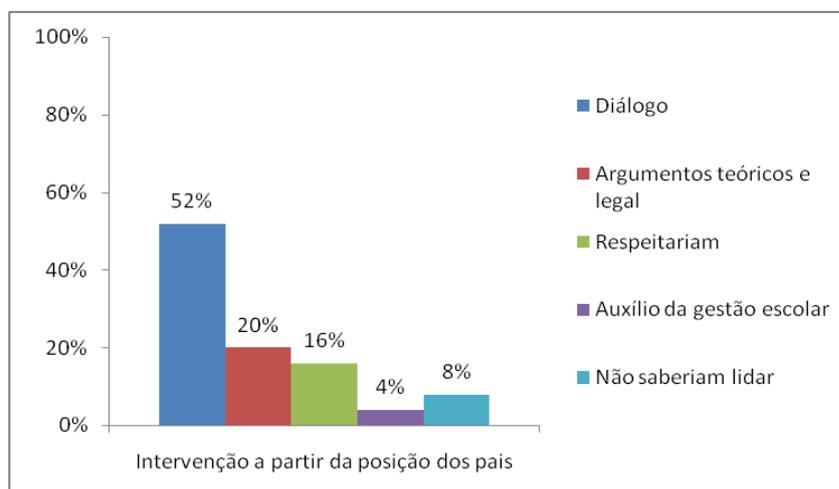


Gráfico 28 - Intervenção mediante a posição contrária dos pais. Fonte: Criado pela pesquisadora.

De acordo com a Figura 28, observamos que 52% das respostas acreditaram que o diálogo, expondo reflexões acerca das situações, seria o melhor caminho a seguir.

Os questionaria sobre sua vida. A mãe não gosta de super heróis? O pai nunca viu um filme de princesa? O pai não cuidou de seus filhos? A mãe nunca viu futebol feminino ou jogou? Os faria pensar se aquelas brincadeiras realmente iriam definir o gênero de seu filho. (citação de aluno, 2018).

Algumas pessoas, 20%, citaram que se embasariam em textos, palestras, pesquisas e leis para apresentar argumentos que sustentem a posição tomada em relação às situações apresentadas. Um número considerável, 16% tentariam argumentar, mas, ainda em caso negativo, aceitariam e respeitariam a opinião dos pais. Com uma porcentagem baixa, somente 4% buscariam auxílio da direção escolar. E por fim, 8% sinalizaram não saber como lidar com a situação em questão.

Para complementar a questão anterior, os alunos deveriam se posicionar agora, mediante a posição contrária da equipe gestora da escola.

O Gráfico 29 ilustra as respostas obtidas.

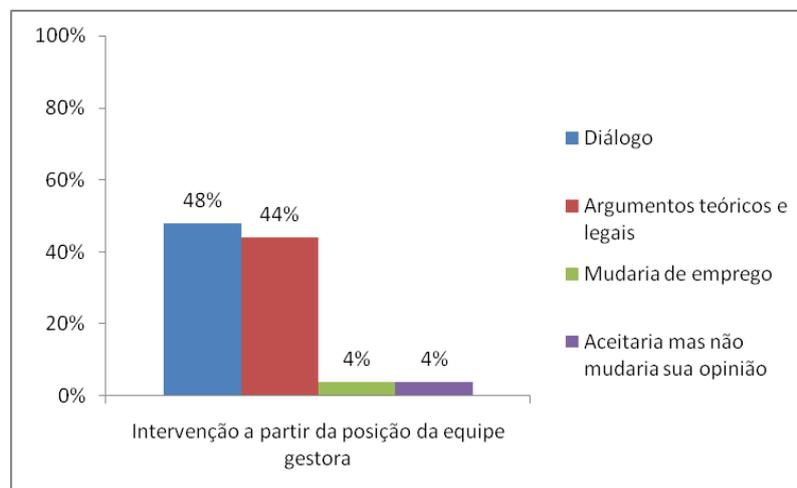


Gráfico 29 - Intervenção mediante a posição contrária da equipe gestora. *Fonte:* Criado pela pesquisadora.

Com 48% e 44% respectivamente, nos deparamos com o diálogo e argumentos teóricos e legais como respaldo para um possível sucesso. O diálogo como forma de compreensão e, como consequência, um melhor aprofundamento sobre o assunto.

De acordo com uma das respostas, o aluno sinaliza que “argumentaria com o fato da maior possibilidade de desenvolvimento da criança a ter um maior acesso a outras culturas lúdicas e também debateria sobre a autonomia que o professor deveria ter para com o desenvolvimento daqueles alunos”. (citação de aluno, 2018).

O auxílio na teoria e leis apresenta argumentos com embasamento teórico com intuito de desconstruir a desigualdade.

Tentaria o diálogo e a apresentação de artigos e informações com fontes confiáveis sobre o tema. Acredito que o diálogo e a informação rompem barreiras. Mas também acredito que o professor detém autoridade e autonomia em sala, portanto persistiria em minha postura e ideais até o máximo possível. (citação de aluno, 2018).

Uma porcentagem baixa, 4% dos entrevistados disseram que mudariam de emprego caso a posição da equipe gestora não fosse ao encontro de seus princípios. Segundo um entrevistado, “ainda partiria para o diálogo, dentro do possível, tentaria colaborar para que esse tipo de atitude não fosse recorrente, mas acho que não me sentiria bem trabalhando em um local assim” (citação de aluno, 2018).

Outro ainda complementou:

Tentaria mostrar meu ponto de vista a direção e ao fim acataria a decisão da diretoria, continuar ou não com as intervenções, e se ficar uma posição ruim e tiver outra oportunidade de emprego me demitiria, caso essa decisão não acate a minha posição ao assunto. (citação de aluno, 2018).

E também 4% sinalizaram que aceitariam a negação, porém não mudariam sua opinião/posição em relação às crianças.

Para finalizar, dúvidas ou comentários ficaram em aberto para que os alunos pudessem expressar livremente suas opiniões. O quadro correspondente aos alunos do noturno, contou com uma diversidade de assuntos, questionamentos e elogios relacionados ao assunto trabalhado em todo o questionário, como pode ser observado no Gráfico 30.

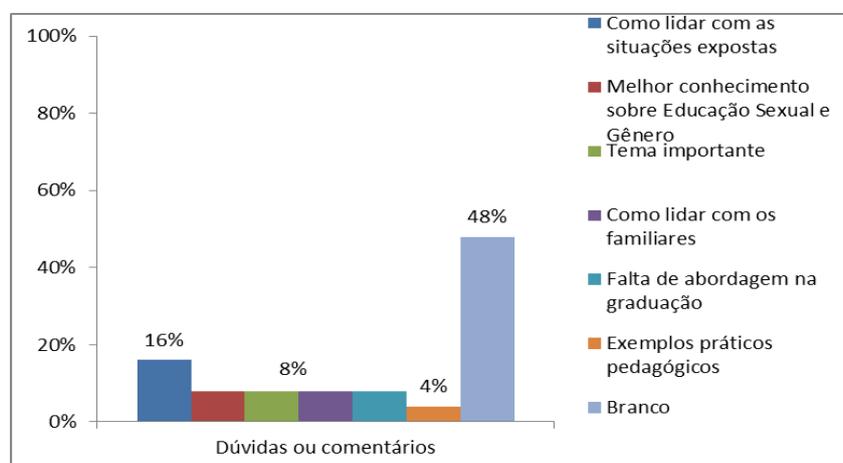


Gráfico 30 - Dúvidas ou comentários. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A maioria, 48% dos alunos deixaram a questão em branco, porém, o restante trouxe comentários pertinentes e importantes para a execução da intervenção, o próximo passo da pesquisa.

Algumas pessoas, 16% gostariam de saber qual a forma correta de lidar, qual seria a melhor intervenção a ser tomada de acordo com as situações expostas anteriormente no questionário. Em seguida, com 8% nos deparamos com a preocupação em deter um melhor conhecimento sobre Educação sexual e Gênero. Também com 8%, sinalizaram a importância de trabalhar o tema em questão. A curiosidade em como lidar com os familiares, a fim de desconstruir os preconceitos advindos da sociedade, apareceu ainda em 8% das respostas. E a falta de abordagem dos temas no curso de Pedagogia preocupam também 8% dos entrevistados. Como minoria, 4% gostariam de exemplos práticos pedagógicos.

A aplicação do questionário foi de extrema importância para conhecer os alunos envolvidos na pesquisa, assim como entender seus anseios, seus posicionamentos e conhecimentos. Por meio dos resultados obtidos, foi possível preparar uma intervenção que buscasse esclarecer os pontos considerados defasados no interior das turmas participantes, além de fornecer embasamento que contribuísse para o sucesso da prática docente no quesito Educação Sexual e Gênero.

## **5.2 Projeto Aquarela e Pesquisa – Ação: a formação a partir das demandas**

Por meio das respostas obtidas, um curso foi previamente preparado a fim de contribuir com o processo de formação docente, tendo como foco principal o trabalho com a Educação Sexual e Gênero. Os alunos participantes compreenderam as turmas do quarto ano do curso de Pedagogia, dos períodos diurno e noturno, uma vez que o estágio de docência estava ocorrendo e a aplicação do curso fez parte do cronograma da disciplina, cumprindo as horas de regência determinadas. A participação refletia em certificação de 4 horas por dia, totalizando 8 horas ao final do curso.

O curso foi aplicado em uma sala diferenciada da Universidade, conhecida como LAP (Laboratório de Pedagogia). O laboratório apresenta uma disposição que difere grandemente das salas habituais em que os alunos estão acostumados. A mesa em formato de “U”, com

cadeiras dispostas ao redor, fornece um ambiente mais íntimo e favorece a proximidade dos alunos entre si e dos alunos com os professores. Bancadas e mesas unilaterais unidas, encontram-se dispostas na lateral da sala. E para complementar o clima aconchegante, sofás são disponibilizados com o intuito de favorecer atividades diferenciadas entre os alunos.

### **5.2.1 Tecendo saberes**

O primeiro dia de curso foi elaborado mediante a demanda sinalizada por meio da aplicação do questionário. De acordo com as perguntas e respostas encontradas, os temas explanados foram previamente pensados a fim de apresentar os principais temas sobre Gênero e Educação Sexual com foco na Educação Infantil.

Composto pela parte teórica, o primeiro dia foi trabalhado conceitos históricos e atuais complementados com imagens e vídeos, para ilustrar o conteúdo compartilhado.

A apresentação teórica teve início com a explanação de informações pessoais além de atuação profissional com o intuito de favorecer a aproximação da pesquisadora com os alunos envolvidos no projeto. Em seguida, foi apresentado a turma o cronograma referente ao primeiro dia de curso, demonstrando todos os conceitos que seriam trabalhados ao longo das apresentações.

Inicialmente é de importante destaque a apresentação da pesquisa, a qual os alunos estavam envolvidos, a fim de acrescentar e torná-los parte do estudo em si.

O cronograma foi dividido em quatro partes: pesquisa, Infância, Sexualidade e Gênero. A pesquisa carregava informações como: a justificativa da escolha do tema do estudo, trazendo todos os elementos pertinentes que influenciaram a propensão e predileção do conteúdo; o objetivo geral que foi o motor propulsor da pesquisa e que fundamenta todos os passos seguidos durante o trajeto dos estudos e, por fim, foi apresentado o mapeamento das respostas do questionário para ilustrar e demonstrar todo o panorama da turma em relação aos temas envolvidos. Dando sequência, o tema Infância seria trabalhado, conceituando, apresentando a História da Infância desde a Antiguidade até a Modernidade, apontando as influências tecnológicas e suas interferências na vida das crianças. De extrema importância, o conceito de Sexualidade encontra-se como a base dos estudos. Conceituar e diferenciar Sexo e Sexualidade, exemplificar a Educação Sexual apontando sua relevância e desmistificando os

tabus existentes além de apresentar a legislação, existente ou não, que abrange todos os conceitos estudados. E por fim, será trabalhada toda a definição de Gênero, desde o conceito, a história, passando pelas hierarquias de Gênero e finalizando nos estereótipos.

Todo o cronograma, apresentado na Figura 2, foi pensado e elaborado mediante a demanda e defasagem sinalizada nas respostas do questionário.

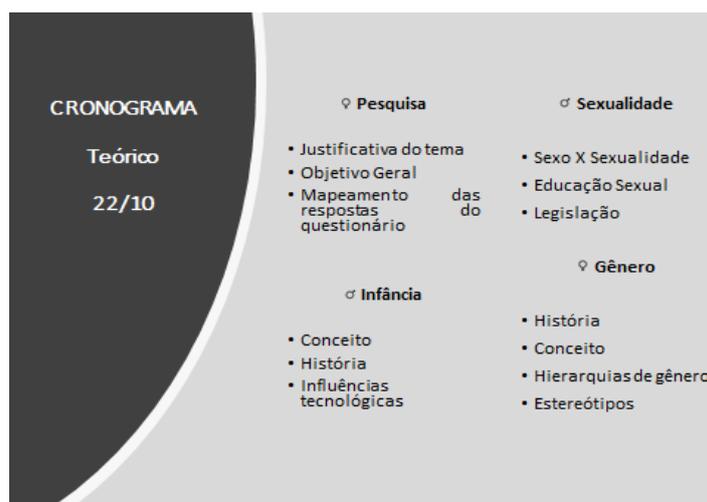


Figura 3 - Cronograma Teórico. Fonte: Criado pela pesquisadora.

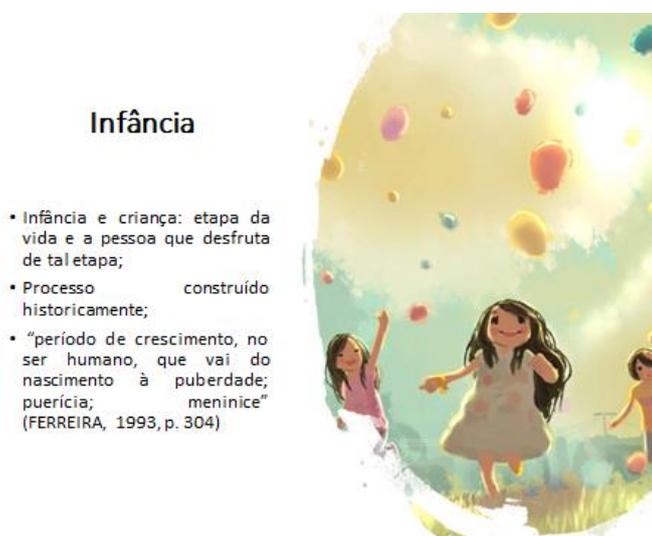


Figura 4 - Projeto Aquarela. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Apresentar previamente todo o conteúdo que será trabalhado tem a finalidade de preparar o aluno para a absorção dos conceitos, além de demonstrar um cuidado com os temas explanados.

Logo após foi ilustrado para os alunos o mapeamento feito, por meio de gráficos, das respostas obtidas com a aplicação do questionário, para demonstrar um panorama geral das turmas participantes, tanto do diurno como do noturno. Ao longo das explicações as turmas foram interferindo e colocando alguns apontamentos frente ao mapeamento que estava se formando de cada turma.

Dando início aos conceitos teóricos, a infância foi então o primeiro tema trabalhado. Apresenta-se como um assunto tão corriqueiro que por muitas vezes não paramos para pensar em toda a sua grandiosidade, multiplicidade e por todos os processos que as crianças passaram para serem vistas como agora na contemporaneidade.



*Figura 5 – Infância. Fonte: Criado pela pesquisadora.*

De acordo com a Figura 4 e com os estudos de Àries (1973), conceituando infância e criança, percebemos a ligação direta existente entre ambos, uma representa a primeira etapa da vida e a outra apresenta-se como a personagem principal que irá usufruir e permear por tal etapa, sempre refletindo o contexto histórico em que encontra-se inserida. Devemos nos atentar quanto a definição de tais conceitos para não delimitar e, por consequência, ofuscar toda a riqueza pertencente desta caminhada.



• *Infância: conceito plural que abrange a criança, sua família e todas as pessoas que de alguma forma contribuem para sua formação e crescimento. Respeitando a heterogeneidade das crianças.*

Figura 6 - Conceito de infância. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A infância não deve ser pensada como algo definido, pronto e único, ela deve incorporar todos os elementos externos que participam efetivamente e auxiliam na formação e crescimento das crianças, atentando para o respeito com a diversidade.

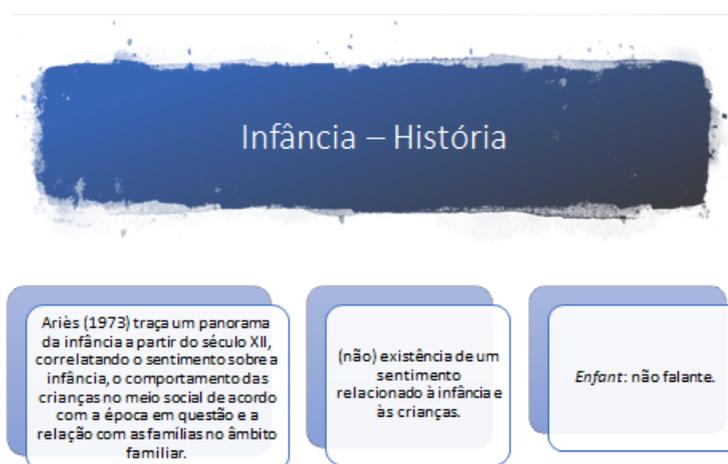


Figura 7 - História da Infância. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A infância apresenta-se como um processo histórico, por isso, para entendermos a criança contemporânea, devemos nos debruçar na criança da Antiguidade e conhecer todos os

percursos passados e vividos por elas. A história nunca deve ser esquecida, ela representa a base e nos fornece elementos para compreender a modernidade.

Philippe Àries é um pesquisador da história da infância. Seus estudos compreendem crianças burguesas do século XII e todas as suas relações com a família, meio social e comportamento. Àries (1973) destaca que não havia existência de um sentimento para com a infância e as crianças, sendo que vários elementos atestam essa afirmação.

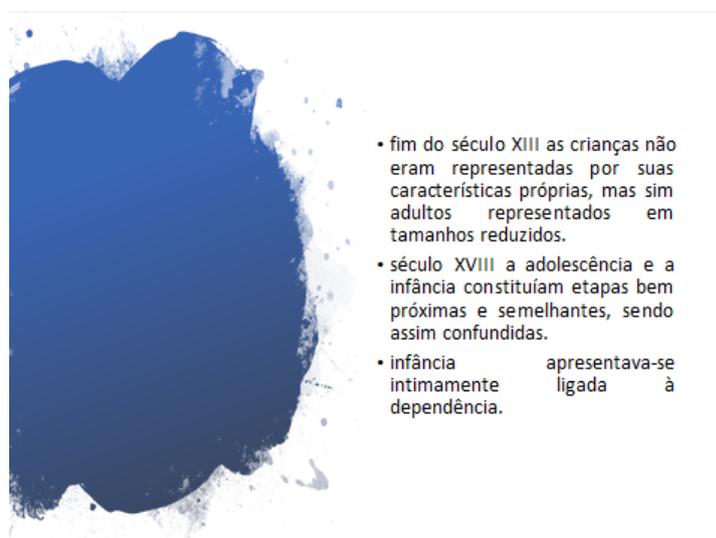


Figura 8 - História da Infância. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Ainda no século XVIII as crianças refletiam as características dos adultos, não sendo vistas por suas particularidades e peculiaridades, elas eram conhecidas por serem caracterizadas como adultos em miniaturas. Este é o primeiro fato que comprova, segundo Àries (1973), a não existência do sentimento, demonstrando a falta da importância da primeira etapa da vida.

Outro fator comprovante encontra-se na não delimitação entre a infância e a adolescência, ambas as jornadas eram emaranhadas entre si. Etapas tão distintas atualmente, nos fazem repensar como seria essa fusão e como as particularidades não eram vistas e postas em primeiro plano, a fim de respeitar a infância e a criança.

- Adulto em miniatura: a vestimenta das crianças; a precocidade em relação ao aprendizado e aos ofícios e a vida social.

- O cueiro era logo precedido por roupas adultas, as quais se assemelhavam as roupas utilizadas por homens e mulheres.



*Figura 9 - Adulto em miniatura. Fonte: Criado pela pesquisadora.*

A vestimenta das crianças sofreu grandes interferências ao longo da história. Ainda de acordo com a inexistência de um sentimento ligado à infância e como comprovação da comparência do adulto em miniatura, Àries (1973) relata que as roupas utilizadas pelas crianças se assemelhavam com a vestimenta dos adultos. Tal informação reflete a não preocupação com o desenvolvimento livre, o crescimento constante e o favorecimento às brincadeiras.



*Figura 10 - Trajes das crianças. Fonte: Criado pela pesquisadora.*

A partir do século XVII algumas mudanças foram observadas e uma longa caminhada era iniciada: a criança começava a ocupar um lugar de destaque na sociedade.

As vestimentas passaram por modificações e acabaram por ser diferenciadas das roupas dos adultos, sendo reservado um traje mais apropriado à idade e as características das crianças. Nesta época, o vestido foi escolhido como uma representação da liberdade.



*Figura 11 - Início do sentimento. Fonte: Criado pela pesquisadora.*

Agora, já no final do século XVIII, além de outra modificação significativa no padrão das roupas infantis, as quais passam a serem mais apropriadas, as crianças passam também a ter uma maior individualidade, uma vez em que elas passam a conviver em uma sociedade separada dos adultos, demonstrando, assim, um maior cuidado, zelo e proteção.

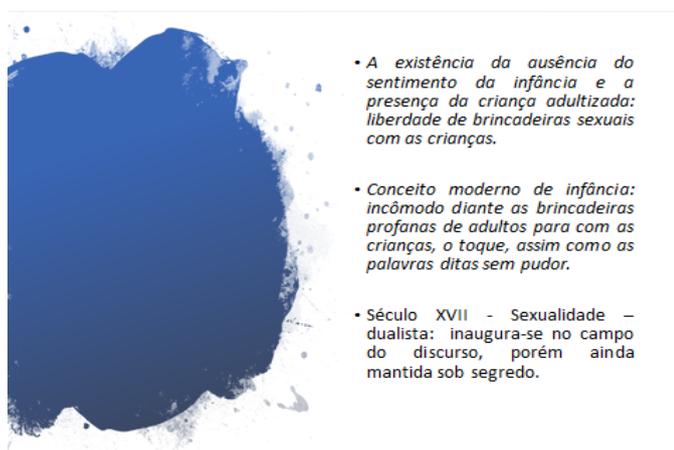


Figura 12 – Sexualidade. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Para entendermos um pouco sobre como a sexualidade era vista e tratada na vida das crianças, precisamos voltar para o contexto histórico em que não existia um sentimento relacionado à infância. Dentro deste âmbito, a imagem da criança era adultizada, ela convivia livremente entre os adultos e com isso, a prática de brincadeiras sexuais era comum e ocorria sem desaprovação alguma. Segundo Àries (1973) as partes sexuais das crianças eram tocadas e palavras eram ditas sem constrangimento.

De acordo com o conceito moderno de infância e a posição que a criança passa a ocupar neste panorama, tais brincadeiras começam a importunar, perturbar. Com isso, no século XVII (Foucault, 1985), os adultos sentem a necessidade de falar sobre a sexualidade com o intuito das crianças tomarem conhecimento do assunto para, então, disciplinar-se para tal. Apresentava-se por meio da dualidade, isto é, fez-se necessário falar sobre sexualidade para com isto mantê-la em sigilo.

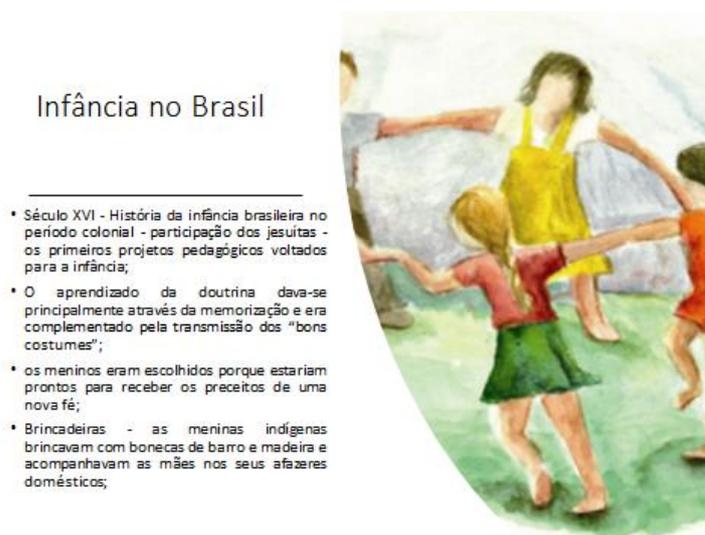


Figura 13 - Infância no Brasil. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A infância brasileira representa um destaque importante para o entendimento das crianças e de sua posição atual no Brasil.

No século XVI, período colonial, estudos de Del Priore (2013) enfatizam a forte presença e participação dos jesuítas na história da infância brasileira, sendo fortemente

marcada pela religiosidade. Os primeiros projetos pedagógicos voltados para a infância foram implementados a fim de repassar o aprendizado da doutrina.

Sinais de uma possível desigualdade de gêneros, já podiam ser observados neste contexto e desde os tratamentos ofertados às crianças. Para receberem os ensinamentos ofertados pelos jesuítas, somente os meninos eram os escolhidos por serem considerados prontos para usufruírem dos conceitos de fé. As meninas por sua vez permaneciam em suas casas a fim de acompanhar e auxiliar nos afazeres domésticos.

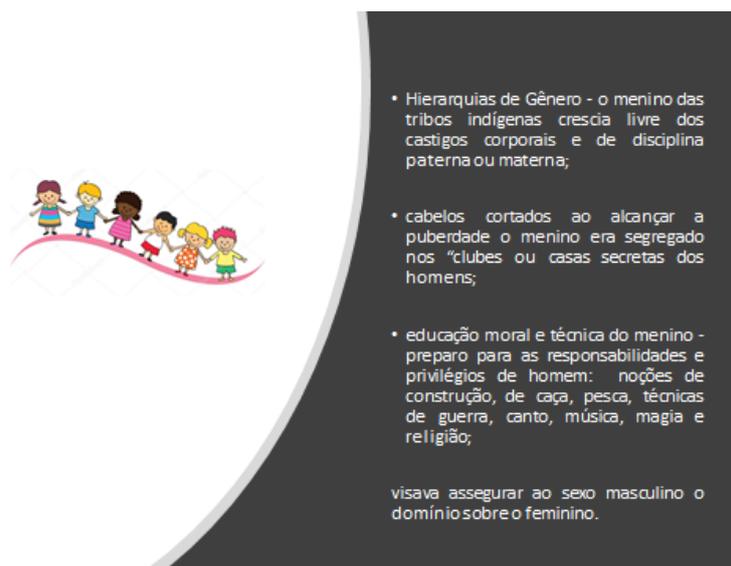


Figura 14 - Hierarquias de gênero no Brasil. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Outro fator que comprova a existência das hierarquias de gênero, diz respeito aos castigos disciplinares e corporais. Estes atos eram dirigidos às meninas, uma vez que os meninos das tribos detinham liberdade, crescendo envoltos da educação moral e técnica. Eles eram preparados para assumirem as responsabilidades dos homens. O intuito permeado por tais diferenças era de assegurar o domínio do sexo masculino sobre o feminino.

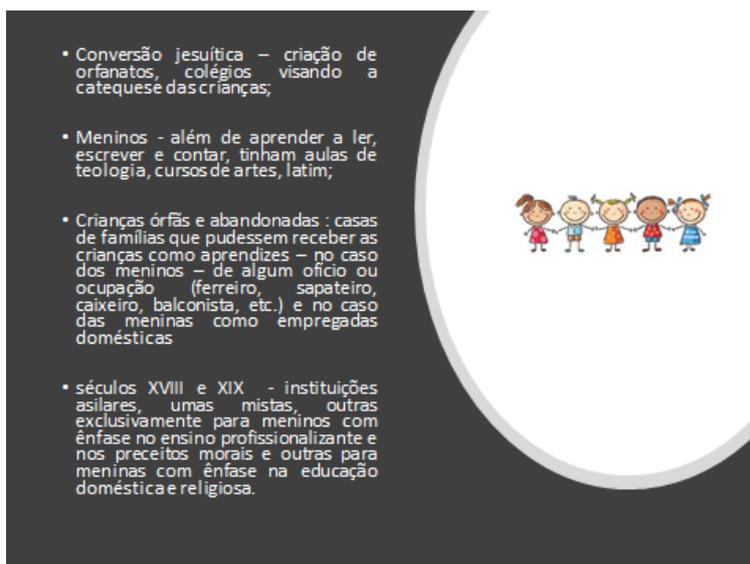


Figura 15 - Hierarquias de gênero no Brasil. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Ainda comprovando a existência das hierarquias de gênero desde a época em questão, podemos destacar a criação de orfanatos com o intuito de abrigar crianças órfãs e abandonadas. As crianças eram vistas pelas famílias como aprendizes, uma vez que as casas de famílias abrigavam tais crianças para ajudarem com algum ofício, no caso dos meninos e para ajudarem nos afazeres domésticos no caso das meninas.

Importante destacar que entre os séculos XVIII e XIX, segundo Del Priore (2013) ocorreram as criações de instituições asilares, ou seja, as que eram criadas exclusivamente para as meninas e tinham ênfase na educação doméstica e religiosa, já as que eram próprias e exclusivas para os meninos, eram assim feitas com o intuito de ofertar ensinamentos profissionalizantes.

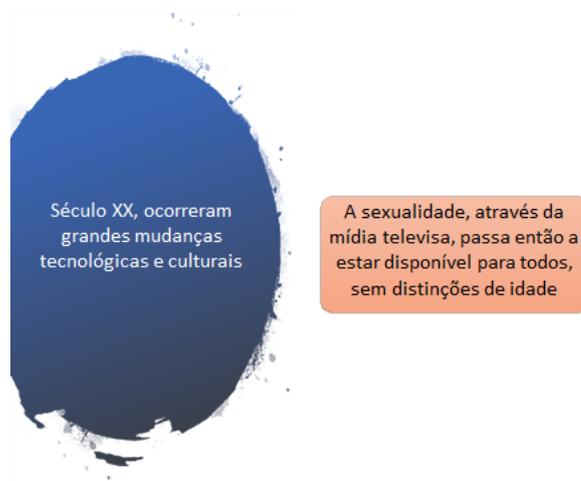


Figura 16 - Mudanças tecnológicas. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Em meados do século XX, de acordo com Postman (1999) nos deparamos com grandes mudanças tecnológicas e culturais. A televisão apresenta-se como a queda da separação entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças, o que era antes preparado especificamente para o entendimento das crianças, passa a ser visto através da mídia televisiva sem qualquer tipo de preparação para possíveis interpretações de seu público, incluindo o público infantil.

Destacamos a tecnologia como mais um dos fatores que contribuíram para a multiplicidade da infância. A grande mudança envolvendo preceitos tecnológicos e culturais que refletiram, negativamente, na sexualidade. Esta por sua vez, através da mídia televisiva, passa, então, a estar disponível para todos, sem distinções de idade, “com a televisão, os segredos, antes preservados, agora se diluem na corrente de informações que esse meio de comunicação abre para todos/as, sem distinção etária. Dentre esses segredos, estão assuntos e experiências que remetem à sexualidade”. (Salgado, Mariano & Oliveira, 2015, p.7).

Segundo Salgado, Mariano e Oliveira (2015), a linha divisória entre o mundo adulto e o mundo infantil, nos denota à insistência de famílias e escolas para afastar as crianças da violência e sexualidade. Por outro lado, a tecnologia apresenta-se como algo libertador, que aproxima seu público, principalmente, de assuntos polêmicos e proibidos. Tal aproximação destes territórios reflete imagens diferentes da infância, onde esta passa a estar em processo permanente de mudanças, refletindo sempre o contexto histórico em que a criança está inserida.

De fato,

[...] a cultura da mídia e do consumo deflagra o alargamento das experiências das crianças com a sexualidade e, com isto, a perda da inocência. Nesse encadeamento, o conhecimento e as experiências sexuais das crianças, potencializadas pelos discursos midiáticos, enfraquecem as fronteiras entre a infância e a vida adulta, erigidas historicamente para protegê-las. (Salgado, Mariano & Oliveira, 2015, p.8).



Figura 17 – Tecnologia. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Com a forte presença da tecnologia na vida das crianças, estas passam a sofrer uma exposição grandiosa, acarretando na sexualização/erotização e adultização precoce das meninas.

As imagens designadas, explanadas no decorrer do texto abaixo, constituem uma propaganda em homenagem ao Dia das Crianças, veiculada virtualmente no dia 12 de outubro de 2013. A marca em questão é a Courofino, representante de acessórios adultos femininos e masculinos. A publicidade denota uma criança, de três anos de idade, em poses sensuais e com adereços comumente utilizados por adultos.

A marca busca alcançar um variado perfil de consumidores, oferecendo produtos para o público masculino e feminino, e para todas as idades. Sendo assim,

não fica presa em um determinado grupo, e isto proporciona uma maior aceitação e retorno do consumidor. (citação do site Courofino).

A seguinte frase foi retirada do site da Courofino e foi elucidada em um contexto de apresentação e história da marca, que já está no mercado há vinte anos. Divergente da frase mencionada, a publicidade evidencia um extremo contraste, uma vez que a criança em questão apresenta-se personificada e vinculada à um objeto de consumo do universo feminino adulto: sapato de salto alto.

As representações sobre sexualidade, corpo e gênero, veiculadas em especial pela mídia, têm subjetivado não só adultos, homens e mulheres, mas também têm trabalhado minuciosamente para a formação das identidades infantis e juvenis nos nossos dias. (Felipe & Guizzo, 2003, p. 128).



Figura 18 - Propaganda Couro Fino. Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/a-infancia-roubada-na-publicidade-da-couro-fino-3144/>.

Ponderando meticulosamente a Figura 17, podemos selecionar uma série de apontamentos: uma criança de calcinha e maquiada com lápis de olho e batom vermelho; acessórios de maquiagem nas mãos; ao seu redor nos deparamos com sapato vermelho de

salto alto, colares de pérola, pincéis de maquiagem. Uma criança inserida em um contexto distorcido, representada através da adultização e da comercialização da infância.

Com o avanço das novas tecnologias, juntamente com a internet em alta, devemos nos atentar na representação da infância através da distorção da imagem da criança veiculada por intermédio das mídias.

De acordo com os autores citados acima, o que “[...] chamamos aqui de "pedofilização" da sociedade, merece ser examinado com maior atenção, na medida em que as crianças têm sido alvo de um forte apelo comercial, sendo descobertas como consumidoras e, ao mesmo tempo, como objetos a serem consumidos”. (Felipe & Guizzo, 2003, p.120).

Outro elemento de meritório ressaltado situa-se na frase designada para a publicidade: “A melhor maneira de tornar as crianças boas, é torná-las felizes”. A imagem representada e a frase destacada revelam uma intensa discrepância. Observamos, então, uma erotização da imagem da infância difundida através da mídia e encontramos “[...] cada vez mais presente a ideia da infância como objeto a ser apreciado, desejado, exaltado, numa espécie de "pedofilização" generalizada da sociedade”. (Felipe & Guizzo, 2003, p.124);

Atendendo-se aos estudos de Àries (1973) e fazendo um paralelo com a atualidade, a publicidade infantil assemelha-se à ideia de mini adulto da Idade Média, uma vez que crianças são expostas a sociedade como consumidores e, no caso, expostas como objeto de desejo e consumo do mundo adulto.



Figura 19 - Propaganda Courofino. Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/a-infancia-roubada-na-publicidade-da-couro-fino-3144/>.

Outro fator de merecido destaque é a forte presença da figura estereotipada da mulher, como podemos observar na Figura 18: cabelos compridos, maquiagem, pulseiras, colares de pérolas e sapatos de salto alto vermelhos.

D'Amorin (1997) enfatiza que os estereótipos compreendem um conjunto de crenças estabelecidas de acordo com os atributos pessoais considerados adequados a homens e mulheres. Ainda de acordo com a autora, a “[...] permanência do estereótipo de gênero, em suas características físicas, deve-se, em parte, à mídia, que valoriza a juventude e a beleza como características [...] essenciais nas mulheres.” (D'Amorin, 1997, p.131).

Na Figura 18 em questão, a criança está representada por uma pose sensual. Notamos que nas imagens veiculadas, a criança está vestida com uma calcinha branca, provavelmente por remeter à ideia de inocência e pureza remetidas à infância, “no entanto, mostrar essa peça íntima do vestuário feminino (em especial a partir de certa idade) é visto como algo extremamente erótico na nossa cultura [...]”. (Felipe & Guizzo, 2003, p. 217).



Figura 20 - Propaganda Courofino. Fonte: <http://www.intervalolegal.com.br/2019/04/08/couro-fino-e-multada-por-adultizacao-e-erotizacao-infantil/>

O uso das imagens nas propagandas possibilita diferentes modos de interpretação. A Figura 19 foi *contemplada* (grifo nosso) com a seguinte frase de duplo sentido: “Sabendo sempre te cativar!”. A interpretação cabe a cada leitor – Afinal, quem sabe sempre te cativar? A criança ou o sapato?

A criança, como protagonista da publicidade, é silenciada, ao passo que a imagem fala e interage abertamente com o interlocutor. Tal comportamento oportuniza riscos futuros diante a inapropriada exposição das crianças.

De acordo com Maia (2015), “os riscos das propagandas com e para crianças, principalmente as que dispõem a criança em situação imprópria à sua idade e maturidade, envolvem a possibilidade de estimular precocemente a sexualidade das crianças e também a exploração de vulnerável”. (p. 11).



Figura 21 - Propaganda Lilica Ripilica. Fonte: <https://publicidadeinfantil.wordpress.com/2014/11/24/publicidade-lilica-ripilica/>.

A empresa de roupas infantis Lilica Ripilica também foi alvo de reclamações por utilizar, em uma de suas propagandas no ano de 2008, a imagem de uma menina com pose erotizada juntamente com a frase “use e se lambuze”, proporcionando diversos entendimentos ao público direcionado da publicidade.

As crianças, principalmente as meninas, passam a serem vistas e expostas sem qualquer cuidado, ferindo sua inocência e antecipando precocemente maturidade e sensualidade, silenciando assim seus direitos, sua voz, sua infância.



*Figura 22 - Representatividade dos meninos. Fonte:*  
<http://www.atividadesextra.com.br/content.php?Categ=4&contentID=472>.

Por meio da presença tecnológica as meninas passam a perder sua infância, expondo seus corpos, ainda em formação, para públicos distintos e, muitas vezes, perversos. Mas e os meninos? Como a publicidade infantil representa, caracteriza e posiciona o menino diante a sociedade?

A Figura 21 nos mostra sinais do papel e da posição dos meninos. Super-heróis, corajosos, fortes. Eles podem enfrentar, se arriscar e a autoconfiança depositada neles desde a infância permanece e segue para a vida adulta.

A distinção, desigualdade existente entre homens e mulheres, perdura e se arrasta desde a tenra idade, refletindo as posições ocupadas na infância.

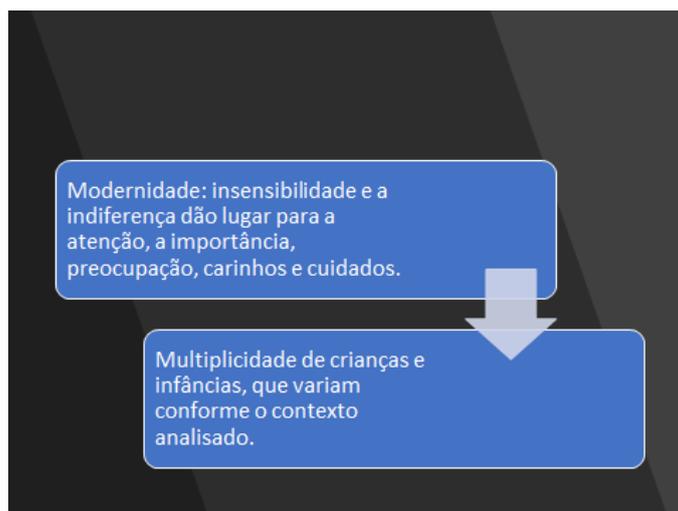


Figura 23 - Conceito moderno de infância. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Complementando os conceitos existentes de infância, “[...] podemos falar que existem inúmeras infâncias que estão em constante processo de ressignificação/transformação. Seus significados podem variar de acordo com o tempo, a classe social, o gênero, a cultura em que as crianças estão inseridas”. (Felipe & Guizzo, 2003, p. 121).

Felipe e Guizzo (2003) destacam que a partir do século XVIII, os estudos sobre infância e criança, produziram um vasto conhecimento sobre o assunto, “suas características e necessidades, foi consolidando aos poucos a ideia da criança como sujeito de direitos, merecedora de dignidade e respeito, devendo ser preservada em sua integridade física e emocional.” (Felipe & Guizzo, 2003, p.123).



Figura 24 - Conceito de infância. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Devemos olhar para a infância e para as crianças como em crescente desenvolvimento, frutos de processos ocasionados e vividos desde a Antiguidade, os quais somados às culturas em que elas estavam/estão inseridas, acabam por refletir na infância e na criança da contemporaneidade. Não podemos desvincular a criança contemporânea de sua história, pois foram todos os processos históricos que culminaram na permanente construção da infância.

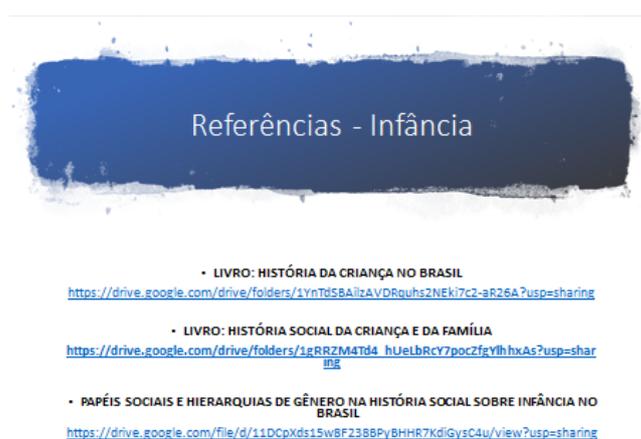


Figura 25 - Referências Infância. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Ao final da apresentação dos conceitos e da História da Infância e da criança, foram disponibilizadas aos alunos as referências utilizadas para a construção teórica do curso. Toda a apresentação foi compartilhada com a turma, incluindo os links que direcionavam instantaneamente aos textos, artigos e livros despendidos, facilitando, assim, o acesso.

## Indicação de Leitura

• Acesso gratuito ao livro:  
<http://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2018/04/E-book-PP-Avancos-Limites-e-Contradicoes.pdf>  
 CROCIARI, Ariane, PEREZ, Marcia Cristina Argenti. **Infância e Sexualidade na perspectiva da História da Infância**. In: Políticas públicas na Educação Brasileira: avanços, limites e contradições. PR: Atena Editora, 2018, p. 147-155, Cap.XIII.  
 Disciplina na pós Graduação em Educação Sexual: A construção histórica dos conceitos de criança e infância



Figura 26 - Indicação de leitura complementar. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Ainda com as referências, foi viabilizada uma indicação de leitura complementar, com o intuito de aprofundar e enriquecer os estudos perpassados durante o curso. O livro indicado possui acesso gratuito digitalmente.



Figura 27 - Sexo X Sexualidade. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Seguindo a demanda sinalizada nos questionários aplicados, ocorreu a necessidade de apresentar os conceitos base mediante o seguinte questionamento: “Qual a diferença entre sexo e sexualidade?”.

Para ilustrar e dissipar a introversão e o retraimento ocasionado pelo tema foi desenhado na lousa duas árvores intituladas *Sexo* e *Sexualidade*, respectivamente. As árvores

limpas e brancas deveriam ser preenchidas por palavras, conceitos, frases, levantadas pelos alunos, a fim de conhecer o entendimento (ou não) de todos sobre o assunto.

Logo após a realização da dinâmica, foi transcrito um vídeo intitulado: As diferenças entre Sexo e Sexualidade, de Mary Neide Figueiró, disponibilizado em seu canal em uma plataforma de compartilhamento de vídeos.

A doutora Mary Neide Damico Figueiró é graduada em psicologia, mestre em Psicologia escolar, doutora em Educação e especialista em Educação Sexual. Seu nome compõe a gama de profissionais renomados sobre o assunto.

Em seu vídeo, ela expõe de maneira didática elementos que contribuem para o entendimento sobre as principais diferenças entre sexo e sexualidade, auxiliando para desmistificar o tabu permeado entre os temas e fornecendo fundamentos importantes para diferenciá-los dando a cada um a sua especificidade.



*Figura 28 - Vídeo: As diferenças entre sexo e sexualidade. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=11eUAGKciuo>.*

Antes de adentrar especificamente nos temas em questão, é importante conceituar diferentes expressões utilizadas sobre os diferentes parâmetros da Sexualidade: identidade de Gênero, expressão de Gênero, sexo biológico e orientação sexual. A explanação dos conceitos diz respeito à confusão causada entre seus significados, muitas vezes relacionando-

os a uma mesma significação, o que acaba por ofuscar as verdadeiras acepções de cada, tratando cada um com seu devido valor.

Para isso foi adotado o *biscoito sexual*, um boneco que ilustra e demonstra com clareza e simpatia os significados. Identidade de Gênero corresponde à maneira que o cérebro define o gênero. Expressão de Gênero é como você apresenta o seu gênero. Sexo biológico diz respeito às características do sexo físico e por fim, orientação sexual define por quem você se sente atraído.

Todos os elementos utilizados durante o curso foram previamente pensados a fim de expor conceitos considerados proibidos de uma forma mais amena, divertida e simplista.

Segundo Araujo e Barreto (2009), a sexualidade apresenta-se como o fruto de construções culturais que perpassam desde os prazeres corporais, envolvendo desejo, erotismo e afeto, até conceitos direcionados à saúde e reprodução. (p. 110).



Figura 29 - Conceituando sexualidade. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Na atualidade, a sexualidade abrange diversas concepções: significados, ideias, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, modelos, fantasias, prazer, respeito, entre várias. É um conceito dinâmico e encontra-se em constante mudança, refletindo o contexto histórico e cultural vivenciado.



Figura 30 - Designando Sexualidade. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Um dos ramos da sexualidade abrange e ramifica na Educação Sexual. De acordo com Maia e Ribeiro (2011), comportamentos ligados à sexualidade permeiam o ser humano desde o seu nascimento e acabam por constituir elementos que constroem a Educação Sexual por meio da junção de diversas atitudes e valores.

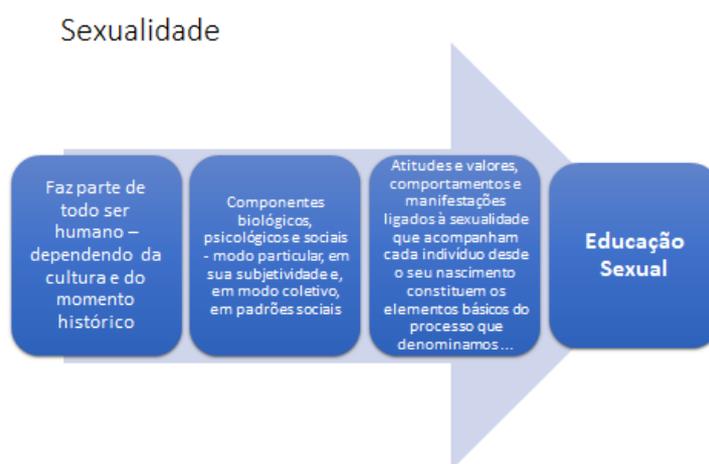


Figura 31 - Educação Sexual. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Ainda segundo os autores citados, a Educação Sexual se refere à esfera sócio-cultural. Uma vez que nos deparamos com o distanciamento deste conceito da sociedade e observamos

a sua transformação em objeto de ensino, abrangendo planejamento e organização, restringindo assim sua ação à escola, nomeamos Educação Sexual Escolar. De acordo com Figueiró (2006) a Educação Sexual formal atribuída no âmbito educacional, ultrapassa os ensinamentos advindos da disciplina de biologia, ela abarca tanto os conhecimentos e informações sobre o corpo, sexualidade e relacionamentos sexuais, quanto às questões relacionadas à expressão de sentimentos, revisão dos tabus impostos culturalmente pela sociedade e a reflexão e debate de valores.

O educador torna-se, então, um dos responsáveis por formar, informar, debater, investigar, promover reflexões sobre o tema, possibilitando a ampliação do conhecimento abarcando características sociais, psicológicas, morais, biológicas, políticas e as diversidades humanas, enfatizando o respeito para com as diferenças culturais e os valores existentes no interior de cada sociedade. (Louro, 1997).

Este novo conceito diferencia-se por exigir formação profissional necessária para a atuação na área.

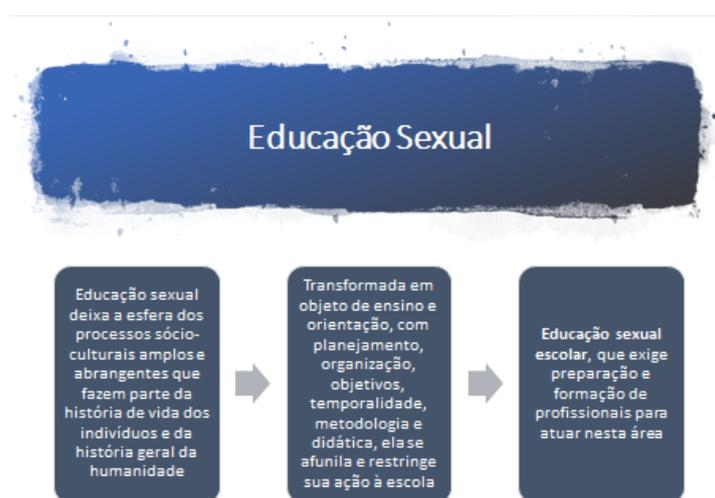


Figura 32 - Educação Sexual Escolar. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Para romper um pouco tantas informações sólidas e teóricas, foi preparado um jogo rápido de verdade ou mentira. Os alunos foram expostos a quatro sentenças relacionadas aos conceitos trabalhados anteriormente e deveriam opinar sobre a veracidade ou não das

afirmações. As respostas sobrechegavam na tela, uma a uma, de acordo com as opiniões da turma.

As orações selecionadas foram:

- Sexualidade é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida.
- A sexualidade está diretamente ligada ao órgão sexual.
- Sexualidade é a energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas.
- O Brasil apresenta uma Lei que garante a Educação Sexual nas escolas.

**VERDADE OU MENTIRA??**

Sexualidade é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida.

**VERDADE**

A sexualidade está diretamente ligada ao órgão sexual

**MENTIRA**

Sexualidade é a energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas.

**VERDADE**

O Brasil apresenta uma Lei que garante a Educação Sexual nas escolas

**MENTIRA**



Figura 33 - Verdade ou mentira? Fonte: Criado pela pesquisadora.

Os alunos demonstraram espanto ao se depararem com a inverdade da última sentença, a qual enfatizava não termos respaldos legais para trabalhar Educação Sexual no Brasil, dificultando ainda mais seu aprendizado.

Durante a aplicação do curso a obrigatoriedade advinda da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ainda não estava em questão, contando somente com as orientações oferecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

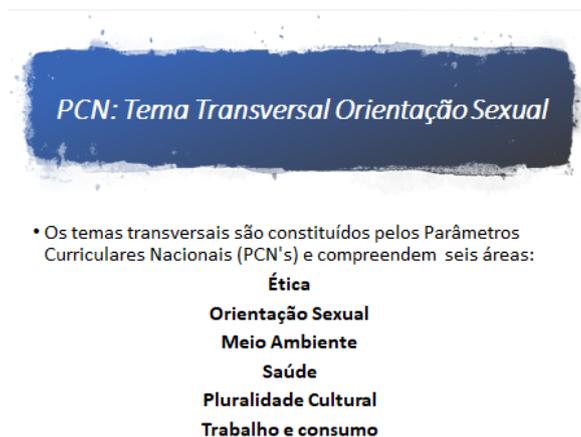


Figura 34 – PCN. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Tínhamos como amparo a Orientação Sexual objetivada como tema transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Os temas transversais compreendem uma agregação de assuntos sociais que devem ser abrangidos transversalmente em diversas áreas do currículo. Todos os temas atuam entre si como um eixo unificador, disponibilizados ao redor das disciplinas. Organização e sentido são essenciais para o sucesso dos temas trabalhos.

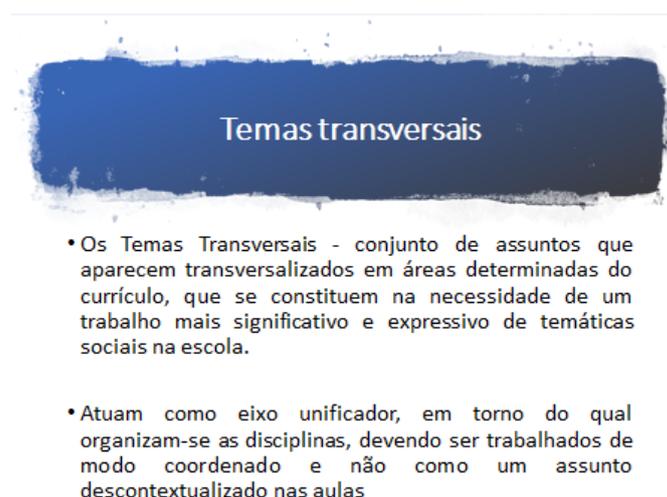


Figura 35 - Temas transversais. Fonte: Criado pela pesquisadora.

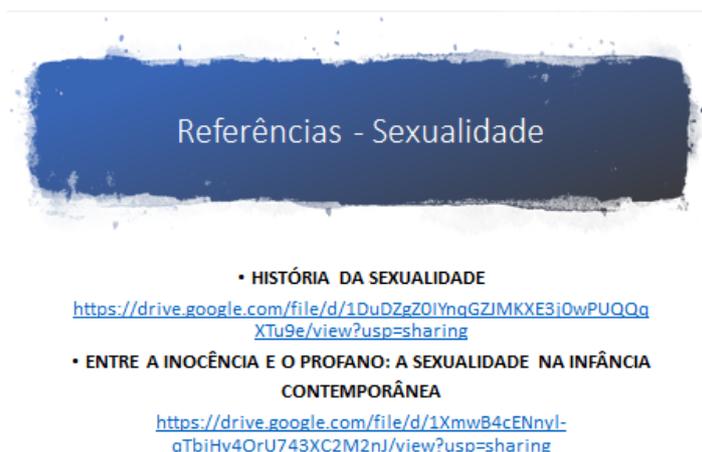


Figura 36 - Referências Sexualidade. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Finalizando as explanações referentes à Sexualidade e Educação Sexual, foram disponibilizadas as referências trabalhadas na elaboração dos estudos. Com o intuito de um maior aproveitamento e um complemento no aprendizado, tomando como base o pouco tempo disponibilizado no curso a fim de tratar assuntos tão complexos e polêmicos.

Iniciando o tema Gênero, fez-se necessário expor os aspectos históricos para podermos entender como foi o surgimento e todos os percalços passados até o momento.



Figura 37 - Primeira onda de feminismo. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Segundo Louro (1997) o termo gênero começou a ser usado pelo movimento feminista, a partir do século do XIX. Diante todas as lutas e conquistas ocasionadas pelas mulheres, destacamos o sufrágio como um marco – as mulheres passaram, após muito tempo no silenciamento, a deter o poder do voto.



Figura 38 - Segunda onda do feminismo. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Ainda de acordo com a autora citada, em 1960 a luta das mulheres foi manifestada por meio de um direcionamento teórico, trazendo em seus estudos a problematização do conceito de gênero. Foi então em 1968 que nos deparamos com um novo cenário intelectual, movidas por um mesmo ideal – a necessidade de mudança, pesquisadoras, docentes e intelectuais passam a fornecer um estudo sobre as mulheres.

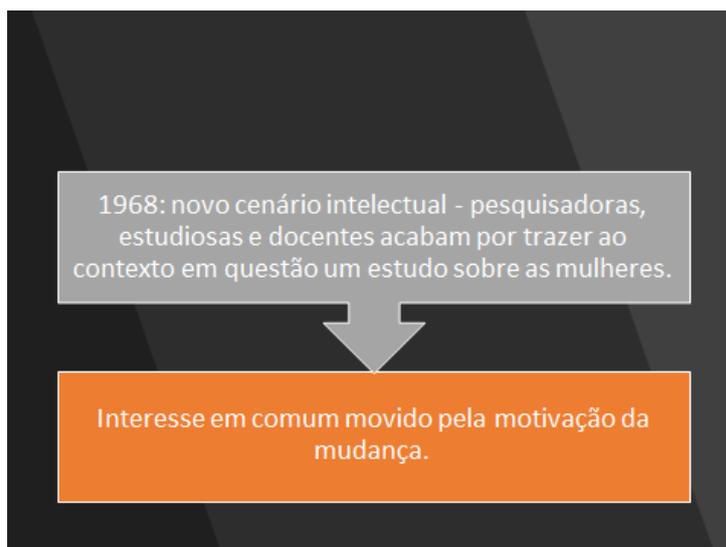


Figura 39 – Mudança. Fonte: Criado pela pesquisadora.

“Tornar visível aquela que fora ocultada [...]” (Louro, 1997, p.17), a mulher, dentro deste contexto de estudos e visibilidade, passa a ser reinserida na sociedade, trocando o ambiente doméstico, que até então era direcionado e interligado diretamente às mulheres, com o ambiente público.

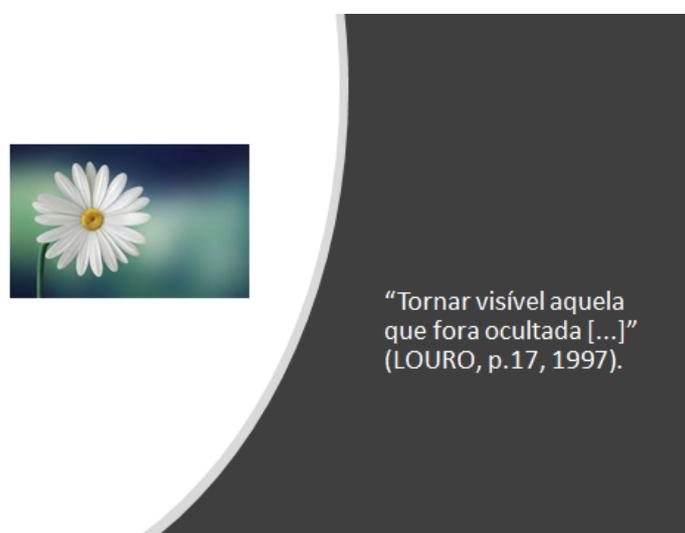


Figura 40 - A mulher começa a ocupar o seu espaço. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Após uma explanação densa de conceitos, os alunos foram convidados a refletir sobre os seguintes questionamentos: são as características biológicas que desencadeiam as

desigualdades? Homens e mulheres desempenham papéis determinados na sociedade por serem distintos biologicamente?

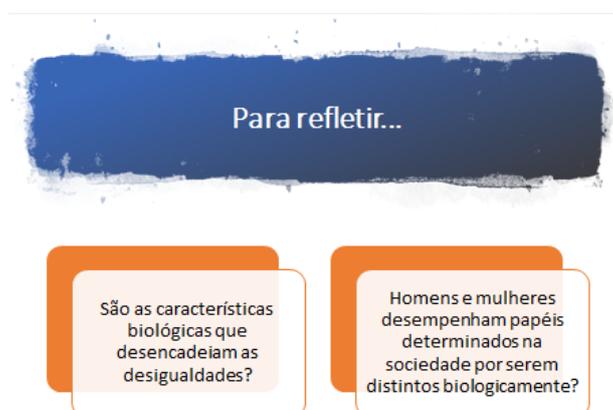


Figura 41 - Desigualdade de gênero. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Diante algumas discussões breves ocasionadas pelos questionamentos anteriores, Louro (1997) apresenta soluções claras para exemplificar o que culturalmente acontece para que as desigualdades sejam desencadeadas.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. (Louro, 1997, p.21).

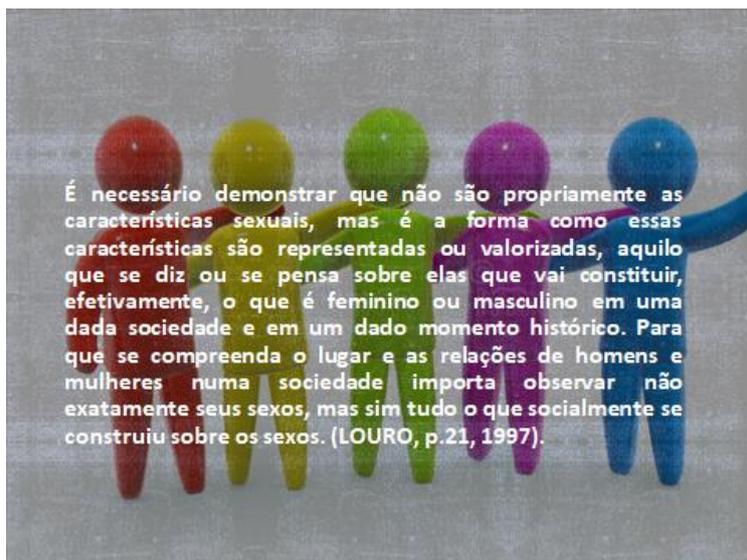


Figura 42- Construção social. Fonte: Criado pela pesquisadora.

De acordo com Araújo e Barreto (2009), Gênero é conceituado por meio de toda uma construção social ocasionada em torno do sexo biológico, ou seja, homens e mulheres não nascem diretamente ligados à anatomia de seus corpos, eles se constroem por meio da cultura. Todos os comportamentos, atitudes e valores são elaborados e refletidos pela cultura e dentro do contexto em que o indivíduo encontra-se inserido. Gênero é construção cultural.

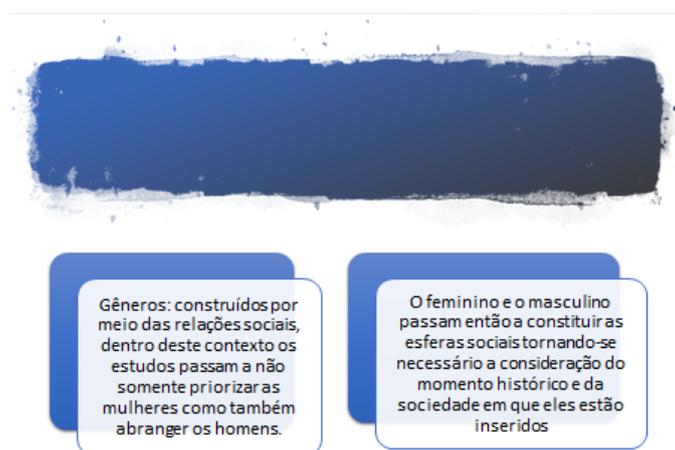


Figura 43 - Gênero como construção social. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Com o intuito de exemplificar e ilustrar os conceitos transmitidos no curso foi escolhido um vídeo intitulado: Minha vida de João, disponibilizado em uma plataforma digital de compartilhamento de vídeos.

Minha vida de João é um desenho animado que conta a história de João desde o seu nascimento até a vida adulta, enfatizando todas as etapas percorridas por ele e pelos seus pais, incluindo violência doméstica, desigualdades de Gênero, a primeira relação sexual, gravidez na adolescência e tudo permeado pelos reflexos culturais da sociedade. O curta metragem nos direciona a muitos questionamentos e reflexões de como a educação e formação dos homens são ocasionadas no corpo social.



Figura 44 - Vídeo: Minha vida de João. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=C16E6u45p90>.

Ao final das explicações sobre Gênero, foram disponibilizadas as referências que deram origem as explicações do curso. Artigos e livros encontram-se em links que direcionam instantaneamente ao conteúdo, enriquecendo e enfatizando assim todo o aprendizado adquirido.

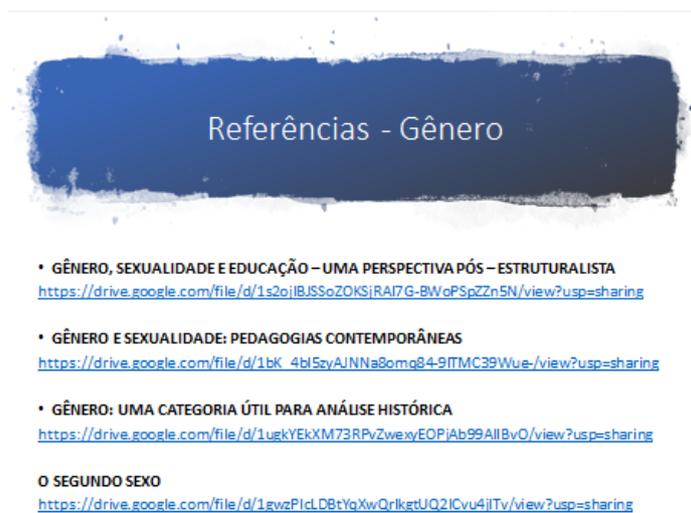
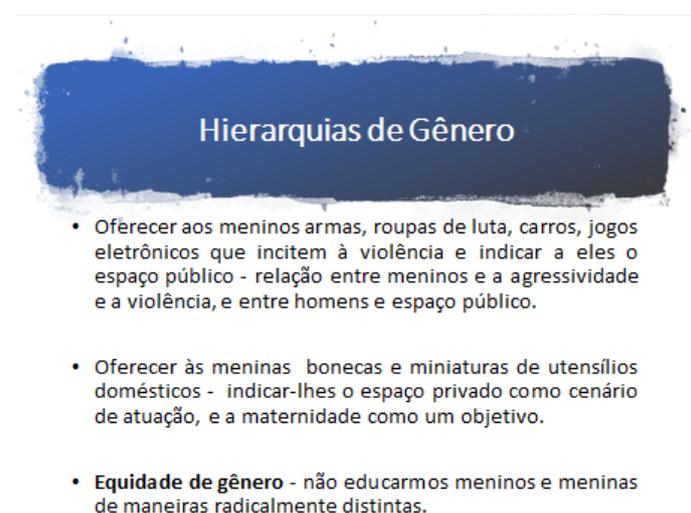


Figura 45 - Referências Gênero, Fonte: Criado pela pesquisadora.

O termo gênero possui diversas ramificações, uma delas finaliza nas hierarquias de Gênero.

Segundo Araújo e Barreto (2009), meninos e meninas são educados de formas radicalmente distintas, ocasionando, assim, uma desigualdade de gêneros que se estabelece desde a infância. Os brinquedos se enquadram no início dessa assimetria, favorecendo e estabelecendo os lugares de ambos dentro da sociedade. Aos meninos são ofertados armas, jogos de luta, carros, incitando a violência e a agressividade e como consequência oferecendo o ambiente público como atuação masculina. Já às meninas são oferecidas bonecas e utensílios domésticos, relacionando-as exclusivamente ao espaço privado e preparando-as para a maternidade, sendo este último um objetivo quase que obrigatório. (p.29).



*Figura 46 - Hierarquias de Gênero. Fonte: Criado pela pesquisadora.*

Devemos nos preocupar com a educação ofertada as nossas crianças, para não mais fortalecer e reforçar as desigualdades e, sim, contribuir para a equidade de gênero.

Considerados como componentes básicos da existência humana, o humor e o riso refletem as manifestações sociais dos seres humanos (Margonari & Braga Jr, 2015). O humor também apresenta-se como um fator contribuinte para os reforços (ou não) das hierarquias de gênero.

Há mais de 100 anos as tirinhas encontram-se mergulhadas no cotidiano da sociedade. Porém, de acordo com Nicolau e Magalhães (2013), somente após a década de 70 que estas passaram a refletir os problemas políticos e históricos em forma crítica e irônica, retratando os paradoxos da sociedade da época.

Conhecida também como tira diária, a tirinha pode ser caracterizada “[...] como uma sequência narrativa em quadrinhos humorística e satírica que utiliza a linguagem verbal e não verbal, transmitindo, [...], uma mensagem de caráter opinativo.” (Nicolau & Magalhães, 2013, p. 64).

Ainda de acordo com os autores supracitados, as tirinhas são facilmente encontradas no interior de jornais e revistas, “principalmente no final do século XX, abordando temáticas do cotidiano de maneira crítica e reflexiva e se consolidando como um gênero jornalístico opinativo.” (Nicolau & Magalhães, 2013, p. 67).

Segundo Nicolau e Magalhães (2013), tal sequência narrativa opta por manifestar críticas e metáforas, criando, assim, uma representação do cotidiano, democratizando a comunicação e exercendo o direito de livre expressão.

Vale destacar que,

A trajetória histórica dessas publicações manteve uma relação muito próxima dos quadrinhos com o humor. [...] Esse humor sempre foi baseado em estereótipos sociais e visões de mundo que em um processo de comunicação inter-simbólico manteve-se em constante diálogo com os leitores. (Margonari & Braga, 2015 p. 1605).

Por representarem padrões estereotipados, os quais encontram-se inteiramente entrelaçados nas questões culturais da sociedade, pelas quais estão imersos os leitores, as tirinhas apresentam uma forte entonação humorística, trazendo a crítica em forma de riso, uma vez que a metáfora é caracterizada como expressão cômica, sendo seu emprego o causador de tal efeito. (Margonari & Braga Jr, 2015).



Figura 47 - Tirinha Turma da Mônica. Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/tirinhas/index.php?a=1>.

Criada em 1963, pelo cartunista Maurício de Sousa, Mônica simboliza uma menina perspicaz e cheia de personalidade. Com milhares de exemplares veiculados, podemos ressaltar que, por diversas vezes, Mônica expressa ser a mais forte de todos os personagens, sendo até renomada a Dona da Rua do Limoeiro, um fato classificado como um tanto peculiar se considerarmos o ano de sua criação e o papel da mulher inserida naquele contexto histórico.

Na década de 60, as mulheres começaram a romper conceitos “revelando [...] um momento em que se coloca a possibilidade de ruptura dos papéis femininos tradicionais”. (Cunha, 2001, p 203). Considerado de relevante destaque, ainda no mesmo período histórico transcorreu a idealização do movimento feminista. Libertador e marcado por numerosas

revoluções, as mulheres não só queimaram suas roupas íntimas como também ingressaram nas faculdades, deixando suas casas e ocupando lugares públicos. (Paladino, 2010).

Nos Estados Unidos, onde se desencadeou o referido movimento, bem como em outras partes do mundo nas quais ele se apresentou, as reivindicações das mulheres provocaram uma forte demanda por informações [...] Ao mesmo tempo, docentes mobilizaram-se, propondo a instauração de cursos, nas universidades, dedicado aos estudos das mulheres. (Soihet & Pedro, 2007, p. 285)

Novamente, no mesmo contexto histórico, nos deparamos com a criação da pílula anticoncepcional. A feminista Katharine McCormick, a ativista pelos direitos das mulheres à contracepção Margaret Sanger, juntamente com o cientista Gregory Pincus, o ginecologista e obstetra John Rock, diligenciavam um medicamento capaz de impedir a concepção, proporcionando à sexualidade feminina a “[...] possibilidade de busca exclusiva do prazer, plenamente desvinculada da procriação”. (Cunha, 2001, p. 205).

O controle da natalidade, por sua vez, merecia igual atenção e era apresentado como um tema muito complexo, pois de acordo com a legislação da época, ninguém podia anunciar qualquer processo, substância ou objeto destinado a provocar aborto ou evitar gravidez. Por causa dessas proibições, os laboratórios não podiam utilizar a palavra “anticoncepcional” nos rótulos dos produtos. (Cunha, 2001, p. 204).

Reflexionando sobre os estudos expostos, podemos reparar que a Mônica sobreveio em meio a uma revolução, considerada de extrema relevância, marcando a história da mulher na sociedade. As características da personagem, certamente, refletiam tais mudanças contextuais e posicionais.

A tirinha selecionada, explanada na Figura 46, expõe a personagem em um diálogo com o Cebolinha, demonstrando sua indignação perante a inquietação causada por intermédio da *troca de papéis* (grifo nosso).

A ilustração exibe a presença da Mônica segurando uma maleta, subentendendo-se estar vestida para o trabalho. Na mesma cena, Cebolinha vestido com um avental e trazendo nas mãos um espanador, demonstra sua excitação por estar tirando o pó dos móveis, cozinhando (nota-se o fogão disposto atrás do personagem) e cuidando do filho (representado pelo coelho da Mônica no carrinho de bebê, o Sansão). Impaciência esta, causada pelo desconforto em cuidar dos afazeres domésticos.

Segundo Silveira (2006), homens e mulheres inseridos no mercado de trabalho são distribuídos, no âmbito de seus empregos, de formas distintas. “[...] Ainda que o determinismo biológico venha sendo questionado [...]” (Silveira, 2006, p.81), outro fator explicativo para tal caso é que a segregação é advinda mediante a heterogeneidade de gêneros, que muitas vezes acabam por direcionar as mulheres para determinados cargos e, por consequência, homens para outros cargos.

Ainda de acordo com Silveira (2006), “nas sociedades modernas, as mulheres não estão mais confinadas à esfera doméstica. Saem hoje de suas casas para trabalhar, estudar e relacionar-se socialmente, e não aceitam mais padrões preestabelecidos quando se trata de assumir lugares numa organização”. (p.79).

Chegamos ao ponto. A *troca de papéis* (grifo nosso) é a causadora do riso, sendo este, um veículo para a naturalização das representações. Segundo Margonari e Braga Jr (2015), torná-los naturais e frequentes, representa um caminho para o entendimento da possibilidade de caracterizações fora dos padrões impostos socialmente.

A igualdade de Gênero constantemente cobrada e discutida na atualidade denota as mulheres como trabalhadoras e expõem os homens aos trabalhos domésticos. Apesar da ainda defasagem, estamos cada vez mais próximos da igualdade e a tirinha posta fora deste contexto, reflete o humor, reflete as lutas diárias de diversas mulheres que acreditam nesta inversão, reflete a crítica da sociedade para a conscientização de um assunto extremamente relevante e atual.

As tirinhas retratam a realidade e a atualidade através de críticas, construindo assim o humor, destacando-se como uma importante ferramenta para a conscientização.

A sociedade apresenta uma escassez em discussões sobre temáticas polêmicas como as relações de Gênero, mas tais lacunas podem e devem ser preenchidas com respeito e conhecimento. As tiras diárias expressam exatamente os assuntos que precisam ser discutidos

e entendidos e o humor, por sua vez, traz a leveza necessária para que os alicerces sejam construídos de forma sólida e livre de preconceitos.

A criação da personagem Mônica representa uma quebra de paradigmas, de padrões, ela simboliza a voz de diversas mulheres que lutam diariamente para a igualdade de gêneros, lutam por seus direitos e devidos reconhecimentos.

O gênero textual em questão atinge leitores das mais diversas idades e encontra-se de fácil acesso, cabe a cada um saber usufruir do papel do humor para a “[...] construção de um saber direcionado e transversal, que possibilite uma visão crítica e tolerante da sociedade.” (Margonari & Braga, 2015, p. 1617).

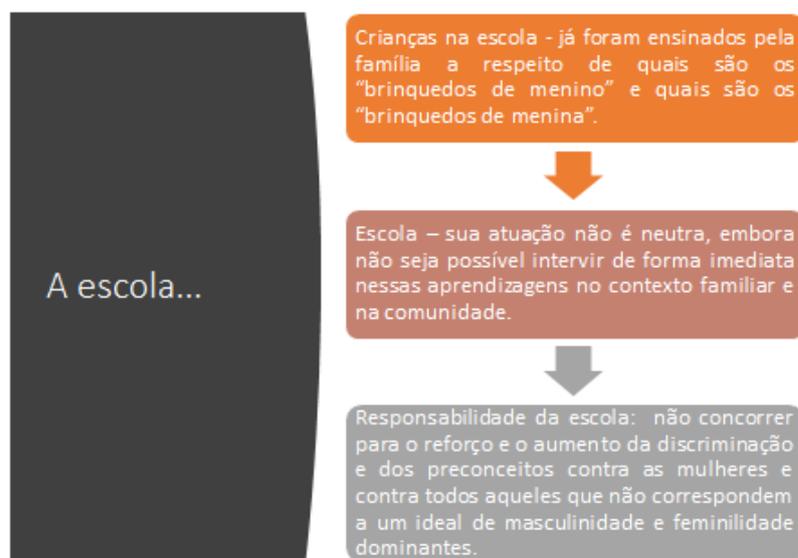


Figura 48 - Gênero na escola. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Mas e as escolas? Quais são os seus papéis e suas responsabilidades diante as desigualdades e hierarquias de gênero?

Ao adentrar no âmbito escolar, as crianças já possuem ensinamentos específicos sobre quais são os brinquedos de meninas e quais são os brinquedos de meninos. Embora a escola e seus profissionais não consigam intervir de maneira eficaz no contexto familiar, eles devem

estar cientes de que precisam se posicionar diante tais ensinamentos, com o intuito de não concorrer para os reforços, discriminações e preconceitos existentes.

É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas "críticas"). Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui. (Louro, 1997, p. 64).



Figura 49 - Público X Privado. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Os espaços pertencentes a sociedade também explicam a existência das desigualdades entre homens e mulheres.

Historicamente o espaço público era restrito aos homens, enquanto que as mulheres pertenciam confinadas no ambiente doméstico. A oposição “rua X casa” demonstra como o ser masculino e o ser feminino estão completamente associados a cada um destes elementos, contribuindo para a divisão existente entre a esfera da produção, relacionada aos homens que são criados para trabalhar e a esfera da reprodução, referente as mulheres que possuem o objetivo da maternidade.

Como comprovação de tais fatos, durante décadas o mercado de trabalho era um espaço composto hegemonicamente da presença masculina. Aos poucos as mulheres conseguiram adentrar e ocupar o seu devido espaço. Hoje, a existência feminina no mercado de trabalho é apreciável.



Figura 50 - Desigualdade de gênero. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Outro processo importante que evidencia as desigualdades de gênero é a escolarização. Anteriormente, a prioridade e acesso aos estudos era um privilégio oferecido somente aos filhos homens, as mulheres eram excluídas desta possibilidade de transformação designada ao poder da escola. As instituições de ensino superior no Brasil criaram oportunidade de acesso e permanência das mulheres em seus âmbitos somente ao final da década de 70. Diante as boas qualificações oportunizadas pelo aprendizado, nos deparamos com a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, porém, nem mesmo a destreza profissional reverteu a elas uma igualdade salarial.

Para exemplificar todo esse processo e buscar reflexão para o assunto, foi apresentado aos alunos um vídeo<sup>5</sup>, disponibilizado em uma plataforma digital de compartilhamento de vídeos, intitulado: desigualdade de gênero no olhar das crianças. Seu conteúdo apresenta crianças e adolescentes realizando todos, uma mesma função, a de recolher bolinhas

<sup>5</sup> Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VbIc4GDpIkQ>

espalhadas pelo chão. Meninos e meninas exercem a atividade com empenho, exatidão e rapidez. Ao final do solicitado, as crianças ganham um prêmio pelo bom andamento, mais precisamente, doces, porém, os meninos ganham um pote cheio e as meninas ganham um pote pela metade. A desaprovação e decepção podem ser vistas nos olhares das crianças e a explicação oferecida a eles foi o fato de serem mulheres. Diante a situação, os meninos resolvem dividir o seu prêmio igualmente entre as meninas. Esta foi uma pesquisa realizada para demonstrar como a desigualdade é inadmissível aos olhos de uma criança.



Figura 51 – Estereótipos. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Abrangendo o último tema proposto no primeiro dia de curso, entramos no conceito de estereótipos, que são rótulos sociais criados diante características de grupos com o intuito de delinear padrões sociais impostos e esperados culturalmente. Compreende, portanto, a generalização e a simplificação que correlata peculiaridades gerais a atributos coletivos. (Guerra, n.d.).

De acordo com Guerra (n.d.), os estereótipos são reproduções culturais e acabam por interferir nos vínculos sociais. Os meios de comunicação, atualmente, podem adquirir o papel de reforço, na maioria das vezes ou desconstrução dos estereótipos.

A determinação dos papéis de Gênero se enquadram em características estereotipadas, ainda segundo o autor citado, uma vez que acabam por reger culturalmente os

comportamentos de cada gênero, impondo padrões que refletem as desigualdades e perduram por toda a vida.

Os estereótipos por carregarem, na maioria das vezes, aspectos negativos, acabam por reforçar atitudes preconceituosas. Estas podem exteriorizar por meio de ironia, humilhação e piadas.



*Figura 52* - Livro: Piadas sobre meninas. *Fonte:* Hassada, Paul. (2009), Piadas sobre meninas (para os meninos lerem). Paul Hassada; (Tradução Maria Alzira Brum Lemos). Cotia, SP: Vergara & Riba Editoras.

Por meio de estudos, nos deparamos com a existência de um livro de piadas sobre meninas, de leitura exclusiva para os meninos. Em um tom de ironia, as hierarquias e as desigualdades de gênero, além dos estereótipos, são abordados e reforçados. Abaixo serão explanadas algumas páginas a título de curiosidade e reflexão.

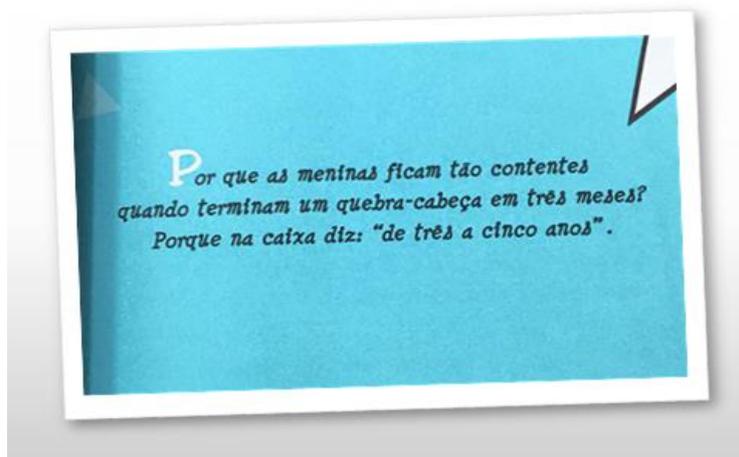


Figura 53 - Piada 1. Fonte: Hassada, Paul. (2009), Piadas sobre meninas (para os meninos lerem). Paul Hassada; (Tradução Maria Alzira Brum Lemos). Cotia, SP: Vergara & Riba Editoras.

Figura 52: Por que as meninas ficam tão contentes quando terminam um quebra-cabeça em três meses? Porque na caixa diz “de três a cinco anos”.

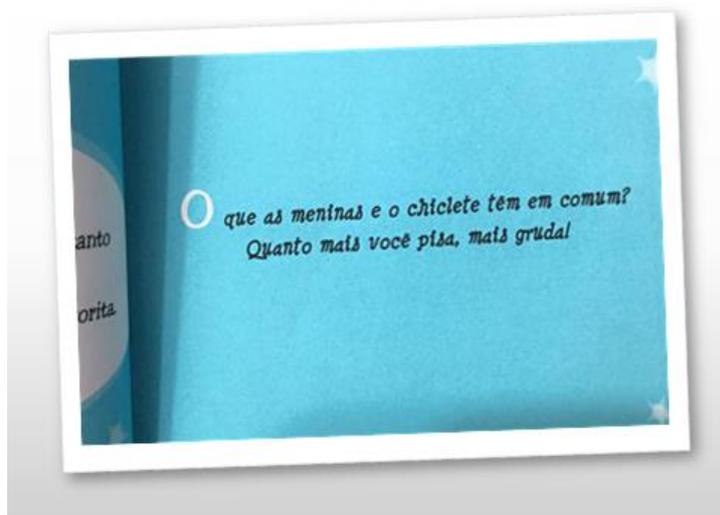


Figura 54 - Piada 2. Fonte: Hassada, Paul. (2009), Piadas sobre meninas (para os meninos lerem). Paul Hassada; (Tradução Maria Alzira Brum Lemos). Cotia, SP: Vergara & Riba Editoras.

Figura 53: O que as meninas e o chiclete tem em comum? Quanto mais você pisa, mais gruda!



Figura 55 - Piada 3. Fonte: Hassada, Paul. (2009), Piadas sobre meninas (para os meninos lerem). Paul Hassada; (Tradução Maria Alzira Brum Lemos). Cotia, SP: Vergara & Riba Editoras.

Figura 54: O que faz uma menina para matar um peixe? Tenta afogá-lo.

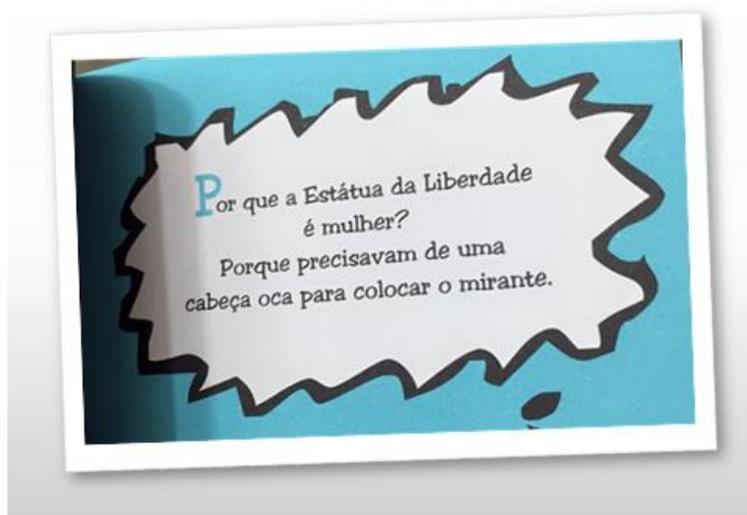


Figura 56 - Piada 4. Fonte: Hassada, Paul. (2009), Piadas sobre meninas (para os meninos lerem). Paul Hassada; (Tradução Maria Alzira Brum Lemos). Cotia, SP: Vergara & Riba Editoras.

Figura 55: Por que a Estátua da Liberdade é mulher? Porque precisavam de uma cabeça oca para colocar o mirante.

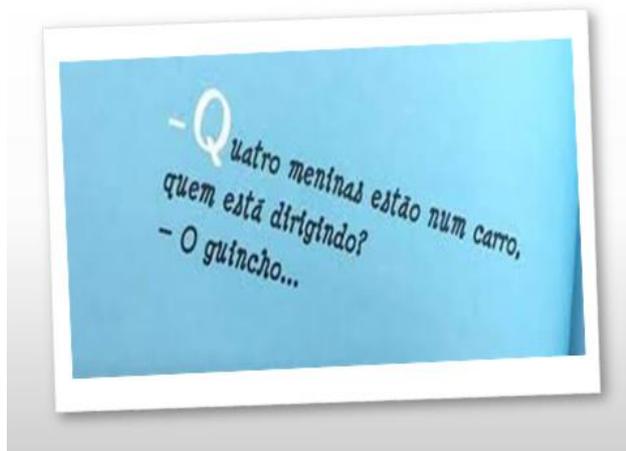


Figura 57 - Piada 5. Fonte: Hassada, Paul. (2009), Piadas sobre meninas (para os meninos lerem). Paul Hassada; (Tradução Maria Alzira Brum Lemos). Cotia, SP: Vergara & Riba Editoras.

Figura 56: Quatro meninas estão num carro, quem está dirigindo? O guincho...

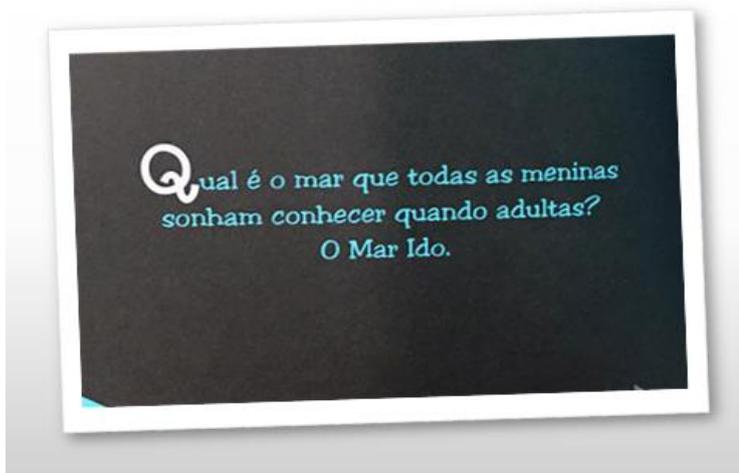


Figura 58 - Piada 6. Fonte: Hassada, Paul. (2009), Piadas sobre meninas (para os meninos lerem). Paul Hassada; (Tradução Maria Alzira Brum Lemos). Cotia, SP: Vergara & Riba Editoras.

Figura 57: Qual é o mar que todas as meninas sonham conhecer quando adultas? O Mar Ido.

Logo em seguida, com o intuito de adquirir e aprofundar o conhecimento mais um vídeo foi compartilhado com a turma, intitulado: estereótipos de gênero.



Figura 59 - Vídeo Estereótipos de gênero. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=iETqbsOSSf8>.

Nele, crianças com idade entre cinco e seis anos localizadas no ambiente escolar, são instruídas pela professora a desenharem pilotos de avião, bombeiros, médico. As crianças, quase que em sua totalidade, desenhavam estes profissionais por meio da figura masculina. Ao final dos desenhos, a professora questiona se eles gostariam de conhecer pessoalmente estes especialistas, os quais adentram a sala de aula e causam espanto em todos: são mulheres. Em um primeiro impacto as crianças cogitam estarem somente fantasiadas e serem uma farsa, após a intervenção e apresentação a turma toma conhecimento da existência profissional feminina em trabalhos imersos no mundo masculino.



**Retomando a pergunta...**

✓ E agora, você se sente mais preparado para responder, novamente, a questão abaixo?

COMO PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO INFANTIL, QUAL SERIA A SUA INTERVENÇÃO CASO OS PAIS E/OU A EQUIPE GESTORA FOSSEM CONTRÁRIOS AO SEU TRABALHO E ENSINAMENTOS REFERENTES À EDUCAÇÃO SEXUAL E GÊNERO COM AS CRIANÇAS?

Sugestões, críticas ou comentários...

Figura 60 - Retomando a pergunta. *Fonte:* Criado pela pesquisadora.

Para finalizar o primeiro dia de curso, surgiu a necessidade da retomada de uma pergunta que fora sinalizada no questionário aplicado no início do semestre com a turma, a fim de obter um grau comparativo entre as respostas e avaliar se houve um salto no conhecimento em relação ao tema abordado.

Diante de toda a explanação feita, os alunos foram novamente expostos a seguinte pergunta: como professor(a) de Educação Infantil, qual seria a sua intervenção caso os pais e/ou a equipe gestora fossem contrários ao seu trabalho e ensinamentos referentes à Educação Sexual e Gênero com as crianças?

Os alunos responderam individualmente e com a entrega das resoluções deu-se por encerrado o primeiro dia de curso.

### **5.2.2 Compartilhando Práticas**

Na semana subsequente ao curso teórico, os estudos foram aprofundados e focalizados nas práticas pedagógicas, com o intuito de ilustrar todo o conhecimento adquirido ao decorrer das explicações.

Acreditou-se na necessidade de revisar alguns conceitos específicos sobre o tema, antes de adentrar ao quesito em questão, uma vez que o segundo dia de aplicação decorreu após uma semana de intervalo, criando um longo espaço entre a exposição dos conceitos teóricos e a aplicação das atividades práticas. Discussões sobre gênero, sexualidade e Educação Sexual foram novamente levantadas e referidas com o propósito de sanar possíveis dúvidas e questionamentos.

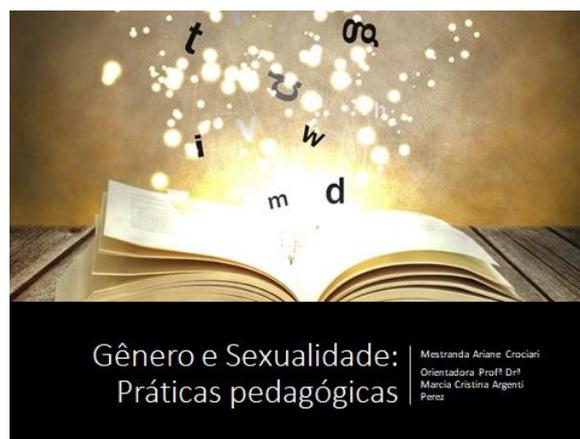


Figura 61 - Gênero e Sexualidade: Práticas pedagógicas. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A aplicação do segundo dia de curso foi realizada no dia 29 de outubro do ano de 2018 e contou com a certificação de quatro de horas disponíveis para os alunos presentes os quais somados ao primeiro dia, resultam em um total de oito horas para os alunos que obtiveram no mínimo 75% de presença.



Figura 62 - Práticas pedagógicas. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Logo após a realização da revisão teórica, a escolha de compartilhar com os alunos um vídeo didático e explicativo, foi de extrema importância. Localizado em uma plataforma digital de mídia e intitulado: O que é trabalhar gênero nas escolas?, Mary Neide Figueiró apresenta questões pertinentes para o entendimento de como o tema gênero pode e deve ser trabalhado no âmbito escolar. O vídeo fortaleceu a base teórica, oferecendo elementos pertinentes para o avanço do tema e consequente trabalho prático, respaldando os alunos conceitualmente.



Figura 63 - Vídeo: O que é trabalhar gênero nas escolas? Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=HkpoDtPkkzc>.

Diante o curto tempo disponibilizado, fez-se necessário a escolha de somente algumas atividades, com o intuito de ilustrar e exemplificar os estudos. Deu-se então a seleção da exposição de quatro atividades pedagógicas, sendo duas delas com o acréscimo do material didático elaborado pela pesquisadora.

A atividade 1, elaborada pela pesquisadora e intitulada: O que se carrega na mochila de um menino e de uma menina?, demonstra uma atividade simples, porém de extremo proveito para iniciar o assunto gênero na Educação Infantil por meio da ludicidade.

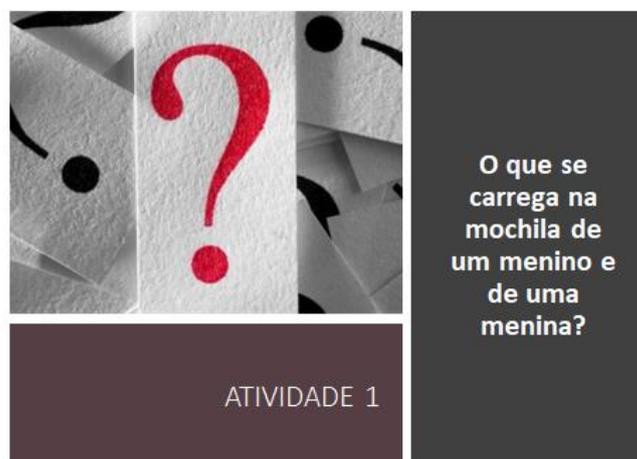


Figura 64 - Atividade 1: O que carrega na mochila de um menino e de uma menina? Fonte: Criado pela pesquisadora.

Os objetivos sinalizados pela tal atividade consistem em discutir as questões de gênero com os alunos, problematizando como, no dia-a-dia, meninos e meninas organizam suas mochilas.

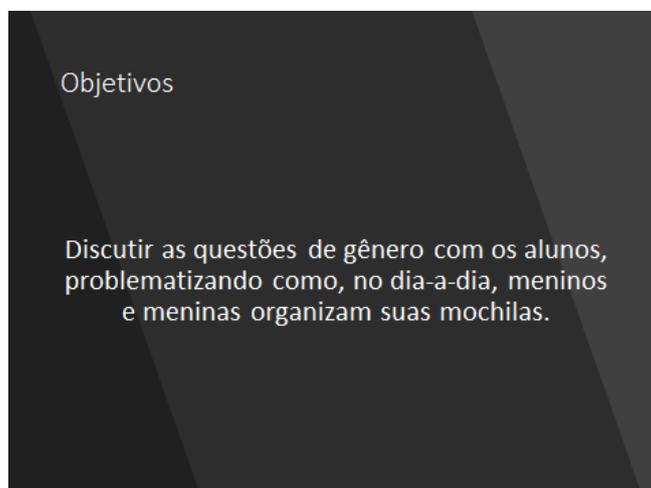


Figura 65– Objetivos. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Para a realização da atividade serão necessários materiais como: folhas, revistas, tesouras, lápis, borracha, canetas hidrográficas. Os instrumentos utilizados são sugestivos e podem/devem ser adaptados conforme o ambiente em que o profissional encontra-se inserido.

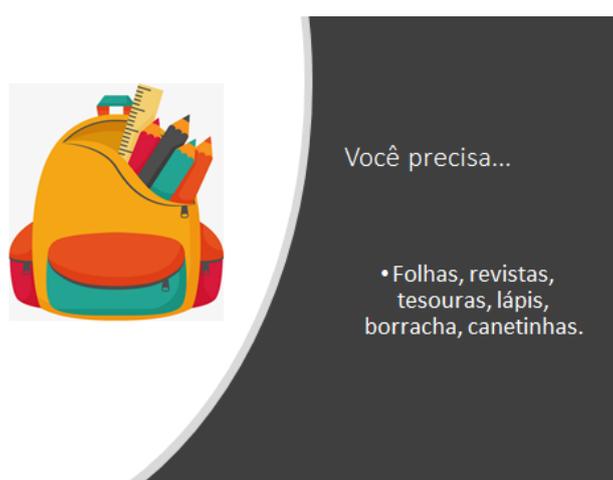


Figura 66 - Materiais utilizados. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A realização da atividade consiste na utilização de gravuras, desenhos ou objetos para exemplificar e ilustrar como os meninos e as meninas devem organizar a suas mochilas escolares. A pergunta inicial para a realização da atividade é: O que eles carregam na mochila?/ O que elas carregam na mochila?

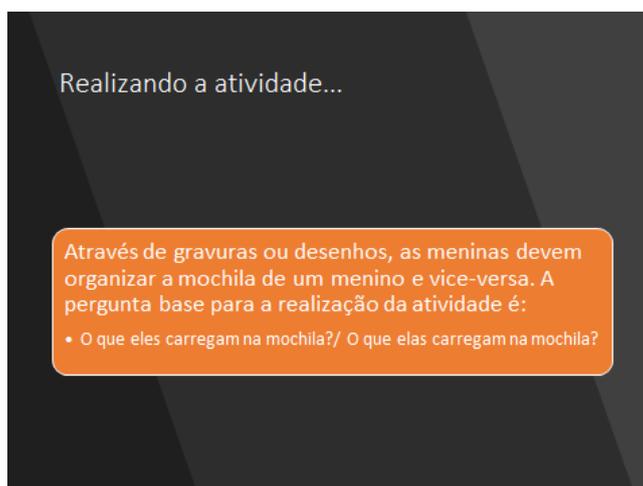


Figura 67 - Realizando a atividade. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Por meio dos desenhos sinalizados/sorteados, as crianças em conjunto devem optar em qual mochila aquele material deve ser colocado. Na ausência de ferramentas, a lousa se encarrega de cumprir o papel de fornecimento do conhecimento, uma vez que com um simples giz a atividade consegue atingir o seu objetivo.

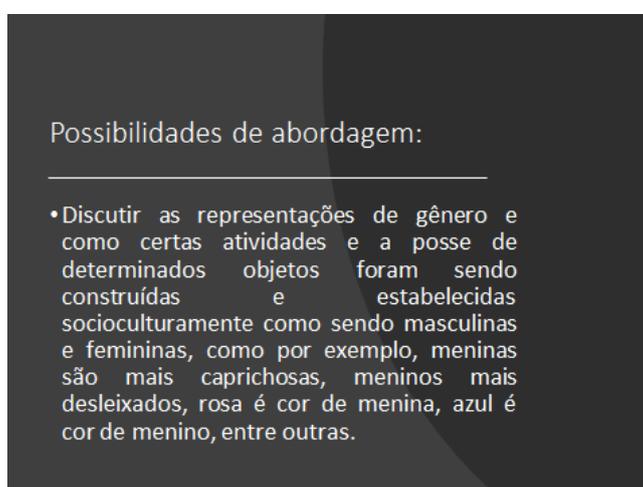


Figura 68 - Possibilidades de abordagem. Fonte: Criado pela pesquisadora.

O fundamental para o sucesso das práticas consiste nas possibilidades de abordagem. Na atividade em questão, emprega-se a necessidade de, no decorrer da realização e por meio das opções tomadas pelas crianças, discutir a partir do engajamento as representações de gênero, além de pontuar como algumas atividades e a posse de determinados objetos foram sendo construídas e estabelecidas socioculturalmente como sendo masculinas e femininas.

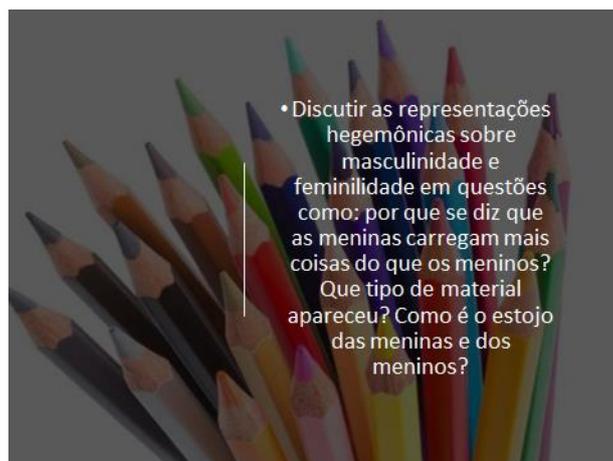


Figura 69 - Possibilidades de abordagem. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Outra possibilidade de abordagem existente consiste na discussão das representações hegemônicas sobre masculinidade e feminilidade.

A Foto 1 demonstra o material elaborado pela pesquisadora para a realização e explicação palpável da atividade exposta. Duas mochilas foram desenhadas e recortadas em material E.V.A., um bolso foi colado na frente da mochila com a finalidade de guardar os materiais utilizados para a execução da atividade. Fichas com desenhos previamente estabelecidos foram impressas e plastificadas para um melhor manuseio e preservação. No verso de cada ficha, um pedaço de velcro foi colado e o seu par foi fixado na frente da mochila, a fim de oferecer as crianças um método eficaz para que suas escolhas sejam exibidas de maneira simples, porém lúdica.



Foto 1 - Material didático. Fonte: Acervo da pesquisadora.

As ilustrações foram previamente estabelecidas. Imagens como: boneca; chupeta; jogo de panelinhas; lápis de cor; massa de modelar; fantasia de super-herói; carrinhos apareciam uma a uma de acordo com a escolha de cada criança. Alguns brinquedos específicos foram propositalmente escolhidos a fim de demonstrar a influência cultural que as crianças carregam consigo e como consequência, a tentativa de desconstrução do sexismo existente.



Foto 2 - Demonstração do material didático. Fonte: Acervo da pesquisadora.

Conforme ocorria o compartilhamento do conhecimento, as explicações foram transcorrendo e a interação com os participantes foram sucedendo. A Foto 2 ilustra o momento em que os alunos colaboraram com o andamento da atividade, uma vez que tal foi realizada com os presentes a fim de demonstrar e entender a opinião de todos.



Figura 70 - Atividade 2: Caixa surpresa. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A segunda atividade demonstrada foi uma adaptação realizada de uma atividade exposta na dissertação de mestrado de Moreira (2015), trazendo como título: Caixa surpresa. O objetivo consiste em discutir as questões de gênero a partir de brinquedos, brincadeiras, problematizando os marcadores estabelecidos pela sociedade para o que é permitido para meninos e meninas.

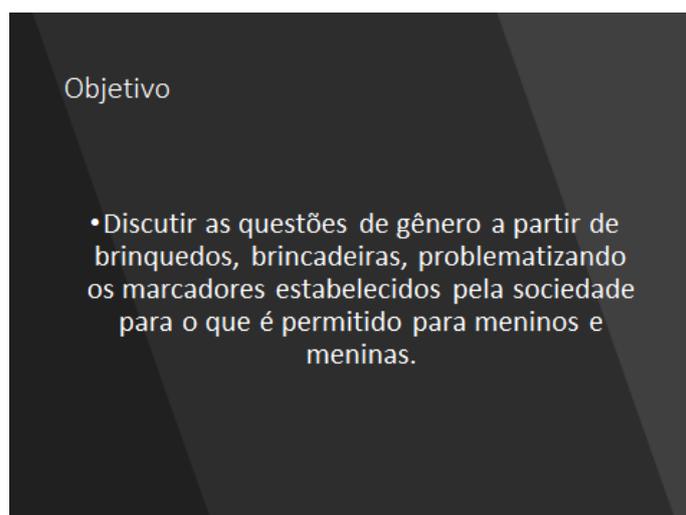


Figura 71 – Objetivo. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Para a elaboração da atividade será necessário a utilização de giz, quadro negro, brinquedos ou figuras e uma caixa.

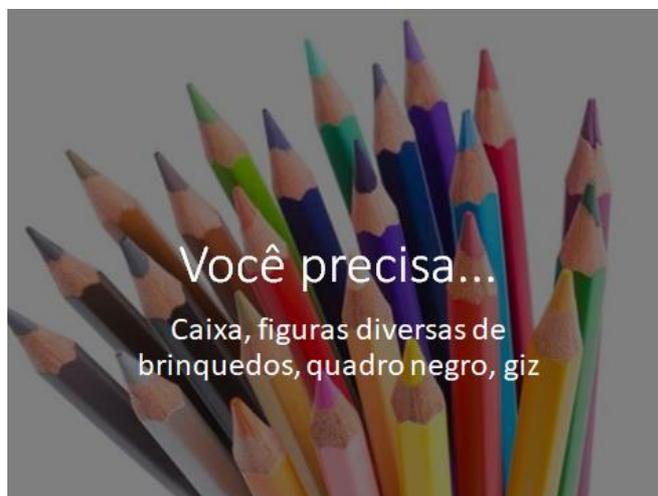


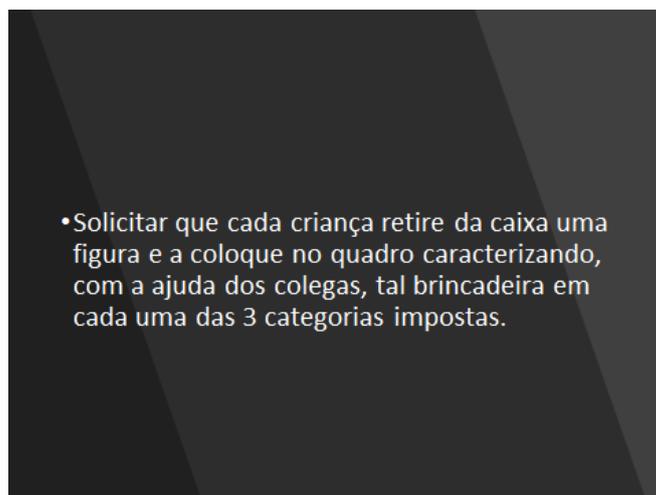
Figura 72 - Materiais utilizados. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A realização da atividade fundamenta-se basicamente em um quadro executado na lousa e composto por três colunas: brincadeiras de meninas; brincadeiras de meninos e por fim, brincadeiras de meninos e meninas.

Realizando a atividade...		
Montar um quadro na lousa com 3 colunas		
Brincadeiras de meninas	Brincadeiras de meninos	Brincadeiras de meninos e meninas

Figura 73 - Realizando a atividade. Fonte: Criado pela pesquisadora.

O andamento da prática sucedia com o auxílio da caixa que continha em seu interior as figuras ou os brinquedos selecionados. De acordo com a solicitação, cada criança deveria retirar uma figura/brinquedo de dentro da caixa e, com o ajuda dos colegas de sala, direcioná-la à coluna correspondente, impondo uma categoria para a figura selecionada.



*Figura 74 - Realizando a atividade. Fonte: Criado pela pesquisadora.*

As possibilidades de abordagem compreendem o incentivo à equidade entre os sexos, com o intuito de possibilitar a construção de cidadãos responsáveis e que respeitem as diferenças, além de ocasionar um debate com os alunos sobre a existência (ou não) de brinquedos e brincadeiras próprias para meninas e meninos.

Possibilidades de abordagem:

Incentivar as equidades entre os sexos, a fim de possibilitar a construção de cidadãs/cidadãos responsáveis e que respeitem as diferenças.

Debater com os alunos se existem brinquedos e brincadeiras próprias de meninos e meninas.

Figura 75 - Possibilidades de abordagem. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A caixa surpresa, as figuras representando os brinquedos e o quadro foram elaborados pela pesquisadora com o intuito de trabalhar por meio da ludicidade um assunto considerado complexo, fornecendo assim, o conhecimento a partir da brincadeira.

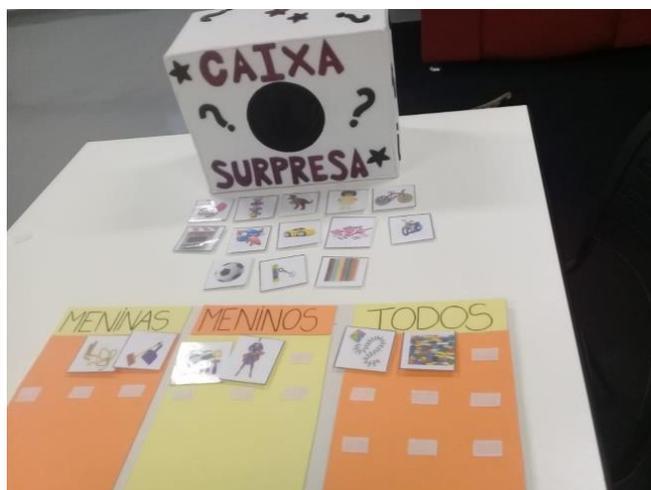


Foto 3 - Material didático. Fonte: Acervo da pesquisadora.

A Foto 3 ilustra o material didático elaborado. A caixa de papelão foi decorada com folhas de E.V.A., as fichas consistiam em figuras impressas coloridas e plastificadas a fim de conservá-las e o quadro foi elaborado com placa de papelão entorno de E.V.A. constituindo as colunas. As figuras e as colunas continham velcro para facilitar o andamento da atividade.



Foto 4 - Interação com o material. Fonte: Acervo da pesquisadora.

A Foto 4 demonstra o momento de interação com a turma. De acordo com a figura retirada do interior da caixa surpresa, os alunos responderam o que possivelmente as crianças responderiam, ilustrando o andamento da atividade.



Figura 76 - Atividade 3: Bombeira e professor! Posso ser o que eu quiser? Fonte: Criado pela pesquisadora.

A terceira atividade desenvolvida e elaborada pela pesquisadora, foi intitulada: Bombeira e professor! Posso ser o que eu quiser? A prática em questão foi inspirada no vídeo: estereótipos de gênero (Figura 58), em que crianças relacionam profissões culturalmente masculinas aos homens, excluindo as mulheres de tais ofícios.

Apresenta-se como objetivo problematizar os padrões estabelecidos pela sociedade para o que é permitido para meninos e meninas, buscando relacionar tais discussões com as profissões sociais de homens e mulheres.

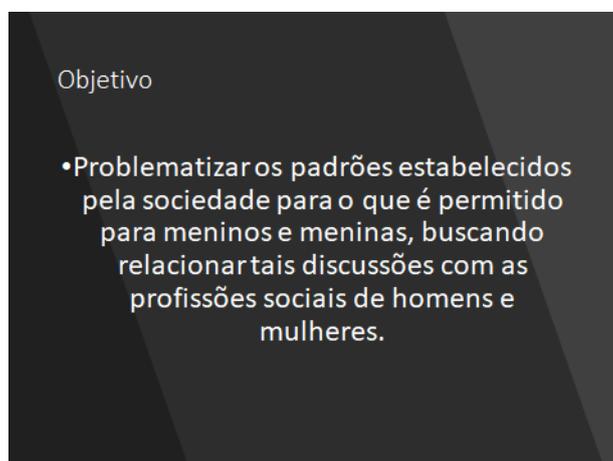


Figura 77 – Objetivo. Fonte: Criado pela pesquisadora.



Figura 78 - Materiais utilizados. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Os materiais utilizados para a confecção da atividade são: bonecos e bonecas feitas de papel e roupas de papel representando o uniforme de diversas profissões.

A realização da prática inicia-se por meio de uma discussão sobre as profissões, uma vez que as crianças poderão expor suas opiniões e desejos criando oportunidades para escutarem e serem ouvidas. Em seguida, os bonecos serão apresentados à turma e cada aluno

deverá escolher uma roupa (uniforme que represente uma profissão) e o boneco que irá vesti-la.

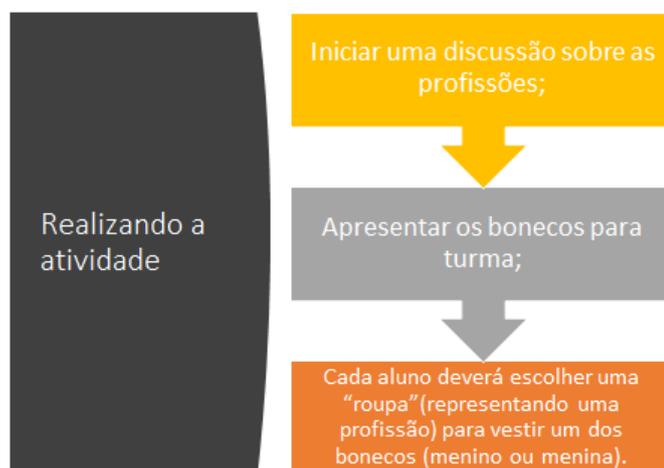


Figura 79 - Realizando a atividade. Fonte: Criado pela pesquisadora.

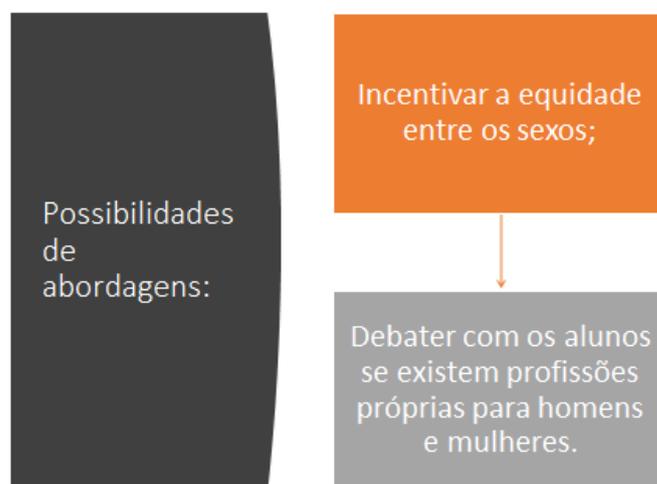


Figura 80 - Possibilidades de abordagens. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A atividade em si abarca diversas possibilidades de abordagens, tais como: o incentivo à equidade entre os sexos e o debate com os alunos sobre a existência (ou não) de profissões próprias para homens e mulheres.

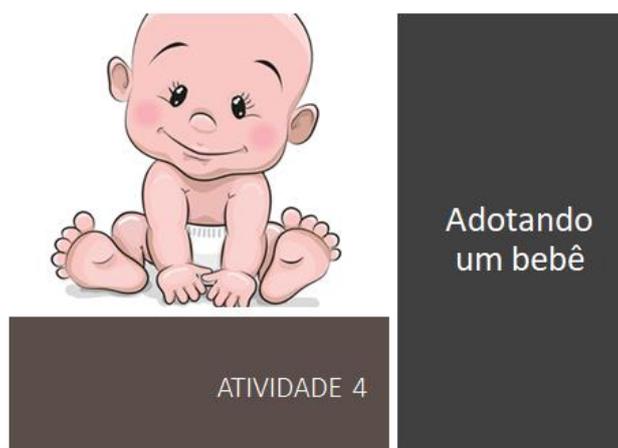


Figura 81 - Atividade 4: Adotando um bebê. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A quarta e última atividade, foi uma adaptação de uma proposta prática explanada em um caderno de atividades por Araujo, L., & Barreto, A. (2009), trazendo como título: Adotando um bebê. Tal exercício compreende uma prática que pode ser trabalhada ao longo do ano diante suas inúmeras possibilidades de abordagem.

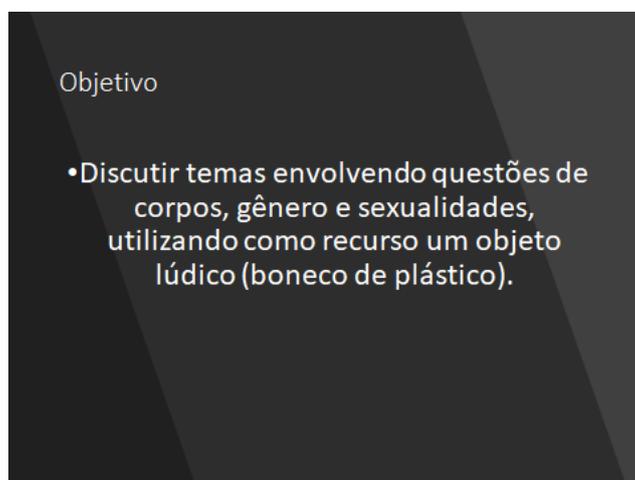


Figura 82– Objetivo. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A discussão de temas envolvendo questões de corpo, gênero e sexualidade, adotando como recurso um objeto lúdico, compreendem os objetivos sinalizados da atividade.

Para a produção da atividade, os materiais necessários são: boneco de plástico, papel, canetinhas, lápis de cor, tesoura.



Figura 83 - Materiais utilizados. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A atividade inicia-se com a introdução do boneco no interior da turma, por meio de uma apresentação realizada pelo professor.

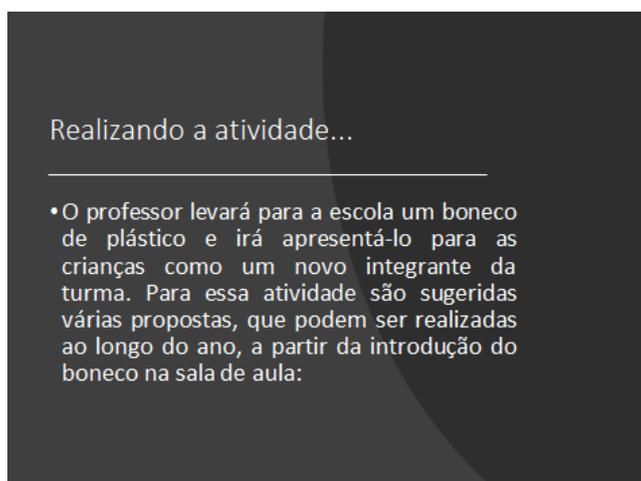


Figura 84 - Realizando a atividade. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Ao decorrer das devidas apresentações, a turma deverá escolher o sexo do colega novato, em conjunto e respeitando a opinião do próximo. Um nome também deverá ser decidido a partir de votação, discussões, enfatizando a importância do trabalho em grupo.

Com a escolha do nome, inicia-se a construção da identidade do boneco. Torna-se fundamental nomear para as crianças entenderem a importância do sobrenome, da individualidade de cada ser, trabalhando questões que possam desconstruir os (pré) conceitos estabelecidos culturalmente. Com isso, cada criança começará a ter conhecimento de seu posicionamento e de sua relevância no mundo e como suas escolhas podem afetar/contribuir com o próximo.

Definições feitas, o vestuário torna-se importante, uma vez que entra em questão o sexismo existente na sociedade. Como auxílio inicial, as famílias poderão contribuir com doações de roupas usadas das próprias crianças e elas irão trocá-lo diariamente, convivendo com a diversidade existente e sempre enfatizando o respeito mútuo.

A próxima etapa consiste na construção da família do boneco, abarcando discussões acerca da diversidade familiar existente, isto é, dos diversos núcleos e concepções, debatendo sobre a evolução do conceito e acolhendo todas as formações.

Dando continuidade, cada criança poderá levá-lo para casa, respeitando o tempo previamente estabelecido pelo profissional educacional e acatando as instruções determinadas em sala, que deverão elaborar uma rotina a ser seguida, incluindo questões de higiene pessoal, responsabilidades diárias e lazer. As vivências do boneco no âmbito familiar de cada criança deverão ser registradas em um caderno por meio de desenhos, anotações e fotografias, auxiliando as crianças no momento da troca de experiências com o grupo. Tal didática apresenta-se como um momento importante de escuta, onde os anseios, dificuldades, aprendizados e diversão deverão ser compartilhados.

Com as fotografias registradas de cada visita, a turma poderá confeccionar um álbum personalizado, guardando os momentos do boneco em companhia das crianças. E por fim, uma comemoração ao aniversário deverá ser criada e questões como: cores, preferências, personagens entrarão em conflito de acordo com o sexo escolhido inicialmente. Momento final extremamente relevante para abarcar questões sexistas e enfatizar a desconstrução de conceitos criados socialmente.

1. Escolha do sexo
2. Escolha do nome
3. Identidade do boneco
4. Doação de roupas
5. Construção da família do boneco
6. História do boneco
7. Visita do boneco
8. Confeção de um álbum
9. Festa de aniversário do boneco

Figura 85 - Realizando a atividade. Fonte: Criado pela pesquisadora.

As possibilidades de abordagem são inúmeras e o projeto poderá perdurar ao decorrer do ano. Com a construção da família, o professor poderá problematizar as configurações familiares. Destacando a família, discussões em torno da origem do sobrenome poderão ser pertinentes, trazendo a individualidade de cada criança no interior do diálogo. A construção da masculinidade e feminilidade gera discussões pertinentes, uma vez que diversificados modelos, padrões e ideais atuam no processo de formação de homens e mulheres. Outra possibilidade de abordagem abrange a utilização da problematização das histórias fornecidas pelas crianças em forma de discussão para promover a constituição das identidades dos sujeitos

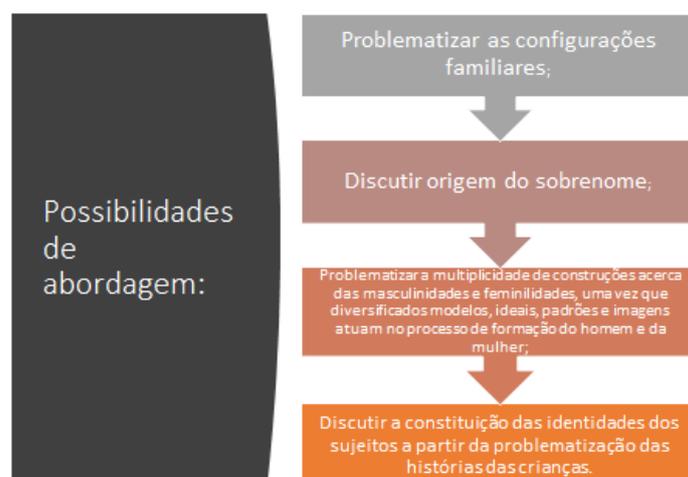


Figura 86 - Possibilidades de abordagem. Fonte: Criado pela pesquisadora.

A figura 86 demonstra o exemplo de uma carteira de identidade, a qual poderá ilustrar e dar início a os conceitos de identidade que serão trabalhados com as crianças.

Carteira de Identidade

Retrato

Assinatura do Portador

Polégar Direito

Valida em todo o território nacional

Naturalidade

Data

Filiação

Nome

Número do Registro

Figura 87 - Exemplo: Carteira de identidade. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Ao final das demonstrações práticas, uma atividade foi proposta como forma de interiorização de conceitos e afirmação dos conhecimentos adquiridos. O exercício foi realizado em grupo e consistia na construção e elaboração de uma atividade lúdica para trabalhar gênero na Educação Infantil. Alguns conceitos foram estabelecidos: título da prática; a faixa etária das crianças as quais serão aplicadas a atividade; os materiais que serão utilizados para a realização da prática; como será o andamento do exercício e quais as abordagens que poderão ser discutidas.

Atividade

- Em grupo, pensar em uma atividade lúdica para trabalhar gênero na Educação Infantil.
- Título;
- Faixa etária;
- Objetivo;
- Materiais utilizados;
- Como será realizada a atividade;
- Possibilidades de abordagem.
- Como vocês consideram a importância da Educação Sexual ser trabalhada na formação inicial dos pedagogos?

Figura 88 - Atividade em grupo. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Com a finalização da atividade proposta, ainda permanecendo nos grupos, a turma se posicionou a respeito da seguinte indagação: Como vocês consideram a importância da Educação Sexual ser trabalhada na formação inicial dos pedagogos?

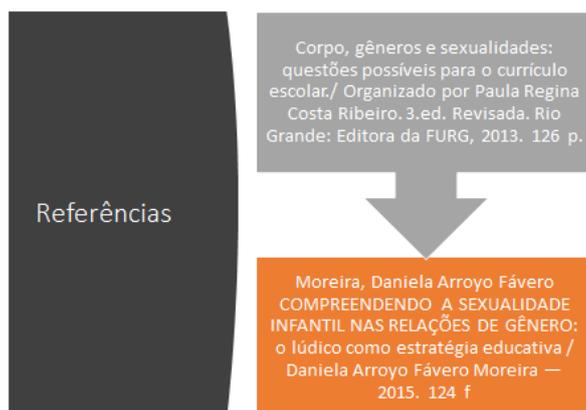


Figura 89 – Referências. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Como forma de agradecimento à presença e ativa participação, tornando o curso um ambiente de trocas de experiências ricas e memoráveis, a pesquisadora ofereceu um singelo marcador de páginas, Foto 5, feito pela mesma e uma frase de Nelson Mandela foi escolhida para simbolizar os momentos vividos ao decorrer dos dois dias: “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para melhorar o mundo”.



Foto 5 - Marcador de página. Fonte: Acervo da pesquisadora.

## 6 A ESCUTA DOS PARTICIPANTES

### 6.1 Diurno – Tecendo saberes

A aplicação do curso ocorreu mediante a mescla de diversos momentos: teóricos, práticos e de intensa interação. A coleta de registros ocorreu mediante a observação da pesquisadora culminando em anotações, além do uso de fotografias registrando momentos pertinentes para futuras análises.

A dinâmica da árvore foi considerada o primeiro momento de grande interação. Após uma parte teórica densa, constituída por apresentação da pesquisadora, da pesquisa e dos resultados obtidos no questionário demonstrando o panorama da turma, além de conceituar infância, a dinâmica da árvore foi previamente elaborada e pensada contando com a participação dos alunos para conceituar os termos sexo e sexualidade a partir das demandas sinalizadas. A turma, que de início encontrava-se retraída, participou timidamente da dinâmica da árvore. A foto 6 ilustra o momento da dinâmica.

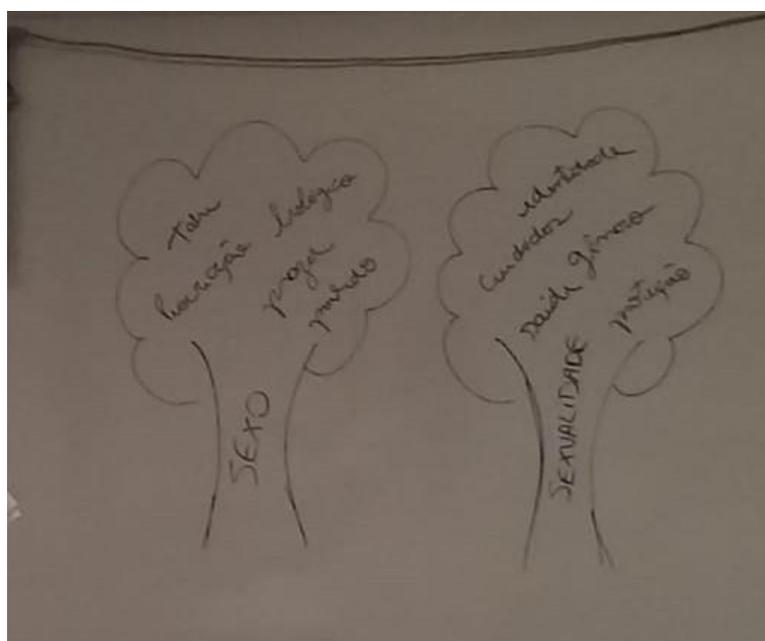


Foto 6 - Dinâmica da árvore: diurno. Fonte: Acervo da pesquisadora.

A atividade consistia em duas árvores desenhadas na lousa, uma intitulada “Sexo” e a seguinte “Sexualidade”, que deveriam ser completadas com o auxílio dos alunos. Palavras

relacionadas e que remetiam ao tema central foram citadas. A árvore do período diurno foi findada com os seguintes vocábulos: tabu, procriação, biológico, prazer e proibido sobressaíram na árvore do sexo, enquanto que na árvore da sexualidade assomaram identidade, cuidados, gênero, saúde e proteção.

O segundo momento marcado pela interação foi o jogo verdade ou mentira, já comentado no decorrer do texto. Os alunos apontaram suas opiniões de acordo com as sentenças demonstradas e, logo em seguida, a resposta aparecia para confirmação ou, até mesmo, espanto dos participantes.

Em um dado instante, quando colocado sobre o posicionamento contrário dos pais em relação ao trabalho dos temas com as crianças, uma aluna relatou um caso em que está vivendo no seu ambiente de trabalho e solicitou auxílio sobre como seria a melhor maneira de lidar com a situação exposta. Em seu âmbito profissional, ela presenciou diversos preconceitos direcionados à um aluno que possui um comportamento “afeminado” ( palavra citada pela aluna). Diante o ocorrido, a professora iniciou um diálogo com a turma com o intuito de sanar tais comportamentos. Em um segundo momento, os pais das crianças praticantes do *bullying* não aceitaram as críticas e os posicionamentos em relação aos seus filhos, complementando “não acho que meu filho deve se desculpar por nada, o comportamento do menino condiz com uma mulherzinha” (fala do pai interpretado pela aluna).

Torna-se relevante no contexto compartilhado pela aluna, a importância da transmissão do conhecimento respaldado no respeito ao próximo, uma vez que o caso exposto reflete atitudes preconceituosas e desrespeitosas. Atitudes discriminatórias não devem ser toleradas e os profissionais devem usar a informação como fundamento para criar possibilidades de melhora nos comportamentos inadequados. Uma breve discussão foi iniciada pela turma diante a exposição do caso relatado e ideias para possíveis soluções foram expressas, tais como: implementação de palestras tendo como público alvo a sociedade escolar, além de projetos pedagógicos para complementar o entendimento dos alunos.

Ao término do primeiro dia de curso, as seguintes perguntas foram retomadas:

“Após os temas e assuntos explanados na intervenção, você se sentiria melhor preparado para responder novamente as perguntas abaixo?”

- Qual seria o seu posicionamento caso se deparasse com a posição contrária dos pais, em relação ao tema Gênero ser trabalhado com os alunos em sala de aula?
- Qual seria o seu posicionamento caso se deparasse com a posição contrária da direção (equipe gestora), em relação ao tema Gênero ser trabalhado com os alunos em sala de aula?

A decisão de retomar a pergunta foi pensada com o intuito comparativo, a fim de observar uma possível ascensão relacionada à internalização dos conceitos adquiridos, como também a mudança de comportamento e quebra de paradigmas. A aplicação do curso forneceu elementos e conceituou temas importantes, abrindo as portas do conhecimento e construindo uma base sólida para todo o conhecimento futuro sobre Educação Sexual.

O gráfico 31 ilustra as respostas fornecidas por 20 alunos constituintes da turma no período diurno.

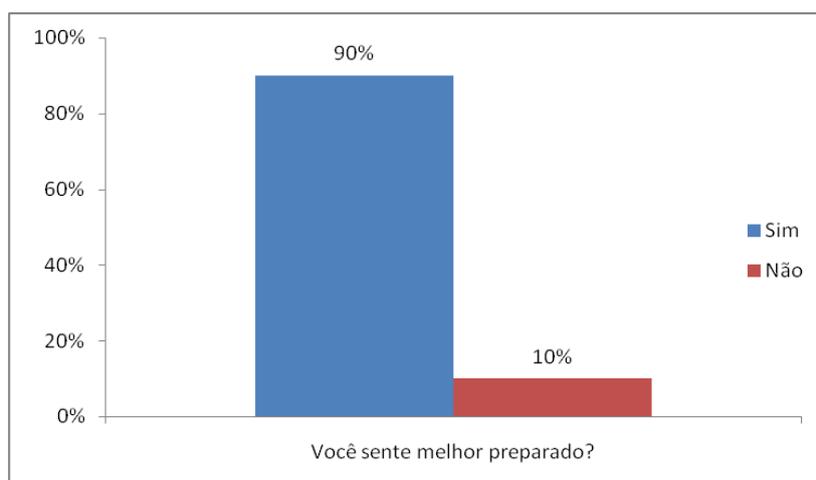


Gráfico 31 - Melhor preparo após a intervenção? Fonte: Criado pela pesquisadora.

De acordo com os dados, 90% dos alunos demonstraram um melhor preparo após os conceitos teóricos transmitidos no curso, ao passo que 10% sinalizaram uma melhora significativa dos conhecimentos, porém a falta de preparo ainda perdura.

As resoluções fornecidas pelos 18 alunos, que enfatizaram uma melhor segurança para lidar com o tema Educação Sexual no âmbito escolar, obtiveram diversos posicionamentos e complementos que enriqueceram seus pareceres.

Dentre todos os detalhes, a sua grande maioria denotou a importância de lidar com as posições contrárias dos pais e/ou direção escolar por meio do embasamento teórico, demonstrando a magnitude e o poder do conhecimento, este, de acordo com os alunos, foi de extrema importância e culminou no enaltecimento de todo o conteúdo trabalhado.

O diálogo também foi apresentado como um dos elementos pertinentes para demonstrar a seriedade do assunto e por consequência, quebrar os tabus existentes ao redor do assunto, com o intuito de transmutar as opiniões contrárias presentes.

Outra informação adquirida nas respostas validava a importância da presença do profissional qualificado em Educação Sexual, sendo importante destacar que o próprio professor possui elementos para buscar tal especialização, tornando-o apto para lidar com as questões diárias relacionadas ao tema, para expor, assim, os conhecimentos adequados, além de tratar com maior destreza o assunto em questão. A assistência do professor hábil vem acompanhada por palestras enriquecedoras fornecendo conteúdos técnicos sobre a importância do trabalho da Educação Sexual com as crianças em sala de aula.

Alguns alunos referiram aos benefícios acarretados na vida das crianças, de acordo com os conhecimentos ofertados sobre o assunto em questão, demonstrando que “a importância da educação sexual no desenvolvimento da sexualidade, no trato com a saúde e autocuidados e na formação da identidade do sujeito” (citação de aluno, 2019), além de servir como um rico trabalho de conscientização dos alunos, pais e profissionais educacionais.

Outro dado fornecido diz respeito à relevância de esclarecer o significado de alguns termos que são comumente compreendidos de forma errônea, uma vez que o paradigma já instaurado culturalmente impede/atrapalha os pais de constatar a seriedade do assunto.

O preparo constante da equipe também apareceu como um dos posicionamentos dos futuros profissionais, enfatizando que a procura do auxílio ocorre, geralmente, após o acontecimento de algum caso pontual ocorrido no interior da escola.

Alguns alunos evocaram a necessidade do planejamento e de toda a sua sistematização detalhada das atividades, demonstrando assim, aos pais e a equipe gestora, todo o conteúdo documentado a ser trabalhado em sala, descortinando transparência na empreitada.

Do mesmo todo, determinados alunos pontuaram que seus posicionamentos seriam pautados em informações e conhecimentos científicos além dos esclarecimentos sobre a

diferença entre sexo e sexualidade, sendo de extrema relevância, uma vez que um dos principais preconceitos com o tema permeia na confusão/fusão de temas distintos, considerados por alguns como igualitários entre si. A distinção entre tais conceitos foi constantemente enfatizada no decorrer do curso.

Encontra-se de importante destaque, um dos elementos ofertados nas resoluções que diz respeito à importância do conhecimento para a proteção do indivíduo de violências simbólicas e físicas.

A atividade e apresentação de conteúdos relativos à Educação Sexual se mostram de suma importância, enfaticamente no contexto atual em que questões de gênero e suas violências armam um cenário tenso na luta das mulheres por condições mais igualitárias. Para além de reconhecer seu corpo, o indivíduo deve reconhecer e respeitar os demais corpos. A educação sexual promove discussões e esclarecimentos acerca das dúvidas que ainda assombram adultos e adolescentes. Ensinar sobre consentimento e reconhecimento de limites e possibilidades de interações – afetivas ou não – antecipam e resguardam o indivíduo de violências simbólicas e físicas. Cabe ao educador adequar sua prática, fala e postura em relação aos conhecimentos de acordo com o grupo e faixa etária, procurando sanar as dúvidas de cada educando e etapa de ensino. (citação de aluno, 2018).

Outro posicionamento assinalado refere-se ao trabalho de promover possibilidades para possíveis desconstruções dos estereótipos, salientando a preocupação em desfazer o que a cultura impõe na sociedade, como por exemplo, os brinquedos discriminados entre meninos e meninas. Esse é um excelente ponto de partida para prováveis amenizações dos preconceitos enraizados, demonstrando aos pais a necessidade dessa desconstrução para a formação de um melhor cidadão.

Dando continuidade, 10% dos alunos, apesar de demonstrarem um avanço significativo no conhecimento adquirido por meio do curso, sinalizaram que o despreparo em lidar com o assunto e com temas reais vividos e presenciados no ambiente escolar, ainda perdura, uma vez que “a formação esporádica como tem ocorrido nesses anos de graduação acerca do tema

Educação Sexual e mesmo seguida de um curso de boa qualidade ainda não me faz sentir mais bem preparada para lidar com a situação proposta”. (citação de aluno, 2018).

O que podemos apontar como um processo natural diante a complexidade do trabalho docente, que pode ser caracterizado “pela incerteza dos cotidianos da prática e pela necessidade de fazer julgamentos em ação, tomando decisões rápidas e acertadas nas situações mais imprevistas, o que afirma ainda a complexidade do trabalho” (Tancredi, 2009, p.15).

Além das respostas fornecidas, os alunos fizeram uso do espaço para tecer elogios à pesquisa e demonstrar a importância do tema e do trabalho em sala de aula, que por muitas vezes é omitido por meio do preconceito que permeia o tema, refletindo em preconceito e misoginia. Aquisição de conhecimento, trocas proveitosas e transformadoras foram denotadas com o término dos ensinamentos adquiridos com a aplicação do curso.

## **6.2 Noturno – Tecendo saberes**

Diante a baixa participação da turma do vespertino, foram propostas algumas modificações na explanação noturna. Os alunos foram constantemente instigados a opinar ao decorrer da apresentação dos gráficos que demonstravam o panorama da turma em relação aos temas explanados. A mudança de comportamento didático acarretou em mais questionamentos e discussões, envolvendo a participação de todos da turma.

Logo após apresentar os gráficos das respostas do questionário, dadas por eles, demonstrando um panorama geral e crítico da graduação e impulsionando-os a comentar sobre a atual situação vivenciada por todos, houve uma demanda muito grande em relação ao interesse em participar, dar sua contribuição demonstrando o quanto a escassez desse tema causa despreparo e falta de confiança em lidar com situações reais no âmbito educacional.

A foto 7 ilustra e comprova a intensa participação da turma.

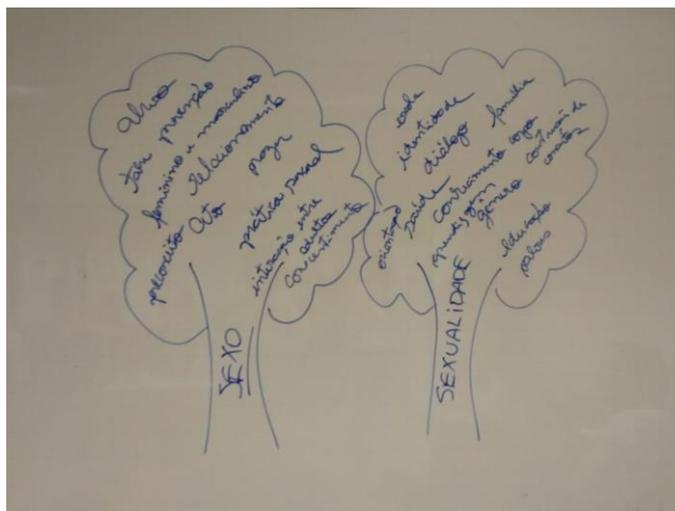


Foto 7 - Dinâmica da árvore: noturno. Fonte: Acervo da pesquisadora.

A dinâmica da árvore refletiu em conteúdos enriquecedores para o decorrer das explicações. A árvore do Sexo foi integralizada com as seguintes palavras: abuso, tabu, prevenção, feminino e masculino, relacionamento, preconceito, ato, prazer, prática sexual, interação entre adultos e consentimento. Já a árvore da Sexualidade foi integrada com os vocábulos: escola, identidade, diálogo, família, orientação, saúde, conhecimento, corpo, aprendizagem, construção de conceitos, gênero, educação e valores.

Apesar do surgimento de palavras distintas, os alunos sinalizaram a dificuldade em desassociar os conceitos apresentados.

Ao decorrer das explicações, uma aluna relatou, individualmente, o seu descontentamento em relação a abordar o tema nas escolas, a mesma sinalizou sofrer represálias da direção e dos pais, ocasionando até mesmo em processos diante sua resistência em continuar abordando o tema, pois acredita na sua extrema importância e no impacto social causado positivamente nas crianças.

Em outro momento, uma importante contribuição foi relevada por uma aluna. Apesar de não contemplar o tema nas explicações, a educanda questionou sobre a diminuição da porcentagem de casos de abusos infantis em crianças que tiveram contato com Educação Sexual, levantando um interessante tema para possíveis discussões e oferecendo dados que comprovem a importância do tema trabalhado.

Ilustrando a posição dos alunos ao retomar a pergunta: “Após os temas e assuntos explanados na intervenção, você se sentiria melhor preparado para responder novamente as perguntas abaixo? Qual seria o seu posicionamento caso se deparasse com a posição contrária dos pais, em relação ao tema Gênero ser trabalhado com os alunos em sala de aula? Qual seria o seu posicionamento caso se deparasse com a posição contrária da direção (equipe gestora), em relação ao tema Gênero ser trabalhado com os alunos em sala de aula?”, o gráfico 32 representa as respostas dos alunos.



Gráfico 32 - Melhor preparo após a intervenção? Fonte: Criado pela pesquisadora.

Como sinalizado, 81,5% dos educandos enfatizaram um melhor preparo e uma melhor orientação para lidar com possíveis contradições em relação ao trabalho da Educação Sexual na Educação Infantil.

Além da afirmação, os alunos complementaram suas conclusões com contribuições pertinentes e enriquecedoras sobre o assunto.

A importância do estudo da Sexualidade para a formação das crianças enquanto indivíduo social apareceu como um dos complementos demonstrando que os alunos consideram o tema como relevante e fundamental para a formação íntegra do cidadão, desenvolvendo alunos críticos e reflexivos.

Alguns alunos se posicionaram como defensores do trabalho da Sexualidade no âmbito da Educação Infantil, pois ele fornece elementos para a construção da identidade das crianças desde a tenra idade.

A possibilidade de promover possíveis desconstruções e desmistificações dos preconceitos e estereótipos foi citada como consequência de uma Educação Sexual bem trabalhada e bem conceituada na Educação Infantil, demonstrando comprometimento em relação ao trabalho para sanar atitudes errôneas futuras.

A ciência como respaldo teórico em conjunto com o diálogo foi salientada como um possível posicionamento para discutir sobre a contrariedade dos pais e/ou equipe gestora.

O planejamento curricular como forma da organização docente e documental, a fim de expor o trabalho aos pais, as crianças e direção escolar, foi citado por alguns alunos como forma de esclarecimento dos conceitos, quebra de possíveis tabus sobre o assunto e a oferta de uma maior confiança entre professores e pais, para que o entendimento e a necessidade do assunto ser trabalhado no âmbito escolar prevaleçam. Os alunos ainda complementaram que as pessoas contrárias ao posicionamento profissional, assim o fazem por falta de conhecimento relacionado à importância do trabalho da Educação Sexual no âmbito educacional e suas contribuições para o desenvolvimento e formação das crianças.

Dentre os alunos que sinalizaram afirmativamente, alguns se posicionaram a favor de reuniões com o intuito de coletar informações anteriores sobre os conhecimentos para expor os conteúdos diante a demanda sinalizada, como foi realizado no decorrer da intervenção da pesquisa em questão. Outros educandos também enfatizaram elementos explanados durante o curso, demonstrando a internalização dos conceitos trabalhados. Alguns acreditaram na pertinência em expor aos pais e/ou gestores informações obtidas ao decorrer da aula que demonstram a importância do tema como: a oferta de todas as profissões a todos os alunos, independente do sexo, culminando na igualdade salarial e na quebra dos estereótipos, além da presença de um profissional com conhecimento e especializado na área da Educação Sexual para abordar o assunto, refletindo na possível conscientização de todos.

Continuando com as descrições, partindo para os alunos que responderam negativamente em relação ao preparo para lidar com a contrariedade de outros em relação ao trabalho profissional sobre Educação Sexual na Educação Infantil, 18% sinalizaram, mesmo com os esclarecimentos ofertados na intervenção, falta de conhecimento sobre o assunto.

Como complemento, citaram que apesar da escassez dos temas na graduação, o curso serviu como introdução ao assunto, porém a dificuldade ainda persiste em relação à abordagem do tema.

Alguns alunos utilizaram do espaço disponibilizado para admitir que a intervenção e todo o material disponibilizado “abriu um caminho por onde começar” (citação de aluno, 2018). A falta de preparo diante tantos assuntos importantes gerou a necessidade da busca pelo conhecimento.

Finalizo com a citação de um aluno com o intuito de futuras reflexões:

Acredito que como futuro educador infantil eu preciso me apropriar de todos os conhecimentos possíveis envolvendo a questão da diversidade: acredito que é possível sim construir um ambiente educacional onde o respeito por aquilo que é diverso prevaleça. E com tudo isso, sempre tentarei me apropriar do conhecimento sobre sexualidade. Preparado? Sempre! Acredito no conhecimento como a mais poderosa arma. Mas enfim, respondendo a questão, eu iniciaria um projeto na escola na qual aborde conhecimentos sobre o mesmo, tentando conscientizar os pais sobre a importância de se questionar o assunto, com isso implantando conceitos e diferenças sobre Educação Sexual e o ato sexual. É claro que para isso teria que me preparar um pouco mais, eu diria que fazer uma profunda pesquisa para absorver muito mais os conhecimentos necessários para produzir um ótimo trabalho. Faço apologia sim a educação sexual sendo aplicada na educação infantil, até na formação de professores, ampliando mais, desde a educação infantil até mesmo superior em todos os cursos, pois a educação sexual é um dever não só dos educadores, mas também das famílias e pessoas responsáveis por uma educação de qualidade. (citação de aluno, 2018).

## **6.2 Diurno – Compartilhando práticas**

O início do segundo dia de intervenção ocorreu em 29 de outubro de 2018 e abrangeu a revisão de alguns conceitos teóricos sobre os assuntos já trabalhados anteriormente. Logo após, a pesquisadora disponibilizou e apresentou a todos os materiais confeccionados para a

aplicação de atividades lúdicas que abarquem os temas de maneira leve e regados de conhecimento.

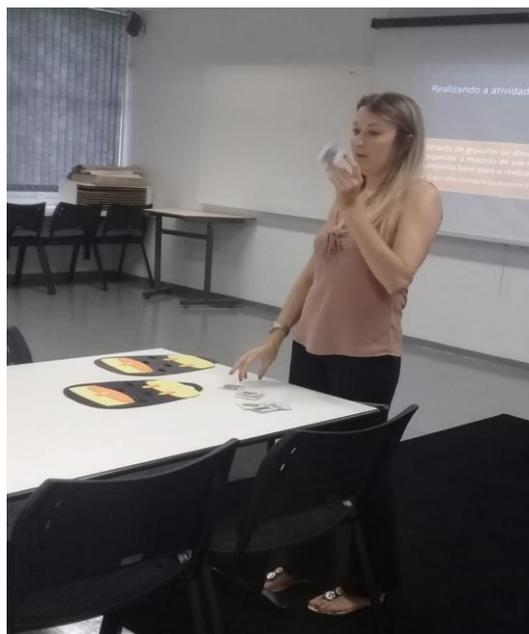
Conforme ocorria a apresentação das atividades selecionadas e dos materiais, foi proposto aos alunos que participassem e respondessem como se fossem as crianças, levando em consideração as opiniões que poderiam estar presentes na cultura infantil.

O primeiro material apresentado foi referente a atividade 1 intitulada “ O que se carrega na mochila de um menino e de uma menina?”. Nesse momento ocorreu a participação intensa dos alunos, os quais respondiam conforme o senso comum, uma vez que figuras previamente pensadas estavam presentes, com o intuito de, inicialmente influenciar os alunos a separarem propositalmente os objetos selecionados em brinquedos e/ou materiais escolares de meninas e de meninos.



Foto 8 - Material pedagógico. Fonte: Acervo pela pesquisadora.

Conforme o andamento da atividade, as explanações complementares ocorriam em concomitância, explicando e exemplificando, ilustrando os passos e concluindo a brincadeira demonstrando a gama de assuntos que poderiam ser abordados de acordo com as respostas, os objetos e as opiniões decorrentes da atividade.



*Foto 9 - Material didático. Fonte: Acervo da pesquisadora.*

A segunda atividade apresentada, intitulada “Caixa surpresa”, ocupou um tempo maior de participação diante a interação ocorrida durante as explicações além da diversidade de objetos selecionados.



*Foto 10 - Material didático. Fonte: Acervo da pesquisadora.*

Conforme a retirada das fichas ia acontecendo, os alunos eram provocados a separar os brinquedos entre: brinquedos de meninas, de meninos e de todos. Os imagens foram selecionados propositalmente indo ao encontro de estereótipos impostos culturalmente que faziam com que essa seleção fosse possível.

Logo após a discriminação de várias fichas entre as colunas apresentadas, a discussão perdurou diante as possibilidades de abordagem de tal atividade, com o intuito de promover discussões para possíveis desconstruções dos preconceitos enraizados na sociedade atual.



*Foto 11- Material didático. Fonte: Acervo da pesquisadora.*

Ao final do segundo dia da intervenção, em decorrência da aplicação prática dos conceitos, foi proposta a seguinte atividade:

- Em grupo, pensar em uma atividade lúdica para trabalhar gênero na Educação Infantil.<sup>6</sup>
  - Título;
  - Faixa etária;
  - Objetivo;
  - Materiais utilizados;
  - Como será realizada a atividade;
  - Possibilidades de abordagem.

Ao final da atividade, os alunos deveriam responder a seguinte pergunta:

---

<sup>6</sup> A atividade foi proposta para aplicação especificamente no âmbito da Educação Infantil, indo ao encontro do tema da pesquisa e de todo o conteúdo compartilhado com os alunos, porém, algumas atividades programadas por eles foram selecionadas para execução nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Mesmo diante o equívoco, o resultado final não foi comprometido.

- Como vocês consideram a importância da Educação Sexual ser trabalhada na formação inicial dos pedagogos?

De acordo com a quantidade de alunos presentes, 5 grupos foram formados sem a intervenção da pesquisadora, prezando pelas relações interpessoais existentes entre eles. A atividade foi realizada por todos, porém a resposta da última pergunta foi apresentada conforme o gráfico 33.

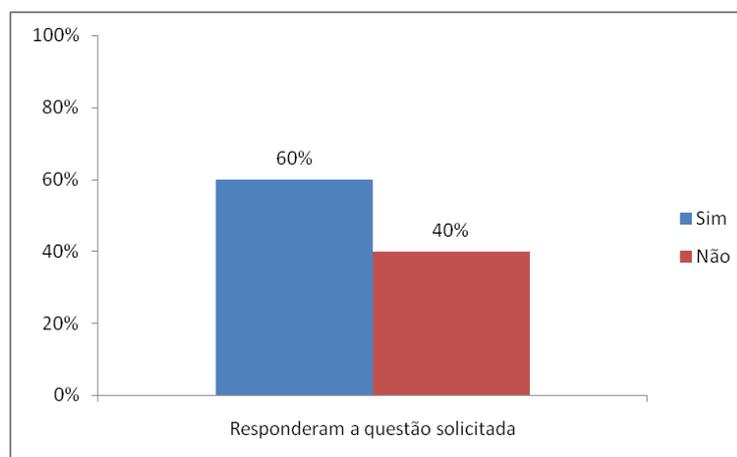


Gráfico 33 - Responderam a questão solicitada. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Conforme ilustrado, dos 5 grupos formados na sala, 60% responderam a pergunta solicitada ao final da apresentação e 40% optaram por não responder.

Os alunos foram separados em grupos para a realização do trabalho exposto. A seguir, transcorrirei as atividades realizadas pela turma do período diurno, seguida da resposta (ou não) da pergunta solicitada.

- Título: Como se brinca de...

Faixa etária: 4 e 5 anos

Objetivo: Levar a reflexão sobre as diversas possibilidades de brincar com os brinquedos, desconstruindo a concepção de que há brinquedos exclusivos para meninos e meninas.

Materiais utilizados: Papel/ lápis de cor

Como será realizada a atividade: Cada dia da semana um brinquedo será sugerido. As crianças deverão desenhar individualmente como brincam com esse brinquedo. Ao

final, um painel poderá ser montado e os desenhos evidenciados a todos. Por meio dele, fomentar o entendimento das diversas possibilidades de brincadeiras e como estas não devem ser diretamente relacionadas ao gênero.

Brincadeiras possíveis: corda; bola; boneca; carrinho; ferramenta.

Possíveis abordagens: contemplado acima.

Observação: caso haja resistência inicial em desenhar as brincadeiras, estimular a memória/imaginação das crianças com perguntas do tipo: nunca brincaram disso? Se sim, como foi? Já teve vontade e não conseguiu? Como você acha que seria se brincasse?

RESPOSTA: A importância refere-se à não reprodução em sala de aula de estereótipos de gênero e sexismo. Pode ainda embasar possibilidades de ações educativas que superem concepções preconceituosas e/ou violentas.

- Título: Descobrindo o corpo

Faixa etária: 4 anos

Objetivo: Apresentar as diferenças entre os corpos do homem e da mulher; gerar o autoconhecimento do corpo e estimular o cuidado com o mesmo; trabalhar as diferentes relações de gênero e o respeito com o outro e o seu espaço.

Materiais utilizados: papel kraft, lápis de cor, giz de cera, tinta, velcro, E.V.A. e o livro “Pipo e Fifi”.

Como será realizada a atividade:

1º momento – realizar a leitura do livro “Pipo e Fifi”.

2º momento – construção dos corpos (um para o homem e um para a mulher) em papel Kraft.

3º momento – confecção das roupas dos bonecos com tinta, lápis de cor ou giz de cera, sendo que cada criança produzirá uma parte da roupa e os amigos devem respeitar o que foi feito.

4º momento – construção dos órgãos sexuais com E.V.A. e velcro; colagem dos órgãos nos bonecos após realizar discussão e questionamento com a sala.

Possibilidades de abordagem: Porque usamos esse tipo de roupa em cada um desses bonecos? Porque essa cor de roupa? Qual o problema de usar outra? Porque colocamos esse órgão nesse corpo? Quem pode tocar nesse corpo? E cuidar dele? A quem esse corpo pertence? Porque meninos usam isso e meninas aquilo?

RESPOSTA: É importante estudar a educação sexual na formação inicial dos pedagogos, pois assim, ao chegarem na escola, saberão como enfrentar tantas dificuldades e saberá argumentar a importância de trabalhar determinado tema, e terá subsídio para responder as dúvidas das crianças.

- Título: Meu corpinho seu corpinho

Faixa etária: 5 anos

Objetivo: Desenvolver a sensibilidade das crianças em relação ao outro e a aceitação do outro e dela mesma.

Materiais utilizados: Kraft, canetinha.

Como será realizada a atividade: A professora irá desenhar o contorno de cada criança, sem fazer cabelo, roupa ou rosto, apenas o formato do corpo. A professora anotará o nome atrás e penduraria os desenhos e pediria para que cada um escolha um para terminar.

Possibilidades de abordagem:-

RESPOSTA: É muito importante para que o professor tenha meios de trabalhar em sala de aula.

Título: Isso é de quem?

Faixa etária: 5 a 7 anos

Objetivo: Mostrar que qualquer gênero pode usar tudo e ser tudo.

Materiais utilizados: Montagem de bonecos, podendo ser boneca pronta ou a partir de materiais como folhas, E.V.A.; roupas.

Como será realizada a atividade: Apresentaremos um conjunto de vestimenta e características, onde os alunos deverão sinalizar se é do gênero feminino, masculino ou os dois.

Possibilidades de abordagem: -

RESPOSTA: -

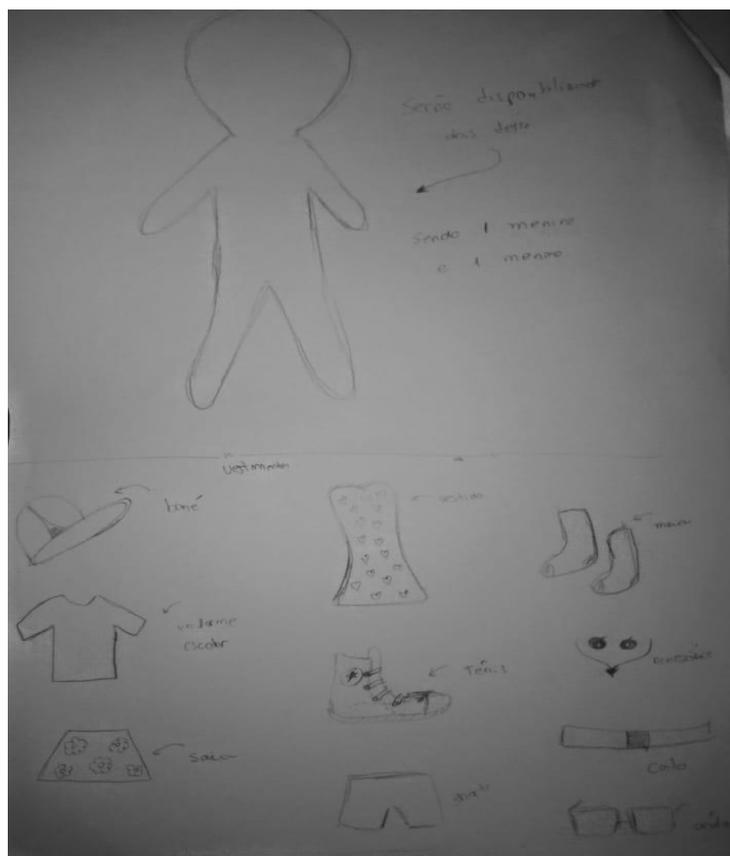


Foto 12 - Desenho explicativo da atividade: Isso é de quem? Fonte: Acervo da pesquisadora.

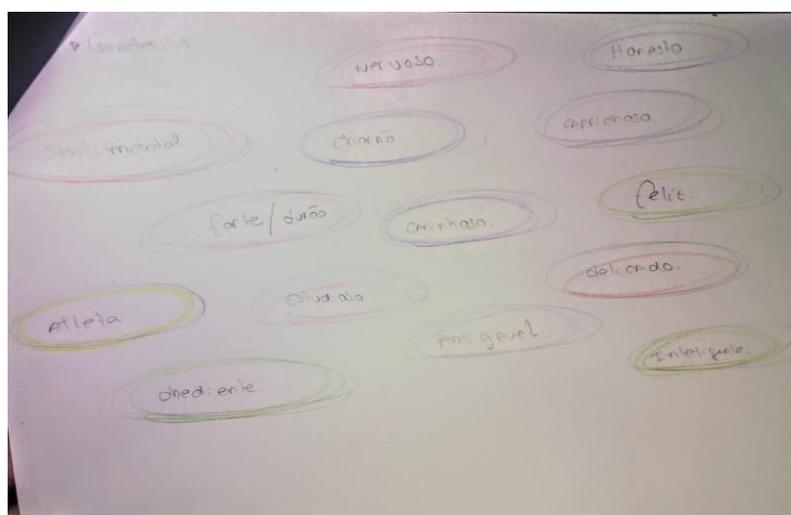


Foto 13 - Desenho explicativo da atividade: Isso é de quem? Fonte: Acervo da pesquisadora.

- Título: Contação de história de super-heróis ou temáticas do cotidiano.  
Faixa etária: 4 e 5 anos.

**Objetivo:** O intuito dessa atividade é fazer com que os alunos compreendam que não há problemas em meninos encenarem por meio de personagens femininos e meninas encenarem papéis masculinos. Fazer com que eles problematizem os estereótipos postos na sociedade sobre as ações que são consideradas como padrões a serem seguidos por meninos, meninas, homens e mulheres.

**Materiais utilizados:** Caixa de papelão de tamanho médio, objetos que representem um personagem em uma história (pode ser feito com fichas que contenham a representação de um objeto e/ou personagem).

**Como será realizada a atividade:** Separar a classe em dois grupos. Pedir para um dos grupos pegar um ficha ou um objeto dentro da caixa misteriosa para representarem o grupo dos narradores da história. O professor mediará a ação do grupo de narradores para que eles compreendam que devem contar uma história que tenha começo, meio e fim. Além dos outros aspectos que envolvem a narração.

**Possibilidades de abordagem:** O professor poderá realizar essa atividade lúdica tanto como mediação inicial como mediação final, para que seja possível ser abordado as questões de sexismos, estereótipos sociais de gênero e também sobre identidade com a classe.

**RESPOSTA:** -

### **6.3 Noturno – Compartilhando práticas**

Assim como a turma do diurno, os alunos do noturno se depararam no dia 29 de outubro de 2018, com uma breve revisão dos conceitos considerados de suma importância para o entendimento das atividades selecionadas. A recapitulação abrangeu concepções de infância, gênero e Educação Sexual com o intuito de fornecer novamente elementos que fortaleçam a internalização do conhecimento.

A parte prática deu início com a atividade 1 intitulada “O que se carrega na mochila de um menino e de uma menina?”. Os educandos participaram, selecionaram os objetos e discriminaram entre meninos e meninas, criando uma possível representação do que poderia ocorrer em sala de aula com a presença e atuação das crianças.

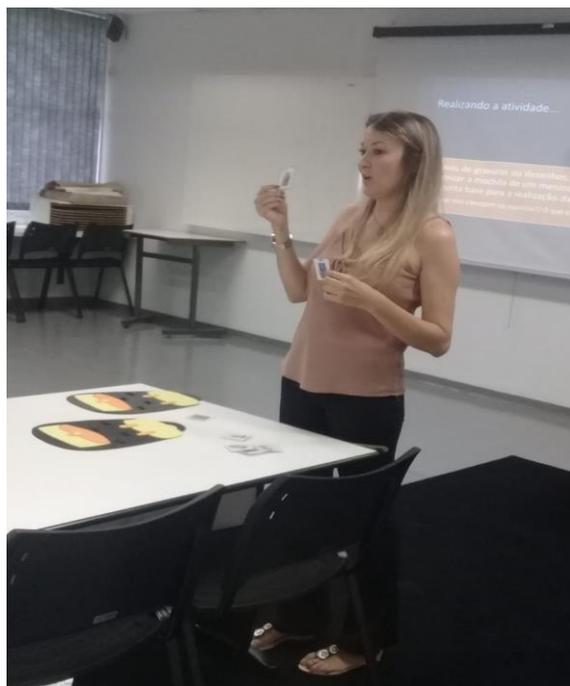


Foto 14 - Material didático. Fonte: Acervo da pesquisadora.

A caixa surpresa foi logo em seguida apresentada e contou com a também participação assídua de todos. Os alunos demonstraram interesse em todas as etapas apresentadas e cooperaram com o trabalho proposto.

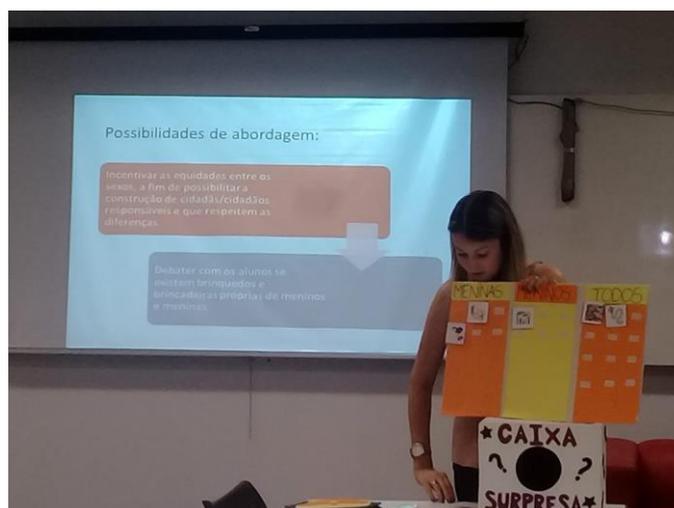


Foto 15 - Material didático. Fonte: Acervo da pesquisadora.

Aos alunos do período noturno também foram solicitados a preparação de uma atividade em grupo, a qual eles deveriam apresentar uma prática lúdica para trabalhar Educação Sexual na Educação Infantil, além de responderem a pergunta solicitada.

Todos participaram e entregaram o registro da atividade e o gráfico 34 ilustra o percentual que respondeu a questão indicada ao final das instruções apresentadas.

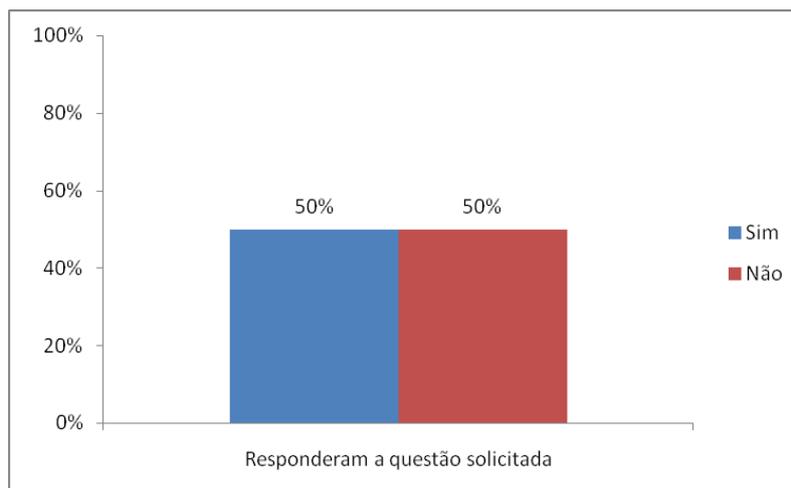


Gráfico 34 - Responderam a questão solicitada. Fonte: Criado pela pesquisadora.

Dos 8 grupos formados, 50% responderam a pergunta, ao passo que os demais 50% optaram por não responder.

A seguir ocorrerá a transcrição das atividades apresentadas pela turma do noturno, seguida da resposta dos grupos que assim a fizeram.

- Título: Todo mundo pode brincar?

Faixa etária: 4 a 5 anos.

Objetivo: Mostrar as crianças através dos objetos em destaque, tentando abordar as brincadeiras “socialmente definidas” (futebol, cozinha). O intuito é de tentar desconstruir aquela concepção social de que existem brincadeiras específicas para meninos e meninas.

Materiais utilizados: carro, bola, bonecos de ação, boneca, panelinhas, lousa.

Como será realizada a atividade: Como ponto de partida a sala será dividida em 3 grupos: cada grupo irá ficar com dois brinquedos e a professora pedirá a interação dos

alunos com os brinquedos, caso ocorra alguma resistência devido ao contexto social, onde o menino deve somente brincar com bolas e as meninas de bonecas.

Possibilidade de abordagem: O professor tentará mediar para quebra de paradigmas na qual as crianças possam tratar com naturalidade toda a forma de brincar.

RESPOSTA: -

- Título: Brincando de profissões.

Faixa etária: 4 -5 anos.

Objetivo: Relacionar instrumentos as devidas profissões, desmistificando estereótipos.

Materiais utilizados: Chave de fenda, máscara de dentista, escova de cabelo, esmaltes, objetos que identifiquem uma determinada profissão.

Como será realizada a atividade: As crianças poderão escolher os objetos com o exercerão uma dada profissão.

Possibilidades de abordagem: O professor poderá discutir estereótipos impregnados nos objetos e em suas profissões, desmistificando-os, propondo ao final, uma troca.

RESPOSTA: -

- Título: O que precisamos para brincar?

Faixa etária: 5ª etapa.

Objetivo: - Desconstruir as concepções que as crianças tem sobre os gêneros e as brincadeiras. – Compreender as habilidades desenvolvidas nas atividades motoras.

Materiais utilizados: brinquedos diversos.

Como será realizada a atividade: Caso haja dia do brinquedo na escola, reunir os alunos para uma roda de conversa, onde nesse espaço eles vão compartilhar os brinquedos que levaram e a cada exposição de brinquedos indaga-los sobre “o que é necessário para brincar com aquele brinquedo?”, para que as crianças vejam que os colegas tem os mesmos meios necessários para brincar com os brinquedos independente do gênero; caso não tenha o dia do brinquedo utilizar os brinquedos que eles tem acesso na escola.

Possibilidades de abordagem: Gênero, equidade.

RESPOSTA: Consideramos que a formação inicial dos pedagogos necessita da formação sexual para que nós enquanto docentes tenhamos conhecimento e esclarecimento sobre o assunto, para que sejamos capazes de trabalhar de maneira

adequada com os alunos o reconhecimento do seu corpo, a formação da sua identidade e o respeito para como outro.

- Título: Cenas de Gêneros

Faixa etária: 4 a 5 anos.

Objetivo: Problematizar e conhecer conceitos de gênero presentes nas práticas de crianças durante as brincadeiras. Reinterpretar a cultura legitimada socialmente.

Materiais utilizados: sala de aula como cenário para atuação.

Como será realizada a atividade: Dividir a sala em duplas ou trios para que por meio do faz de conta eles se expressem ou criem situações vividas no cotidiano da vida adulta. Cada grupo escolherá uma atividade que represente as mulheres e outra para os homens ou ainda que represente os dois gêneros.

Possibilidades de abordagem: A partir das encenações será problematizado aos alunos se as atividades só podem ser realizadas pelo gênero pré-determinado.

RESPOSTA: Pedagogos que já estão exercendo sua profissão, muitas vezes sentem-se despreparados para trabalhar conteúdos relacionados à sexualidade, principalmente quando surgem espontaneamente situações relacionadas à temática ao decorrer das atividades escolares. Desta maneira, a Educação Sexual quando trabalhada na formação inicial do pedagogo dá a ele subsídios, ainda que minimamente, de como reagir e desenvolver esses conteúdos de maneira satisfatória.

- Título: Caixa da Diversidade

Faixa etária: A partir de 4 anos.

Objetivo: Trabalhar o conceito de gênero, diversidade e respeito.

Materiais utilizados: Dois baldes (azul e rosa), brinquedos diversos (bola, boneca, peão, panelinha, corda).

Como será realizada a atividade: Espalhar os brinquedos pela sala e pedir para que as crianças organizem o que eles consideram ser brinquedos de menino e menina.

Possibilidades de abordagem: Questionar, perguntando porque eles consideram que isso ou aquilo é de menino ou menina. Deixar que reflitam e se expressem, para que cheguem ao ponto se realmente só menino brinca com o de menino e vice-versa. Vão chegar ao ponto que não existe essa diferença, todos brincam de tudo e como que quiser.

RESPOSTA: -

- Título: Quem trabalha de quê?

Faixa etária: 6/7 anos

Objetivos: Identificar quais percepções os alunos tem em relação a funções desempenhadas por homens e mulheres e desconstruir possíveis estereótipos de gênero.

Materiais utilizados: lousa, giz, figuras impressas, laboratório de informática.

Como será realizada a atividade: No primeiro momento o professor irá mapear as profissões dos pais dos alunos em sala. Posteriormente o professor apresentará imagens de pessoas sem as características de suas profissões e perguntará a turma quais profissões elas acham que eles desempenham (tudo será anotado na lousa). No terceiro momento o nome dessas personalidades será revelado e então os alunos irão fazer uma pesquisa sobre essas pessoas. Ao final, no último dia do projeto, as crianças podem ir fantasiadas das personalidades que foram pesquisadas.

RESPOSTA: Consideramos de extrema importância, principalmente partindo do princípio de que o pedagogo trabalha com a formação e desenvolvimento inicial do ser humano e, portanto, precisa estar preparado para lidar com esse tema a fim de favorecer o rompimento de uma cultura preconceituosa.

- Título: As cores

Faixa etária: 4 – 5 anos.

Objetivo: Mostrar para as crianças que cores não possuem gênero, logo não existe cor de menina e menino.

Materiais utilizados: tinta guache, saquinhos plásticos.

Como será realizada a atividade: Introdução com a música “misturando as cores”, seguida da roda de conversa onde se introduzirá a questão de gênero, após isso as crianças realizarão uma atividade onde irão misturar a tinta no saquinho, desconstruindo a questão do gênero em cima da cor.

Exemplo: a mistura do rosa + azul que dá o roxo, sendo essa a cor “sem gênero”, logo se o roxo não possui gênero, o rosa e o azul também não possuem.

Possibilidade de abordagem: Desconstrução de gênero.

RESPOSTA: Acreditamos que seja de alta relevância, pois a maioria não sabe da importância deste assunto e nem como trabalhar com este assunto em sala de aula.

- Título: A roleta das profissões



Foto 16 - Desenho explicativo da atividade: Roleta de profissões. Fonte: Acervo da pesquisadora.

Faixa etária: 1º ao 5º ano.

Objetivo: Combater o sexismo promovendo a igualdade dentro das profissões.

Materiais utilizados: papelão, lápis de cor, E.V.A., velcro.

Como será realizada a atividade: Será organizada uma fila de crianças, onde na sua vez cada uma irá rodar a roleta das profissões, pegar roupa em que a flecha da roleta parar e escolher qual boneco vestir, a boneca ou boneco.

Possibilidades de abordagem: Depois que todos participarem a professora deve discutir o tema a fim de desconstruir os estereótipos que estão enraizados socialmente e culturalmente, desconstruindo a hierarquização imposta aos gêneros.

RESPOSTA: -

Finalizando a apresentação das atividades realizadas pelas turmas, de acordo com a exposição, torna-se notório o empenho e a participação de todos por meio de práticas interessantes, muito bem pensadas e elaboradas, além de poder observar elementos que comprovem o entendimento dos alunos por meio da intervenção aplicada anteriormente.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante os estudos apresentados (ou a falta deles), constatamos as lacunas existentes no que diz respeito ao trabalho da Educação Sexual e Gênero no âmbito escolar. Se atrelado à Educação Infantil, tais temas tornam-se ainda mais escassos, uma vez que a sexualidade representa um assunto complexo envolto em diferentes representações culturais e pensar em conhecimentos atados à infância e as crianças geram possíveis desconfortos e represálias por parte da sociedade ou até mesmo de alguns educadores. Portanto, criar métodos que forneçam informações e fundamentos pertinentes para a compreensão da importância da Educação Sexual, torna-se fundamental para o início de uma longa caminhada.

Este hiato constatado pode ser explicado pela falta de conhecimento (não) transmitido durante a formação inicial, fazendo com que os discentes rotulem seu despreparo em relação à temática exposta no decorrer da pesquisa e a falta de estudos relacionados ao assunto em questão reflete na omissão do conhecimento e culmina em preconceitos e pré-julgamentos culturalmente imersos na sociedade.

Retomando os objetivos propostos na pesquisa, constatamos que a aplicação do questionário refletiu em uma ferramenta essencial para compreender as concepções e percepções de Gênero no âmbito da Educação Infantil que os pedagogos de uma Universidade Pública carregam.

Para atingir os objetivos, a escolha da pesquisa-ação retratou o sucesso do trabalho por fornecer elementos eficazes para ir ao encontro das problemáticas destacadas, uma vez que tal instrumento encontra-se interligado às questões práticas e acaba por indicar ações a serem seguidas, tal qual a intervenção aplicada com o intuito de buscar melhorias na formação docente.

Conforme os apontamentos indicados nas poucas pesquisas encontradas e no decorrer dos estudos, torna-se evidente que a postura adotada pelo profissional educacional, além das influências refletidas pelas famílias e pela sociedade, acaba por manifestar positiva ou negativamente na construção identitária das crianças, na socialização delas com seus pares e em suas atitudes comportamentais. Meninas condicionadas a brincadeiras maternas, miniaturas de utensílios domésticos, assim como ter a sua imagem vinculada a padrões ideais estéticos e a comportamentos sensíveis, acabam por entender que a sua posição deve ser inserida no âmbito deste contexto. Ao passo que meninos que observam sua figura atrelada à

força física, coragem e insensibilidade, entendem que esse é o comportamento esperado por eles socialmente.

De acordo com a defasagem sinalizada, a proposta da elaboração da intervenção foi sistematizada abrangendo um conjunto de atividades lúdicas, com o intuito de enfatizar conceitos e sanar possíveis dúvidas aparentes, favorecendo uma melhor prática docente e possibilitando reflexões críticas do professor em formação sobre a Infância e Gênero, além de suas relações no âmbito educacional. A proposta abrangendo a formação e sua instrumentalização/materialidade apresentou-se como o foco da pesquisa, refletindo no motor propulsor dos estudos e, como consequência, nos avanços adquiridos com o término da intervenção.

Toda essa segregação e diferenciação enraizada culturalmente refletem as relações de poder existentes e culminam na construção das hierarquias de gênero, posicionando cada qual em um patamar no interior da sociedade.

Se o *habitus* docente enquadra-se em um dos fatores de influência cultural e comportamental estudantil, como garantir que as crianças estejam imersas em um ambiente libertário? Como garantir que a Educação Sexual e suas vertentes não se tornem ocultas no âmbito escolar?

A pesquisa relatou conforme os resultados aparentes com a aplicação do questionário, uma defasagem existente no que diz respeito à aprendizagem sobre Educação Sexual e Gênero. Em sua grande maioria, os futuros profissionais educacionais relatam a falta de conteúdo como assunto. De acordo com a ausência constatada de uma formação inicial crítica e emancipatória, sobre as questões da Sexualidade e Gênero, compreendemos a necessidade de investimento na área em questão no que diz respeito ao preparo dos pedagogos para agir e lidar com confiança, respaldo e autonomia no âmbito escolar. A demanda existe e insiste. Portanto, investir no processo de formação inicial encontra-se como um dos caminhos hábeis para criar possibilidades reais de mudanças.

O trabalho da Educação Sexual envolve não somente questões físicas que tratam o conhecimento do corpo, higiene e auto cuidados, como questões sociais envolvendo o cuidado com o outro, o respeito ao limite do outro, respeito à diversidade que, consequentemente acarretará na possível desconstrução de preconceito.

Esse direito deve ser garantido e, para assegurar uma educação igualitária, devemos investir na formação docente refletindo em profissionais especializados e capacitados.

A busca pelo conhecimento deve ser constante para que a qualidade educacional prevaleça. Oferecer um ambiente igualitário que aproxima as crianças e eleva suas particularidades e individualidades, fortalecendo o respeito mútuo, é garantir o direito à educação, desmistificar tabus, desconstruir paradigmas e estereótipos presentes fortemente no contexto social.

Finalizando com algumas possíveis contribuições para pesquisas futuras na área, para nós pesquisadores e estudiosos educacionais, resta-nos questionarmos: quais as formas de contribuição para o investimento na formação inicial, fornecendo conhecimentos específicos no âmbito da graduação? Como alavancar as pesquisas na área da Educação Sexual? Como desmistificar a redoma idealizada em torno da sexualidade?

## 8 APÊNDICE

### 8.1 Questionário

#### 1. Identificação do Participante

Idade: \_\_\_\_\_ anos

Sexo: \_\_\_\_\_

#### 2. Formação acadêmica

Possui outra formação além da Pedagogia? Se sim, qual?

R: \_\_\_\_\_

Possui experiência profissional ou de estágio na área da educação?

R: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

#### 3. Questões pessoais e formativas

Você já teve algum contato com Educação Sexual em sua vida escolar ou familiar? Se sim, quais são suas recordações?

(\_\_\_\_) sim – na Escola

(\_\_\_\_) sim – na Família

(\_\_\_\_) sim – na Escola e na Família

(\_\_\_\_) Não tive nenhum contato com Educação Sexual na Escola e na Família

(\_\_\_\_) Tive em outro espaço-instituição Qual?: \_\_\_\_\_

Como estudante do final do curso de Pedagogia, qual(is) a(s) diferença(s) entre a sua infância e a infância atual?

R: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

---

---

---

Como estudante do final do curso de Pedagogia, qual(is) a(s) semelhança(s) entre a sua infância e a infância atual?

R: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Como estudante do final do curso de Pedagogia, você acha que a Educação Sexual e o Gênero devem fazer parte dos conteúdos escolares da Educação Básica?

sim

não

Não tenho conhecimento sobre o conteúdo da Educação Sexual e Gênero

Sendo a Orientação Sexual um dos conteúdos transversais já sinalizados nos Parâmetros Nacionais Curriculares, quando você considera ser importante o início da Educação Sexual no ambiente escolar?

Educação Infantil

Ensino Fundamental (1º ao 5ª ano)

Ensino Fundamental (6º ao 9ª ano)

Ensino Médio

Em nenhum nível escolar

Como estudante universitário, você teve formação específica nas disciplinas do Curso de Pedagogia sobre Educação Sexual e Gênero?

sim

não

#### 4. Posicionamento e prática profissional

Imagine-se como professor/a de uma turma de Educação Infantil. Qual seria a sua intervenção diante das situações apresentadas?

Sua turma possui alunos entre três e quatro anos, sendo sete meninos e seis meninas. Todos estão entretidos e felizes brincando com fantasias. Um de seus alunos, um menino, escolhe vestir a fantasia da Cinderela, enquanto que uma menina resolve ser o Homem Aranha. Qual seria a sua intervenção?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

No pátio da escola, as crianças se dividem em dois grupos: meninas brincam de boneca e meninos jogam futebol. Uma menina aproxima-se do jogo e pede para participar, enquanto que um menino demonstra interesse pelas bonecas. Ambos são rejeitados pelos grupos em questão. Qual seria a sua intervenção?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

A partir de seu posicionamento diante as situações anteriores, qual seria a sua atitude ao se deparar com a posição contrária dos pais?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

A partir de seu posicionamento diante as situações anteriores, qual seria a sua atitude ao se deparar com a posição contrária da coordenação/direção da escola?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Possui alguma dúvida ou comentário sobre os temas explanados?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Obrigada pela colaboração!

## 8.2 Termo de consentimento e autorização

Pelo presente documento, eu, \_\_\_\_\_, portador do CPF n. \_\_\_\_\_, autorizo a aluna Ariane Crociari, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus de Araraquara: para o uso e análise dos dados coletados nas salas do 4º ano de Pedagogia, ano de 2018, na disciplina: Jogos, Brinquedos e Brincadeiras na Educação da Infância, sob a responsabilidade da professora e orientadora Marcia Cristina Argenti Perez, na pesquisa intitulada: “Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo” que resultará em sua dissertação de mestrado, assim como em publicação e divulgações científicas. O Depoente terá seu anonimato garantido. Em nenhum momento será citado o nome de qualquer pessoa que apareça nas atividades de coleta de dados.

Sendo assim, firmo a presente declaração em uma via como instrumento eficaz que representam nossos direitos.

Local \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ data.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Depoente

\_\_\_\_\_

Pesquisadora

Obrigada pela colaboração!

## 9 REFERÊNCIAS

- Araujo, L., & Barreto, A. (2009). *Gênero e Diversidade na escola: Formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-raciais*. Caderno de atividades. Rio de Janeiro: CEPESC.
- Ariés, P. (1973). *História social da criança e da família*. 2a ed., Rio de Janeiro: Guanabara.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Brasil. (2017). *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME.
- Brasil. (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental*. — Brasília: MEC/SEF.
- Brasil (2019). *Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: Propostas de Práticas de Implementação*. Recuperado em 20 de dezembro, de [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao\\_temas\\_contemporaneos.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf)
- Buss-Simao, M. (2013a). *Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil*. *Rev. Bras. Educ.* [online], Vol. 18, n.55, pp.939-960.
- Buss-Simao, M. (2013b). *Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche*. *Cad. Pesqui.* [online], Vol. 43, n.148, pp.176-197.
- Caristina, J. (2019, abril). *Couro Fino é multada por “adultização” e erotização infantil*. Recuperado em 20 de maio, 2019 de <http://www.intervalolegal.com.br/2019/04/08/couro-fino-e-multada-por-adultizacao-e-erotizacao-infantil/>
- Chartier, R. (2009). (Org.) *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Vol. 3, São Paulo: Companhia das Letras.
- Corrêa, G.C.G., Campos, I.C.P., & Almagro, R.C. (2018, janeiro/abril). *Pesquisa-ação: uma abordagem prática de pesquisa qualitativa*. Vol.2, n.1, pp.62-72. Sorocaba: Ensaios

Pedagógicos. Recuperado em 02 de setembro, 2019 de <http://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/60/89>.

Crociari, A., & Perez, M. C. A. (2018). *Docência, Gênero e Educação Infantil: sistematizando os poucos estudos encontrados*. (2018). Anais do III Congresso de Educação PET Pedagogia, In XII Amostra de Pesquisas em Educação. Marcia Cristina Argenti Perez (Org.), p.160, Araraquara, SP, Brasil.

Cruz, N., & Dantas, R. (2013). *A infância roubada na publicidade da Couro Fino*. Recuperado em 03 de setembro, 2017 de <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/a-infancia-roubada-na-publicidade-da-couro-fino-3144/>.

Cunha, M. de F. (2001). *Homens e mulheres nos anos 1960/70: Um modelo definido?* Recuperado em 10 de janeiro, 2018 de <http://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/2665/2202>.

D'Amorin, M. A. (1997). *Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros*. Recuperado em 09 de janeiro, 2018 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v5n3/v5n3a10.pdf>.

Del Priore, M. (2013). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Durães, S. J. A. (2011, setembro/dezembro). *Aprendendo a ser professor(a) no século XIX: algumas influências de Pestalozzi, Froebel e Herbart*. Educ. Pesqui. Vol.37, no. 3, São Paulo. Recuperado em 02 de setembro, 2019 de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022011000300002&lang=pt#end](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000300002&lang=pt#end).

Fabrizio, M., Morra, G., Filho, A. P., & Moraes, V. (1983). *Aquarela*. Recuperado em 12 de janeiro, 2020 de <https://www.letras.mus.br/toquinho/49095/>.

Falcão, J. T. da R., & Régnier, J. (2000, maio/agosto). *Sobre os métodos quantitativos na pesquisa em ciências humanas: riscos e benefícios para o pesquisador*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, Vol. 81, n. 198, pp. 229-243.

Faria, A. L. G. de. (2006). *Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte*. Cad. Pagu [online], n. 26, pp.279-287.

- Faria, N., & Nobre, M. (2003). *O que é ser mulher? O que é ser homem? Subsídios para uma discussão das relações de gênero*. In: COORDENADORIA especial da mulher (org.). *Gênero e educação: caderno para professores*. São Paulo, Secretaria Municipal de Educação, pp. 29-42.
- Felipe, J., & Guizzo, B. S. (2003). *A erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo*. In Pro-Posições. n. 3, Vol. 14.
- Fernandes, O. de S., & Elali, G. A.(2008) *Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: o que aprendemos observando as atividades das crianças*. [online], Vol. 18, n. 39, pp.41-52, Ribeirão Preto: Paidéia.
- Ferreira, A. B. de H. (1993). *Minidicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda*; coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos; equipe Elza Tavares Ferreira [et al]. 3a ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Figueiró, M. N. D. *Educação sexual: como ensinar no espaço da escola*. Revista Linhas, Florianópolis, v. 7, n.1, p. 1-21 2006. Recuperado 19 de dezembro, 2019 de <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323/1132>.
- Figueiró, M. N. D. (2012). *Sobre mim*. Recuperado em 09 de julho, 2019 de <http://www.maryneidefigueiro.com.br/>.
- Foucault, M. (1985). *História da sexualidade: a vontade de saber*. 17a ed., Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Gatti, B. A. (2004, janeiro/abril). *Estudos quantitativos em educação*. Educação e Pesquisa, São Paulo, Vol. 30, n.1, pp. 11-30.
- Guerra, L. A. (n.d.) *Estereótipo*. Recuperado em 09 de setembro, 2018 de <https://www.infoescola.com/sociologia/estereotipo/>.
- Heywood, C. (2004). *Uma história da infância: Da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Jaeger, A. A., & Jacques, K. (2017). *Masculinidades e docência na educação infantil*. Rev. Estud. Fem. [online], Vol. 25, n.2, pp.545-570.

- Leão, A. M. C. (2012). *A percepção do(a)s professore(a)s e coordenadore(a)s dos cursos de Pedagogia da Unesp quanto à inserção da sexualidade e da educação sexual no currículo: analisando os entraves e as possibilidades para sua abrangência*. Relatório de Pós-Doutorado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.
- Leão, A. M. de C., & Ribeiro, P. R. M. (2013). *Curso de formação inicial em sexualidade: relato de uma proposta interventiva*. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 8, n. 3, p. 609-638. Recuperado em 18 de fevereiro, 2018 de <http://hdl.handle.net/11449/125364>.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação/ Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Louro, G. L. (2008, maio/agosto). *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Pro-Posições, Vol. 19, n. 2 (56).
- Lüdke, M., & André, M. (2015). *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. pp. 12-28, Rio de Janeiro: EPU.
- Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2011). *Educação Sexual: Princípios para a ação*. Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação. Vol. 15, n. 1, pp. 75-84.
- Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2011). *Educação sexual: princípios para ação*. Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação, Vol. 15, n. 1, pp. 41-51. Recuperado em 20 de outubro, 2017 de <http://hdl.handle.net/11449/124985>.
- Maia, M. S. G. (2015). *Infância e erotização na sociedade de consumo: Análise da campanha publicitária da marca cearense Couro Fino*. Recuperado em 31 de outubro, 2017 de [http://anais-comunicon2015.espm.br/GTs/GT3/13\\_GT03-MAIA.pdf](http://anais-comunicon2015.espm.br/GTs/GT3/13_GT03-MAIA.pdf).
- Margonari, D. M., & Braga, A. X., Junior. (2015). *O humor das tiras em quadrinhos na educação para a diversidade sexual*. Recuperado em 10 de janeiro, 2018 de <http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8339/5647>.
- Mariano, M., & Altmann, H. (2016). *Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas?*. Cad. Pagu [online], n. 46, pp.411-438.
- Minela, L. S. (2016, janeiro/junho). *Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil*. Cadernos Pagu (26).

*Mônica*. (2016). Recuperado em 10 de janeiro, 2018 de <http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/monica/>.

Monteiro, M. K., & Altmann, H. (2014). *Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação*. Cad. Pesqui. [online], Vol. 44, n. 153, pp.720-741.

Moreira, D. A. F. (2015). *Compreendendo a sexualidade infantil nas relações de gênero: o lúdico como estratégia educativa*. Recuperado em 19 de dezembro, 2019 de [http://wwws.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao\\_sexual/3691.pdf](http://wwws.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_sexual/3691.pdf).

Nicolau, V., & Magalhães, H. (2013). *As tirinhas e a cultura da convergência: um estudo sobre a adaptação deste gênero dos quadrinhos às novas mídias*. pp. 63 -79, Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora.

*O nascimento da pílula*. (2016, agosto) Recuperado em 03 de janeiro, 2018 de <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-nascimento-da-pilula>.

Paladino, P. (2010). *Anos 60: a década da virada*. Recuperado em 04 de janeiro, 2018 de [http://www.paranavaianos60.com/2010/news\\_2.php](http://www.paranavaianos60.com/2010/news_2.php)

Piccolo, G. M. (2011). *Educação infantil: análise da manifestação social do preconceito na atividade principal de jogos*. Educ. Soc. [online], Vol. 32, n. 114, pp.205-221.

Postman, N. (1999). *O desaparecimento da infância*. Tradução Suzana Menescal, São Paulo: Graphia Editorial.

*Publicidade infantil: Publicidade Lilica Ripilica*. (2014, novembro). Recuperado em 03 de janeiro, 2018 de <https://publicidadeinfantil.wordpress.com/2014/11/24/publicidade-lilica-ripilica/>.

Ruis, F. F. (2015). *Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes*. (Dissertação de mestrado) . Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.

Salgado, R. G. (2012). *Da menina meiga à heroína superpoderosa: infância, gênero e poder nas cenas da ficção e da vida*. Cad. CEDES [online], Vol. 32, n. 86, pp.117-136.

Salgado, R. S., & Mariano, C. L. S. Oliveira, E. S. A. (2015, outubro). *Entre a inocência e o profano: a sexualidade na infância contemporânea*. 37ª Reunião Nacional da ANPED, UFSC – Florianópolis, SC.

- Scott, J. W. (1995, julho/dezembro). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & Realidade*, Vol. 20, n. 2, pp. 71-99, Porto Alegre, RS.
- Silva, I. de O., & Luz, I. R. da. (2010). *Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero*. *Cad. Pagu* [online], n. 34, pp.17-39
- Silva, S. V. (2000, novembro). *Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações*. Biblio3W. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9796] Nº 262. Recuperado em 08 de setembro, 2019 de <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/1212/Os%20estudos%20de%20g%C3%AAnero%20no%20Brasil%20algumas%20considera%C3%A7%C3%B5es.pdf?sequence=1>.
- Silveira, N. S. P. da. (2006). *A diversidade de gênero e as diferenças e semelhanças na hierarquia de valores do trabalho de homens e mulheres no chão de fábrica*. *Revista de Gestão USP*, São Paulo, Vol. 13, n. especial, pp. 77-91.
- Sobre 20 anos de história*. (n.d.). Recuperado em 31 de outubro, 2017 de <http://www.courofino.com.br/>.
- Soihet, R., & Pedro, J. M. (2007). *A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero*. Recuperado em 06 de janeiro, 2018 de [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Historia/artigos/SOIHET.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/artigos/SOIHET.pdf).
- Takahashi, F. (2013). *Muita teoria e pouca prática formam os professores*. Recuperado em 12 de fevereiro, 2020 de <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2013/08/1321237-formacao-do-professor-tem-muita-teoria-e-pouca-pratica.shtml>.
- Tanajura, L. L. C., & Bezerra, A. A. C. (2015, janeiro/junho). *Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas*. *Rev. Eletrônica Pesquiseduca*, Vol. 07, n. 13, p.10-23, Santos, SP.
- Tancredi, R. M. S. P. (2009). *Aprendizagem da docência e profissionalização: elementos de uma reflexão*. São Carlos: EdUFSCar, 62 p. Coleção UAB-UFSCar
- Tirinhas Turma da Mônica*. (2016). Recuperado em 10 de janeiro, 2018 de <http://turmadamonica.uol.com.br/tirinhas/index.php?a=1>

Tripp, D. (2005, setembro/dezembro). *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, Vol. 31, n. 3, pp. 443-466. Recuperado em 16 de setembro, 2019 de <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>.

Vianna, C., & Finco, D. (2009). *Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder*. Cad. Pagu [online], n. 33, pp.265-283.

Vygotsky, L.S. (1984). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Xavier, C., Filha. (2014). *Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância*. Educ. rev. [online], n.spe-1, pp.153-169.

Zanata, E. M. (2018) *A prática de ensino e o estágio curricular supervisionado no curso de Pedagogia : desafios e possibilidades* [recurso eletrônico] / Eliana Marques Zanata e Vera Lúcia Messias Fialho Capellini(organizadoras). -- São Paulo : Cultura Acadêmica. Recuperado em 11 de fevereiro, 2019 de <https://www.fc.unesp.br/#!/ensino/pos-graduacao/programas/mestrado-profissional-em-docencia-para-a-educacao-basica/publicaes/>